

GEORGE R. R. MARTIN

O CAVALEIRO DE WESTEROS & OUTRAS HISTÓRIAS

Tradução de Jorge Candeias

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

ÍNDICE

INTRODUÇÃO: AS SOLITÁRIAS CANÇÕES DE LAREN DORR	9
AS SOLITÁRIAS CANÇÕES DE LAREN DORR	17
INTRODUÇÃO: O CAVALEIRO DE WESTEROS	35
O CAVALEIRO DE WESTEROS	36
INTRODUÇÃO: UMA CANÇÃO PARA LYA	112
UMA CANÇÃO PARA LYA	119
INTRODUÇÃO: A CIDADE DE PEDRA	179
A CIDADE DE PEDRA	181
INTRODUÇÃO: FLORMORDENTES	216
FLORMORDENTES	217
INTRODUÇÃO: O CAMINHO DE CRUZ E DRAGÃO	241
O CAMINHO DE CRUZ E DRAGÃO	243
INTRODUÇÃO: REIS-DE-AREIA	261
REIS-DE-AREIA	267
INTRODUÇÃO: O HOMEM EM FORMA DE PERA	307
O HOMEM EM FORMA DE PERA	308
INTRODUÇÃO: SOB CERCO	338
SOB CERCO	347
INTRODUÇÃO: NEGÓCIOS DE PELES	377
NEGÓCIOS DE PELES	378

INTRODUÇÃO

AS SOLITÁRIAS CANÇÕES DE LAREN DORR

Eu e a fantasia temos uma longa história.

Esclareçamos isso logo desde o início, porque parece haver por aí uns equívocos. Por um lado, tenho leitores que nunca tinham ouvido falar de mim até pegarem em *A Game of Thrones*¹, e que parecem convencidos de que nunca escrevi nada a não ser fantasia épica. Por outro lado tenho a malta que leu todo o meu material antigo, e no entanto insiste na ilusão de que eu sou um escritor de ficção científica que se “virou para a fantasia” por razões iníquas.

A verdade é que tenho vindo a ler e escrever fantasia (e horror, já agora) desde os meus tempos de rapaz em Bayonne. A primeira história que vendi pode ter sido ficção científica, mas a segunda foi uma história de fantasmas, e deixem lá aqueles malditos hovercamiões a andar dum lado para o outro.

E “The Exit to San Breta” não foi de forma alguma a primeira fantasia que escrevi. Mesmo antes de Jarn de Marte e do seu bando de piratas espaciais alienígenas, eu tinha o hábito de preencher as minhas horas de ócio inventando histórias sobre um grande castelo e os bravos cavaleiros e reis que lá habitavam. A única questão era que todos eles eram tartarugas.

Os bairros sociais não permitiam que os inquilinos tivessem cães ou gatos. Mas podia-se ter animais de estimação mais pequenos. Eu tive barri-gudinhos, tive periquitos e tive tartarugas. Montes e montes de tartarugas. Eram daquelas que se compravam na loja dos trezentos, e vinham com pequenas bacias de plástico, divididas ao meio, um lado para água, o outro para gravilha. No meio da bacia havia uma palmeira falsa de plástico.

¹ Editado em Portugal em dois volumes, como *A Guerra dos Tronos* e *A Muralha de Gelo* (Saída de Emergência) (N. do T.)

Também tinha um castelo de brincar que viera com os meus cavaleiros de brincar (um castelo de lata pintada Marx, embora não me lembre do modelo). Tinha-o em cima da mesa que me servia de secretária, e o seu pátio tinha espaço mesmo à justa para duas bacias para tartarugas postas lado a lado. Portanto, era aí que as minhas tartarugas viviam... e uma vez que viviam dentro dum *castelo*, deviam ser reis, cavaleiros e príncipes. (Eu também tinha o Forte Apache da Marx, mas tartarugas cowboy seria simplesmente *errado*.)

O primeiro rei tartaruga foi o Grandalhão, que deve ter sido de uma espécie diferente porque era castanho em vez de verde e tinha duas vezes o tamanho de qualquer um dos tipos de ouvidos vermelhos. Mas um dia encontrei o Grandalhão morto, sem dúvida vítima de alguma conspiração sinistra dos lagartos-de-chifres e dos camaleões que viviam nos reinos contíguos. A tartaruga que sucedeu ao Grandalhão no trono era bem intencionada mas incapaz e depressa morreu também, mas mesmo na altura em que as coisas pareciam mais desesperadas, Brincalhão e Animado juraram amizade eterna e deram início a uma tábola redonda de tartarugas. Animado I veio a ser o maior dos reis tartaruga, mas quando envelheceu...

O Castelo das Tartarugas não tinha princípio nem fim, mas teve montes de meio. Só partes da história chegaram a ser escritas, mas eu representava na cabeça todos os melhores fragmentos, os combates à espada, as batalhas e as traições. Houve pelo menos uma dúzia de reis tartaruga. Os meus grandiosos monarcas tinham o hábito desconcertante de fugir do castelo Marx e de aparecer mortos debaixo do frigorífico, o equivalente a Mordor para tartarugas.

Portanto aí têm. Eu *sempre* fui escritor de fantasia.

Não posso dizer que sempre tenha sido um leitor de fantasia, porém, pela simples razão de que não havia muita fantasia para ser lida nos anos 50 e 60. Os mostruários giratórios da minha infância eram dominados por ficção científica, policiais, *westerns*, e romances góticos e históricos; podiam ser examinados de cima a baixo e não se encontrar um livro de fantasia em lado nenhum. Eu tinha-me inscrito no Science Fiction Book Club (três livros de capa dura por dez cêntimos, melhor é impossível), mas nessa altura tratava-se do clube de leitura de *ficção científica*, e a fantasia não era aceite.

Foi cinco anos depois de *Have Space Suit, Will Travel*² que tropecei no livro que realmente me daria a saborear fantasia pela primeira vez: uma fina antologia da Pyramid intitulada *Swords & Sorcery*, editada por L. Sprague de Camp e publicada em Dezembro de 1963. E bem saborosa foi. Lá den-

² Publicado em Portugal por três vezes, com os títulos de *Viajantes do Espaço* (Europa-América) e *Equipagem Espacial* (Livros do Brasil) (N. do T.)

tro havia histórias de Poul Anderson, Henry Kuttner, Clark Ashton Smith, Lorde Dunsany e H. P. Lovecraft. Havia uma história de Jirel de Joiry por C. L. Moore e um conto do Fafhrd e do Rateiro Cinzento por Fritz Leiber... e havia uma história intitulada “Shadows in the Moonlight”³, por Robert E. Howard.

“Sabei, oh príncipe,” começava, “que entre os anos em que os oceanos beberam a Atlântida e as cidades cintilantes, e os anos do surgimento dos filhos de Aryas, houve uma era não sonhada, em que brilhantes reinos se espalhavam pelo mundo como mantos azuis sob as estrelas — Nemédia, Ofir, Britúnia, Hiperbórea, Zamora com as suas mulheres de cabelo escuro e torres de mistério assombrado por aranhas, Zingária com a sua cavalaria, a Cótia que fazia fronteira com as terras pastorais de Shem, a Estígia com as suas sepulturas guardadas por sombras, Hircânia, cujos cavaleiros usavam aço, seda e ouro. Mas o mais orgulhoso dos reinos do mundo era a Aquilónia, reinando supremo no oeste sonhador. Daí veio Conan, o Cimério, de cabelo negro, de olhos carrancudos, de espada na mão, um ladrão, um saltador, um assassino, com gigantescas melancolias e gigantescas alegrias, para calcar os tronos cravejados de joias da Terra sob os seus pés calçados de sandálias.”⁴

Howard apanhou-me em Zamora. As “torres de mistério assombrado por aranhas” tê-lo-iam feito sozinhas, apesar de eu ter quinze anos em 1963 e aquelas “mulheres de cabelo escuro” também despertarem algum interesse. Os quinze anos são uma bela idade para travar conhecimento com Conan da Ciméria. Se *Swords & Sorcery* não me pôs a comprar fantasia heroica por todo o lado como *Have Space Suit, Will Travel* me pusera a comprar ficção científica, foi só porque era difícil encontrar fantasia, heroica ou não.

Nos anos 60 e 70, a fantasia e a ficção científica eram frequentemente vistas como um único campo, embora ele geralmente respondesse pelo nome de “ficção científica.” Era comum que os mesmos escritores trabalhassem em ambos os géneros. Robert A. Heinlein, Andre Norton e Eric Frank Russell, três dos preferidos da minha juventude, eram todos fortemente identificados com a ficção científica, mas todos escreviam também fantasia. Poul Anderson escreveu *The Broken Sword*⁵ e *Three Hearts and*

³ Publicada em Portugal como “Sombras ao Luar”, integrada no livro *Conan: O Demónio de Ferro* (Saída de Emergência) (N. do T.)

⁴ Martin, aqui, comete um erro. De facto, a história de Conan publicada na *Swords & Sorcery* é “Shadows in the Moonlight”, mas o início que aqui nos apresenta pertence a outra história de Howard, “Phoenix on the Sword”, ainda inédita em Portugal. (N. do T.)

⁵ Publicado em Portugal como *A Espada Quebrada* (Dêagá) (N. do T.)

Three Lions entre as suas histórias de Nicholas van Rijn e Dominic Flandry⁶. Jack Vance criou o *Big Planet* e a *Dying Earth*. As Aranhas e Serpentes de Fritz Leiber travaram a sua Guerra no Tempo⁷ ao mesmo tempo que Fafhrd e o Rateiro Cinzento⁸ combatiam os Senhores de Quarmall.

E no entanto, embora todos os escritores de topo escrevessem fantasia, não escreviam *muita*, pelo menos se quisessem pagar a renda e comer. A ficção científica era muito mais popular, muito mais comercial. As revistas de FC só queriam FC e não publicavam fantasia, por mais bem feita que ela fosse. De tempos a tempos eram lançadas revistas de fantasia, mas poucas duravam. A *Astounding* durou anos e décadas até acabar por se transformar na *Analog*, mas a *Unknown* não sobreviveu à escassez de papel da Segunda Guerra Mundial. Os editores da *Galaxy* e da *If* tentaram editar a *Worlds of Fantasy*, e rapidamente a mataram. A *Fantastic* resistiu durante décadas, mas o cavalo mais estimado desse estábulo era a *Amazing*. E quando Boucher e McComas lançaram a *The Magazine of Fantasy*, bastou-lhes um número para a rebatizarem como *The Magazine of Fantasy and Science-Fiction*.

É frequente que estas coisas sejam cíclicas, claro. Aconteceu que enormes mudanças se encontravam mesmo ao virar da esquina. Em 1965, a Ace Books iria aproveitar-se de uma lacuna nas leis do direito de autor para lançar uma reedição não autorizada, em capa mole, d' *O Senhor dos Anéis* de J. R. R. Tolkien. Acabaram por vender centenas de milhares de exemplares antes que Tolkien e a Ballantine Books, à pressa, conseguissem responder com uma edição autorizada. Em 1966, a Lancer Books, talvez inspirada pelo sucesso que a Ace e a Ballantine estavam a ter com Tolkien, começaria a reeditar todas as histórias de Conan numa série de livros de bolso com capas de Frank Frazetta. Ao chegar 1969, Lin Carter (um escritor horrível mas um bom editor) lançaria a Ballantine Adult Fantasy Series e reeditaria dúzias de fantasias clássicas. Mas tudo isso estava bem no futuro em 1963, quando eu terminei a *Swords & Sorcery* de De Camp e olhei em volta à procura de mais fantasia para ler.

Encontrei alguma num sítio muito improvável: um fanzine de banda desenhada.

O fandom inicial da BD nasceu do seio do fandom da ficção científica, mas após alguns anos transformara-se de tal forma num mundo próprio

⁶ Há pelo menos quatro romances da série sobre Dominic Flandry publicados em Portugal: *Essas Estrelas são Nossas*, *O Planeta Neutral*, *Espião Interstelar* e *Mundos Rebeldes*, os três primeiros pelos Livros do Brasil, o último pela Galeria Panorama (N. do T.)

⁷ Está publicado em Portugal o único romance pertencente a esta série, com o título de *O Tempo, o Espaço e o Cérebro* (Livros do Brasil) (N. do T.)

⁸ Uma coletânea de histórias desta série foi publicada em Portugal sob o título de *As Crónicas da Espada - O Encontro* (Saída de Emergência) (N. do T.)

que a maior parte dos novos fãs nem sequer tinha consciência da existência do fandom-pai, mais antigo. Ao mesmo tempo, todos esses rapazes do liceu estavam a crescer, e os seus interesses diversificavam-se para incluir outras coisas além das BDs de super-heróis. Coisas como música, carros, raparigas... e livros sem bonecos. Inevitavelmente, o âmbito dos seus fanzines começou também a diversificar-se. A roda foi devidamente reinventada, e não faltou muito até que fanzines especializados comessem a aparecer, dedicados não só aos super-heróis, mas também a agentes secretos, ou a detetives privados, ou aos velhos *pulps*, ou às histórias de Barsoom de Edgar Rice Burroughs... ou a fantasia heroica.

Cortana era como se chamava o fanzine de espada e feitiçaria. Editado “numa base trimestral” (hah) por Clint Bigglestone, que mais tarde seria um dos fundadores da Society for the Creative Anachronism, surgiu na zona de São Francisco em 1964. Impresso no tradicional púrpura desbotado dos mimeógrafos, o aspeto do *Cortana* não era nada de especial, mas era muito divertido de ler, cheio de artigos e notas noticiosas sobre Conan e os seus competidores, e fantasias heroicas originais de alguns dos principais escritores do fandom de BD dos anos 60: Paul Moslander e Victor Baron (que eram a mesma pessoa), o meu correspondente Howard Waldrop (que não era), Steve Perrin e o próprio Bigglestone. As histórias de Waldrop tinham como estrela um aventureiro conhecido apenas como Errante, cujas proezas eram registadas nos “Cânticos de Chimwazle”. Howard também desenhava as capas do *Cortana*, e fornecia alguma da arte interna.

No *Star Studded Comics* e na maior parte dos outros fanzines de BD, a ficção em prosa era a irmã feia; os lugares de honra iam para as pranchas de BD. Aqui, não. No *Cortana* eram as histórias em texto que dominavam. Uma vez escrevi uma exuberante carta a comentar uma delas, mas queria ter mais participação do que essa naquele novo e ótimo fanzine. Portanto pus Manta Ray e o Dr. Weird de lado, e pus-me a escrever a minha primeira fantasia desde o Castelo das Tartarugas.

Chamei-lhe “Dark Gods of Kor-Yuban” e, sim, a minha versão de Mordor soa a marca de café. Os meus heróis eram o habitual par de aventureiros contrastantes, o melancólico príncipe exilado R'hllor de Raugg e o seu exuberante e fanfarrão companheiro Argilac, o Arrogante. “Dark Gods of Kor-Yuban” era a mais longa história que já tentara escrever (umas cinco mil palavras), e tinha um trágico final em que Argilac era comido pelos deuses sombrios do título. Tinha andado a ler Shakespeare no Marist High School e a estudar a tragédia, portanto dei a Argilac o defeito trágico da arrogância, que causava a sua queda. R'hllor escapava para contar a história... e para lutar outro dia, esperava eu. Quando a história ficou pronta,

enviei-a para São Francisco, onde Clint Bigglestone prontamente a aceitou para publicação no *Cortana*.

O *Cortana* não publicou mais nenhum número.

No meu ano de finalista no liceu eu *já* sabia como usar papel químico, juro. Mas era demasiado preguiçoso para me incomodar com isso. “Dark Gods of Kor-Yuban” transformou-se numa das minhas histórias perdidas. (Mas foi a última. Na faculdade, fiz cópias a papel químico de todas as histórias que escrevi.) Antes de guardar a sua tenda de mimeografias purpúreas, o *Cortana* fez-me mais um favor. No seu terceiro número, Bigglestone editou um artigo chamado “Não Façam Disso um Hobbit,” onde, pela primeira, vez, ouvi falar de J. R. R. Tolkien e da sua trilogia de fantasia, *O Senhor dos Anéis*. A história parecia suficientemente intrigante, e assim eu não hesitei alguns meses mais tarde quando calhou encontrar a edição pirata da Ace da *Irmandade do Anel* num expositor.

Ao mergulhar no grosso livro de bolso vermelho durante a viagem de autocarro até casa comecei a perguntar a mim próprio se não teria cometido um erro. A *Irmandade* não parecia nada fantasia heroica como devia ser. Que diabo era tudo aquilo a propósito da erva-de-cachimbo? As histórias de Robert E. Howard costumavam abrir com uma serpente gigantesca a deslizar por ali, ou com um machado a abrir em duas a cabeça de alguém. Tolkien abria a sua com uma festa de aniversário. E aqueles hobbits com os seus pés peludos e amor por batatas pareciam ter fugido dum livro do Pedro Coelho. *Conan teria aberto um caminho sangrento mesmo pelo meio do Shire, dum lado até ao outro*, lembro-me de ter pensado. *Onde estão as gigantescas melancolias e as gigantescas alegrias?*

No entanto, continuei a ler. Quase desisti ao chegar a Tom Bombadil, quando as pessoas largaram a cantar “Hô, Tom Bombadil, Tom Bombadillo!” Mas as coisas tornaram-se mais interessantes nas colinas das antas, e ainda mais em Bree, onde Passo de Gigante entrou em cena. Quando chegámos ao Cume do Tempo, Tolkien tinha-me agarrado. “Gil-Galad foi um rei elfo,” recitou Sam Gamgee, “Dele os harpistas cantam, tristemente.” Um arrepio percorreu-me a espinha, um arrepio que Conan e Kul nunca tinham evocado.

Quase quarenta anos mais tarde, dou por mim a meio da minha própria alta fantasia, *A Song of Ice and Fire*⁹. Os livros são enormes e enormemente complexos, e demoro anos a escrevê-los. Dias depois de cada volume ser publicado começo a receber emails a perguntar quando sairá o próximo. “Você não sabe como é difícil esperar,” gritam queixosamente. *Mas sei,*

⁹ Integralmente publicada em Portugal (os livros já escritos) sob o título genérico de *As Crónicas de Gelo e Fogo* (Saída de Emergência) (N. do T.)

apetece-me dizer-lhes, *sei precisamente como é difícil. Eu também esperei.* Quando terminei *A Irmandade do Anel*, esse era o único volume que tinha saído em capa mole. Tive de esperar que a Ace publicasse *As Duas Torres*, e de novo esperei pelo *O Regresso do Rei*. Não foi uma longa espera, admito, mas de alguma forma pareceu durar décadas. No momento em que deitei as mãos ao segundo volume, pus tudo o resto de parte para o poder ler... mas a meio do *O Regresso do Rei* abrandei. Só restavam algumas centenas de páginas, e depois de acabarem nunca poderia voltar a ler *O Senhor dos Anéis* pela primeira vez. Por mais que desejasse saber como tudo ficaria, não queria que a experiência terminasse.

Foi essa a intensidade com que amei esses livros, enquanto leitor.

Como escritor, no entanto, fiquei seriamente intimidado por Tolkien. Quando lia Robert E. Howard, pensava: *Um dia talvez consiga escrever tão bem como ele.* Quando lia Lin Carter ou John Jakes, pensava: *Já sou capaz de escrever coisas melhores do que estas.* Mas quando li Tolkien, desesperei. *Nunca serei capaz de fazer o que ele fez,* pensava. *Nunca serei capaz sequer de me aproximar.* Embora tivesse escrito fantasia nos anos seguintes, a maior parte dela manteve um tom mais próximo do de Howard do que do de Tolkien. Não se pode ter o atrevimento de pisar os calcanhares do mestre.

Comecei uma segunda história de R'hllor durante o meu ano de caloiro na Northwestern University, quando ainda me iludia pensando que o *Cortana* estava só atrasado, não morto, e que “Dark Gods of Kor-Yuban” devia estar mesmo quase, quase a sair. Na sequência, o meu príncipe exilado encontra-se no Império de Dothrak, onde se junta a Barron da Lâmina Sangrenta para combater os demónios alados que mataram o avô, o Rei Barristan, o Ousado. Tinha vinte e três páginas escritas quando um dia uns amigos descobriram a história em cima da minha secretária e se divertiram tanto a ler a prosa pretensiosa em voz alta que fiquei demasiado desgostoso para continuar. (Ainda tenho as páginas e, sim, são um bocadinho presunçosas.)

Não escrevi mais fantasia durante os anos de faculdade. E à exceção de “The Exit to San Breta,” que não é nem alta fantasia nem fantasia heroica, não lhe toquei como profissional novato. Não porque gostasse menos dela do que de ficção científica. Os meus motivos eram mais pragmáticos. Tinha uma renda a pagar.

O início dos anos 70 foi uma altura magnífica para se ser um jovem escritor de ficção científica em início de carreira. Eram lançadas novas revistas de FC todos os anos. *Vertex*, *Cosmos*, *Odyssey*, *Galileo*, *Asimov's*. (Não havia novas revistas de fantasia.) Entre as revistas existentes, só a *Fantastic* e a *F&SF* compravam fantasia, e esta última preferia excêntricas fantasias modernas, que iam beber mais a Thorne Smith e a Gerald Kersh do que a Tolkien ou Howard. Novas ou antigas, as revistas de FC tinham sérias rivais

nas coleções de antologias de originais: *Orbit, New Dimensions, Universe, Infinity, Quark, Alternities, Andromeda, Nova, Stellar, Chrysalis*. (Não havia antologias de originais dedicadas à fantasia.) As revistas para homens também estavam em expansão, depois de acabarem de descobrir que as mulheres tinham pelos púbicos; muitas queriam histórias de FC para preencher as páginas entre as imagens. (Também compravam horror, mas nem a alta fantasia nem a fantasia heroica eram aceites.)

Havia mais editoras do que hoje em dia (a Bantam Doubleday Dell Random House Ballantine Fawcett era seis editoras, não uma, e a maioria delas tinha coleções de FC. A coleção principal de fantasia era a Ballantine Adult Fantasy Series, que se dedicava em grande medida a reedições. A Lancer tinha os seus títulos de Robert E. Howard... mas a Lancer era peixe de fundo, uma editora de pouco prestígio que pagava pouco, da qual a maior parte dos escritores fugia assim que conseguiam vender noutros mercados.) A Convenção Mundial de Fantasia ainda não existia, e a Convenção Mundial de Ficção Científica raramente nomeava fantasias para prémios Hugo, tal como a Science Fiction Writers of America (que ainda não acrescentara “and Fantasy” ao nome) pouco as nomeava para os Nébula.

Em suma, não se podia fazer carreira como escritor de fantasia. Nessa altura não. Ainda não. Portanto fiz o que todos os escritores antes de mim tinham feito, o que Jack Williamson tinha feito, e Poul Anderson, e Andre Norton, e Jack Vance e Heinlein e Kuttner e Russell e de Camp e C. L. Moore e os outros. Escrevi ficção científica... e de vez em quando, por amor, enfiei na pilha uma fantasia ou outra.

“As Solitárias Canções de Laren Dorr” foi a minha primeira fantasia pura como profissional. A *Fantastic* publicou-a em 1976. Leitores argutos encontrarão nomes e temas que voltaria a usar em trabalhos posteriores. Na minha ficção, como na vida real, nunca deito nada fora. Nunca se sabe quando se poderá encontrar outro uso para as coisas.

Em tempos, tencionei fazer seguir “Laren Dorr” de mais histórias sobre Sharra, “a rapariga que viaja entre os mundos.” Nunca o fiz.

AS SOLITÁRIAS CANÇÕES DE LAREN DORR

Há uma rapariga que viaja entre os mundos. Tem olhos cinzentos e pele clara, pelo menos é o que reza a história, e o seu cabelo é uma cascata negra como carvão com vestígios entristecidos de vermelho. Usa em volta da testa um aro de metal polido, uma coroa escura que lhe mantém o cabelo no lugar e por vezes põe sombras nos seus olhos. O seu nome é Sharra; ela conhece os portais.

O início da sua história está perdido para nós, com a memória do mundo de onde brotou. O fim? O fim ainda não chegou, e quando vier nós não o saberemos.

Possuímos apenas o meio, ou melhor, um bocado desse meio, a mais pequena parte da lenda, um mero fragmento da demanda. Uma pequena história dentro da história maior, sobre um mundo onde Sharra parou, sobre o cantor solitário Laren Dorr e sobre como os dois se tocaram brevemente.

* * *

Num momento havia apenas o vale preso no crepúsculo. O Sol poente pairava gordo e violeta sobre as cumeadas, lá em cima, e os seus raios obliquavam em silêncio penetrando numa densa floresta, cujas árvores possuíam reluzentes troncos negros e folhas incolores e fantasmagóricas. Os únicos sons que se ouviam eram os gritos das aves-de-luto que saíam para a noite, e a rápida correria da água no ribeiro pedregoso que cortava os bosques.

Então, através de um portal invisível, Sharra chegou cansada e ensanguentada ao mundo de Loren Dorr. Usava um simples vestido branco, agora manchado e suado, e um pesado manto de peles que fora meio arran-

cado das costas. E o seu braço esquerdo, nu e esbelto, ainda sangrava de três longas feridas. Surgiu junto ao ribeiro, a tremer, e deitou um rápido e cauteloso relance em volta antes de ajoelhar para ligar os ferimentos. A água, apesar de toda a sua rapidez, era de um verde-escuro e turvo. Não havia maneira de saber se seria segura, mas Sharra estava fraca e sedenta. Bebeu, lavou o braço o melhor possível na água estranha e duvidosa, e ligou os ferimentos com ligaduras arrancadas à roupa. Depois, enquanto o Sol púrpura mergulhava por trás da cumeada, gatinhou para longe da água até um local abrigado entre as árvores, e caiu num sono exausto.

Acordou com braços à sua volta, braços fortes que a ergueram com facilidade para a levar para algures, e acordou a lutar. Mas os braços limitaram-se a apertá-la e mantiveram-na imóvel.

— Calma — disse uma voz doce, e ela viu uma cara indistinta através da neblina que se acumulava, uma cara de homem, longa e de certo modo gentil.

— Estás fraca — disse ele — e a noite vem aí. Temos de estar debaixo dum teto antes de ficar escuro.

Sharra não lutou, naquela altura não, embora soubesse que devia fazê-lo. Já andava a lutar há muito tempo, e estava cansada. Mas olhou para ele, confusa.

— Porquê? — perguntou. E depois, sem esperar resposta: — Quem és tu? Para onde vamos?

— Para sítio seguro — disse ele.

— Para tua casa? — perguntou ela, ensonada.

— Não — disse ele, tão baixo que ela quase não conseguia ouvir-lhe a voz. — Não, para casa não, nunca para casa. Mas servirá. — Ela ouviu então um chapinhar de água, como se ele estivesse a atravessar o ribeiro com ela ao colo e, à frente de ambos, na cumeada, vislumbrou uma silhueta esguia e retorcida, um castelo com três torres delineado em negro contra o sol. Estranho, pensou, aquilo antes não estava ali.

E adormeceu.

* * *

Quando acordou, ele estava lá, a observá-la. Estava deitada sob uma pilha de mantas suaves e quentes numa cama de dossel e rodeada por cortinas. Mas estas tinham sido afastadas, e o seu anfitrião estava sentado do outro lado do quarto num grande cadeirão envolto em sombras. Luz de velas tremeluzia nos seus olhos, e as suas mãos apertavam-se sob o queixo.

— Estás a sentir-te melhor? — perguntou ele, sem se mexer.

Sentou-se, e reparou que estava nua. Ligeira como a suspeita, mais rá-

pida do que o pensamento, a mão subiu à cabeça. Mas a coroa escura ainda lá se encontrava, no lugar, intocada, o metal frio de encontro à sua testa. Descontraindo-se, recostou-se contra as almofadas e puxou as mantas para se cobrir.

— Muito melhor — disse, e quando o disse apercebeu-se pela primeira vez de que os ferimentos haviam desaparecido.

O homem sorriu-lhe, um sorriso triste e melancólico. Tinha uma cara forte, com um cabelo cor de carvão que se enrolava em caracóis indolentes e caía sobre olhos escuros de certa forma maiores do que deviam ser. Mesmo sentado era alto. E esguio. Usava um fato e uma capa de algum tipo de couro mole e cinzento, e por cima usava a melancolia como um manto.

— Marcas de garras — disse ele, reflexivo, enquanto sorria. — Marcas de garras no teu braço, e a roupa quase arrancada das tuas costas. Alguém não gosta de ti.

— Algo — disse Sharra. — Um guardião, um guardião no portal. — Suspirou. — Há sempre um guardião no portal. Os Sete não gostam que nos desloquemos de mundo em mundo. E eu sou aquela de quem gostam menos.

As mãos dele abriram-se de debaixo do seu queixo e pousaram nos braços de madeira esculpida do cadeirão. Fez um aceno com a cabeça, mas o sorriso melancólico permaneceu.

— Quer dizer, então — disse. — Conheces os Sete e conheces os portais. — Os seus olhos vaguearam até à testa dela. — A coroa, claro. Devia ter adivinhado.

Sharra dirigiu-lhe um sorriso.

— E adivinhaste. Mais do que isso, sabias. Quem és? Que mundo é este?

— É o meu mundo — disse ele, sem expressão. — Batizei-o mil vezes, mas nunca nenhum dos nomes pareceu mesmo certo. Houve uma vez um nome de que gostei, um nome que se ajustava. Mas esqueci-o. Foi há muito tempo. O *meu* nome é Laren Dorr, ou pelo menos foi esse o meu nome, em tempos, quando tinha uso a dar a uma coisa dessas. Aqui e agora parece um bocado pateta. Mas pelo menos não o esqueci.

— O teu mundo — disse Sharra. — Então és um rei? Um deus?

— Sim — respondeu Laren Dorr, com uma gargalhada tranquila. — E mais. Sou tudo o que decida ser. Não há ninguém por aqui que me possa contrariar.

— Que fizeste aos meus ferimentos? — perguntou ela.

— Curei-os. — Encolheu os ombros como quem pede perdão. — O mundo é meu. Tenho certos poderes. Não aqueles que gostaria de ter, talvez, mas apesar de tudo são poderes.

— Oh. — Ela não parecia convencida.

Laren acenou com uma mão impaciente.

— Achas que é impossível. A coroa, claro. Bem, só estás meio certa. Eu não te poderia fazer mal com os meus, ah, poderes, pelo menos enquanto usasses isso. Mas posso ajudar-te. — Voltou a sorrir, e os olhos tornaram-se suaves e sonhadores. — Mas não importa. Mesmo se pudesse, nunca te faria mal, Sharra. Acredita. Passou-se muito tempo.

Sharra pareceu surpreendida.

— Sabes o meu nome. Como?

Ele levantou-se, sorrindo, e atravessou a sala para se sentar ao lado dela na cama. E pegou-lhe na mão antes de responder, envolvendo-a suavemente nas suas e afagando-a com o polegar.

— Sim, sei o teu nome. És Sharra, aquela que viaja entre os mundos. Há séculos, quando as colinas tinham uma forma diferente e o sol violeta ardia em tons de escarlate no princípio do seu ciclo, eles vieram ter comigo e disseram-me que tu virias. Odeio-os, a todos os Sete, e sempre os odiarei, mas nessa noite acolhi de bom grado a visão que me ofereceram. Só me disseram o teu nome e que virias até aqui, até ao meu mundo. E mais uma coisa, mas foi o bastante. Era uma promessa. Uma promessa de um fim ou de um princípio, de uma mudança. E qualquer mudança é bem-vinda neste mundo. Já estou aqui sozinho há mil ciclos de sol, Sharra, e cada ciclo dura séculos. Há poucos acontecimentos para marcar a morte do tempo.

Sharra estava de cenho franzido. Abanou o longo cabelo negro, e à luz fraca das velas as suaves nuances vermelhas brilharam.

— Então eles estão assim tão adiantados relativamente a mim? — disse — Sabem o que vai acontecer? — Tinha a voz perturbada. Ergueu os olhos para ele. — E essa outra coisa que te disseram?

Ele apertou-lhe a mão, com grande suavidade.

— Disseram-me que te amaria — disse Laren. A voz ainda trazia tristeza. — Mas isso não foi grande profecia. Poderia ter-lhes dito o mesmo. Houve um momento, há muito tempo (acho que o sol era então amarelo) em que me apercebi de que amaria *qualquer* voz que não fosse um eco da minha.

* * *

Sharra acordou à alvorada, quando colunas de brilhante luz púrpura se derramaram pelo quarto através de uma janela alta e arqueada que não estivera lá na noite anterior. Tinha sido preparada roupa para ela; um roupão amarelo e largo, um vestido cravejado de joias de um brilhante tom de carmesim, um fato de verde floresta. Escolheu o fato, vestiu-se rapidamente. Quando saiu, fez uma pausa para olhar pela janela.

Estava numa torre, e olhava por sobre ameias de pedra a desfazerem-se e um pátio poeirento e triangular. Duas outras torres, umas coisas retorcidas em forma de pau de fósforo com pontiagudos pináculos cónicos, erguiam-se dos outros cantos do triângulo. Havia um vento forte que vergastava as filas de flâmulas cinzentas dispostas ao longo das muralhas, mas não se via qualquer outro movimento.

E, para lá das muralhas do castelo, não havia sinal do vale, absolutamente nenhum. O castelo com o seu pátio e as torres tortas estava colocado no cume duma montanha, e ao longe, em todas as direcções, erguiam-se montanhas mais altas, apresentando um panorama de desfiladeiros de pedra negra, paredes irregulares de pedra e brilhantes e puros campanários de gelo que cintilavam com reflexos violeta. A janela estava selada e fechada, mas o vento *parecia* frio.

Tinha a porta aberta. Sharra avançou rapidamente por uma escadaria de pedra em espiral abaixo, saiu e atravessou o pátio e penetrou no edifício principal, uma estrutura baixa de madeira encostada à muralha. Passou por incontáveis salas, algumas frias e vazias à exceção da poeira, outras ricamente mobiladas, antes de encontrar Laren Dorr a tomar o pequeno-almoço.

Havia uma cadeira vazia ao lado dele; a mesa estava a abarrotar de comida e bebida. Sharra sentou-se, e comeu uma bolacha quente, sorrindo involuntariamente. Laren sorriu-lhe de volta.

— Vou-me hoje embora — disse ela, entre dentadas. — Desculpa, Laren. Tenho de encontrar o portal.

O ar de desesperada melancolia não o abandonara. Nunca abandonava.

— Foi o que disseste ontem à noite — respondeu, suspirando. — Parece que esperei muito tempo para nada.

Havia carne, vários tipos de bolachas, fruta, queijo, leite. Sharra encheu um prato, um pouco cabisbaixa, evitando os olhos de Laren.

— Desculpa — repetiu.

— Fica por algum tempo — disse ele. — Pouco tempo. Podes dar-te a esse luxo, parece-me. Deixa-me mostrar-te o que possa do meu mundo. Deixa-me cantar para ti. — Os seus olhos, grande e escuros e muito cansados, fizeram a pergunta.

Ela hesitou.

— Bem... encontrar o portal leva tempo.

— Então fica comigo durante algum tempo.

— Mas Laren, por fim tenho de me ir embora. Fiz promessas. Compreendes?

Ele sorriu, encolheu desamparadamente os ombros.

— Sim. Mas olha. Eu sei onde o portal fica. Posso mostrar-te, poupar-te uma busca. Fica comigo, oh, durante um mês. Um mês, segundo a tua for-

ma de medir o tempo. Depois eu levo-te até ao portal. — Estudou-a. — Já andas na caça há tanto, tanto tempo, Sharra. Talvez precises de um descanso.

Lenta, pensativamente, ela comeu uma peça de fruta, sem tirar os olhos dele.

— Talvez precise — disse por fim, a pesar as coisas. — E haverá um guardião, claro. Nessa altura podias ajudar-me. Um mês... não é tanto tempo como isso. Já passei noutros mundos muito mais tempo do que um mês. — Acenou com a cabeça e um sorriso espalhou-se lentamente pela sua cara. — Sim — disse, ainda a anuir. — Não haverá problema.

Ele tocou-lhe a mão com leveza. Depois do pequeno-almoço mostrou-lhe o mundo que lhe tinham dado.

Ficaram lado a lado numa pequena varanda no topo da mais alta das três torres, Sharra vestida de verde-escuro e Laren alto e suave, de cinzento. Ficaram sem se mover, e Laren deslocou o mundo à volta deles. Pôs o castelo a voar sobre inquietos mares cobertos de espuma, onde longas cabeças negras de serpente espreitavam de dentro de água para os ver passar. Levou-os até uma vasta caverna repleta de ecos, debaixo da terra, toda resplandecente com uma suave luz verde, na qual estalactites pendentes roçavam contra as torres e manadas de cabras cegas e brancas gemiam do lado de fora das ameias. Ele bateu palmas e sorriu, e uma selva pesada de vapor ergueu-se à volta deles; árvores que se escalavam umas às outras em escadas de borracha até ao céu, flores gigantescas de uma dúzia de cores diferentes, macacos com grandes presas que pipilavam das muralhas. Ele voltou a bater palmas, e as muralhas ficaram limpas, e de súbito a terra do pátio era areia e estavam numa praia infundável na costa de um desolado oceano cinzento e, no céu, os lentos círculos de uma grande ave azul com asas de papel de seda eram o único movimento que se via. Ele mostrou-lhe aquilo e mais, e mais, e no fim, quando o ocaso parecia ameaçar num lugar após outro, levou o castelo de volta à cumeada acima do vale. E Sharra olhou para baixo, para a floresta de árvores de casca negra onde ele a encontrara, e ouviu as aves-de-luto a lamuriar-se e a chorar por entre folhas transparentes.

— Não é um mau mundo — disse ela, virando-se para ele na varanda.

— Pois não — respondeu Laren. As suas mãos repousavam no frio peitoril de pedra, os olhos no vale lá em baixo. — Não por inteiro. Explorei-o uma vez, a pé, com uma espada e uma bengala. Havia aí uma alegria, uma verdadeira excitação. Um novo mistério atrás de cada colina. — Soltou um risinho. — Mas também isso foi há muito tempo. Agora sei o que está atrás de cada colina. Outro horizonte vazio.

Olhou-a e fez o seu característico encolher de ombros.

— Há infernos piores, suponho. Mas este é o meu.

— Então vem comigo — disse ela. — Encontra comigo o portal, e vai-te embora. Há outros mundos. Talvez sejam menos estranhos e menos belos, mas não estarás sozinho.

Ele voltou a encolher os ombros.

— Fazes com que pareça tão fácil — disse, numa voz desatenta. — Eu já encontrei o portal, Sharra. Já o tentei atravessar mil vezes. O guardião não me impede. Eu atravesso, tenho um vislumbre momentâneo de outro mundo qualquer, e de repente estou de volta ao pátio. Não. Não posso partir.

Ela tomou-lhe a mão nas suas.

— Que tristeza. Ficar sozinho durante tanto tempo. Acho que deves ser muito forte, Laren. Eu enlouqueceria ao fim de uma mancheia de anos.

Ele riu-se, e havia amargura no modo como o fez.

— Oh, Sharra. Eu também enlouqueci mil vezes. Eles curam-me, amor. Curam-me sempre. — Outro encolher de ombros, e pôs o braço em volta dela. O vento estava frio e aumentava. — Vem — disse. — Temos de estar lá dentro antes de ficar completamente escuro.

Subiram a torre até ao quarto dela, e sentaram-se juntos na cama e Laren trouxe-lhes comida; carne enegrecida do lado de fora e vermelha do de dentro, pão quente, vinho. Comeram e conversaram.

— Porque estás aqui? — perguntou-lhe ela, entre garfadas, empurrando as palavras para baixo com vinho. — Como foi que os ofendeste? Quem eras, antes?

— Quase nem me lembro, exceto em sonhos — disse-lhe ele. — E os sonhos... passou-se tanto tempo que nem sequer consigo recordar quais deles são verdade e quais são visões nascidas da minha loucura. — Suspirou. — Por vezes sonho que era um rei, um grande rei num mundo diferente deste, e que o meu crime foi ter feito o meu povo feliz. Na felicidade, viraram-se contra os Sete, e os templos ficaram desocupados. E acordei um dia, no meu quarto, no meu castelo, e descobri que os meus criados tinham desaparecido. E quando saí, o meu povo e o meu mundo, e até a mulher que dormia a meu lado, tinham também desaparecido. Mas há outros sonhos. É frequente lembrar-me vagamente de ter sido um deus. Bem, um quase-deus. Tinha poderes, e ensinamentos, e eles não eram os ensinamentos dos Sete. Tinham medo de mim, todos e cada um, pois era suficientemente poderoso para enfrentar qualquer um. Mas não podia enfrentar os Sete juntos, e foi o que me forçaram a fazer. E então deixaram-me só um pequeno fragmento do meu poder, e puseram-me aqui. Foi uma cruel ironia. Como deus, tinha ensinado que as pessoas se deviam virar umas para as outras, que podiam manter a escuridão afastada através do amor, do riso e da conversa. Por isso, os Sete tiraram-me todas essas coisas. E nem isso é o pior. Pois há outras alturas em que eu penso que sempre estive aqui, que

nasci aqui há uma infinidade de eras. E que as memórias são todas falsas, que me foram dadas para mais me ferir.

Sharra observou-o enquanto ele falava. Os seus olhos não estavam virados para ela, mas para longe, cheios de nevoeiro, de sonhos e lembranças semimortas. E ele falava com grande lentidão, numa voz que também era como nevoeiro, que pairava e se enrolava e escondia coisas, e compreendia-se que havia ali mistérios e coisas a chocar logo fora de vista e luzes distantes que nunca seriam alcançadas.

Laren parou, e os seus olhos voltaram a despertar.

— Ah, Sharra — disse. — Tem cuidado no teu caminho. Nem a tua coroa te ajudará se eles te atacarem diretamente. E a criança pálida, Bakkalon, dilacerar-te-á, e Naa-Slas alimentar-se-á da tua dor, e Saagael da tua alma.

Ela estremeceu, e cortou outro bocado de carne. Mas estava fria e dura quando a mordeu, e de súbito apercebeu-se de que as velas se tinham reduzido muito. Quanto tempo estivera a ouvi-lo falar?

— Espera — disse ele então, e levantou-se e saiu, pela porta junto de onde estivera a janela. Nada ali havia agora além de áspera pedra cinzenta; todas as janelas se transformavam em rocha sólida quando o Sol acabava de desaparecer. Laren regressou alguns momentos depois, com um instrumento suavemente brilhante de madeira bem negra pendurado de um cordão de couro em volta do pescoço. Sharra nunca vira nada exatamente assim. Tinha dezasseis cordas, todas de cores diferentes, e ao longo de todo o seu comprimento trastes de luz muito brilhante estavam incrustados na madeira polida. Quando Laren se sentou, a parte de baixo do instrumento assentou no chão e o topo subiu-lhe logo acima do ombro. Ele dedilhou-o levemente, com um ar meditativo; as luzes brilharam e de súbito o quarto encheu-se de música que se desvanecia rapidamente.

— O meu companheiro — disse ele, sorrindo. Voltou a tocar-lhe, e a música ergueu-se e morreu, notas perdidas sem melodia. E ele afagou os trastes de luz e o próprio ar tremeluziu e mudou de cor. Começou a cantar.

*Sou o senhor da solidão,
Vazio o meu domínio...*

... soaram as primeiras palavras, cantadas baixinho e docemente na melodiosa voz de nevoeiro distante de Laren. O resto da canção — Sharra tentou apanhá-la, ouviu cada palavra e tentou recordá-la, mas perdeu-as a todas. As palavras roçaram por ela, tocaram-lhe, após o que se fundiram com o fundo, de volta ao nevoeiro, agora aqui e logo longe, tão rapidamente que não se conseguiu lembrar bem do que tinham sido. Com as palavras,

seguiu a música; nostálgica, melancólica e cheia de segredos, puxando por ela, chorando, sussurrando promessas de mil histórias por contar. Em volta do quarto as velas arderam mais vivamente, e globos de luz cresceram, dançaram e fluíram juntos até deixarem o ar cheio de cor.

Palavras, música, luz; Laren Dorr juntou-as a todas e teceu para Sharra uma visão.

Viu-o como se ele se via nos seus sonhos; um rei, forte e alto e ainda orgulhoso, com um cabelo tão negro como o dela e olhos cheios de ímpeto. Estava todo vestido num branco cintilante, calças que se apertavam muito e uma camisa que formava balões nas mangas, e um grande manto que se movia e enrolava ao vento como um lençol de neve sólida. Em volta da testa, usava uma coroa de prata relampejante, e uma espada estreita e direita relampejava com igual brilho à sua ilharga. Este Laren, este Laren mais jovem, esta visão de sonho, movia-se sem melancolia, movia-se num mundo de doces minaretes de marfim e lânguidos canais azuis. E o mundo movia-se à sua volta, amigos e amantes e uma mulher especial que Laren desenhava com palavras e luzes de fogo, e havia uma infinidade de dias calmos e de risos.

Então, súbita, abrupta escuridão. Ele estava ali.

A música gemeu; as luzes enfraqueceram; as palavras tornaram-se tristes e perdidas. Sharra viu Laren acordar, num castelo familiar agora deserto. Viu-o procurar de sala em sala, e sair para enfrentar um mundo que nunca vira. Viu-o abandonar o castelo, caminhar na direção das brumas dum horizonte distante, na esperança de que essas brumas fossem fumo. E caminhou, e caminhou, e novos horizontes caíram sob os seus pés todos os dias, e o grande Sol gordo pôs-se vermelho, laranja, amarelo, mas o mundo de Laren continuava vazio. Caminhou até todos os lugares que lhe mostrara; até todos esses e mais ainda; e por fim, tão perdido como sempre, a ansiar pelo lar, o castelo veio ter com ele.

Por essa altura, o seu branco transformara-se num ténue cinzento. Mas a canção ainda prosseguia. Passaram-se dias, e anos, e séculos, e Laren ficou cansado e louco mas nunca velho. O Sol brilhou verde e violeta e de um violento e duro azul-esbranquiçado, mas em cada ciclo havia menos cor no seu mundo. Por isso Laren cantou, sobre infundáveis dias vazios e noites em que a música e a memória eram a sua única sanidade, e as canções fizeram com que Sharra os sentisse.

E quando a visão se desvaneceu e a música pereceu e a sua voz suave se silenciou pela última vez e Laren parou, sorriu e olhou para ela, Sharra deu por si a tremer.

— Obrigado — disse ele em voz baixa, com um encolher de ombros. E pegou no instrumento e deixou-a só para passar a noite.

O dia seguinte alvoreceu frio e encoberto, mas Laren levou-a para a floresta, para caçar. A presa era uma coisa branca e esguia, meio gato, meio gazela, com demasiada velocidade para caçarem facilmente e demasiados dentes para matarem. Sharra não se importou. A caçada era melhor do que a matança. Havia uma alegria singularmente atraente naquela corrida através da floresta sombria, com um arco na mão que nunca chegou a usar e uma aljava de setas de madeira negra, obtidas das mesmas árvores severas que os rodeavam. Ambos estavam apertadamente enfaixados em pele cinzenta, e Laren sorria-lhe de baixo de um capuz em forma de cabeça de lobo. E as folhas sob as botas, tão cristalinas e frágeis como vidro, estalavam e estilhaçavam-se enquanto corriam.

Mais tarde, sem terem derramado sangue mas exaustos, regressaram ao castelo e Laren dispôs um grande banquete na sala de jantar principal. Sorriram um ao outro de extremidades opostas duma mesa com quinze metros de comprimento, e Sharra viu as nuvens passar pela janela por trás da cabeça de Laren, e mais tarde viu a janela transformar-se em pedra.

— Porque é que ela faz aquilo? — perguntou. — E porque é que nunca vais até lá fora durante a noite?

Ele encolheu os ombros.

— Ah. Tenho os meus motivos. As noites, bem, não são boas por aqui. — Beberricou vinho quente com especiarias de uma grande taça cravejada de joias. — O mundo de onde vieste, onde começaste... diz-me, Sharra, vocês tinham estrelas?

Ela anuiu.

— Sim. Já se passou tanto tempo. Mas ainda me lembro. As noites eram muito escuras e negras, e as estrelas eram pequenas cabeças de alfinete de luz, dura e fria e distante. Às vezes podiam ver-se padrões. Os homens do meu mundo, quando eram jovens, davam nomes a cada um desses padrões, e contavam grandiosas histórias sobre eles.

Laren acenou com a cabeça.

— Eu gostaria do teu mundo, parece-me — disse. — O meu era um pouco assim. Mas as nossas estrelas eram de mil cores, e moviam-se, como lanternas fantasmagóricas na noite. Às vezes punham véus à sua volta para esconder a luz. E nessas alturas, as nossas noites eram todas reflexos e gaze. Eu ia muitas vezes velejar no tempo das estrelas, eu e aquela que amava. Só para podermos ver juntos as estrelas. Era uma boa altura para cantar. — A voz dele estava de novo a entristecer.

A escuridão penetrara na sala, a escuridão e o silêncio, e a comida estava fria, e Sharra quase não conseguia ver a cara dele a quinze longos metros

de distância. Por isso levantou-se e foi ter com ele, e sentou-se com ligeireza na grande mesa perto da cadeira dele. E Laren acenou e sorriu, e imediatamente se ouviu um *uoooch*, e ao longo de todas as paredes da longa sala de jantar archotes rebentaram numa vida súbita. Ele ofereceu-lhe mais vinho, e os dedos dela demoraram-se nos dele quando aceitou o copo.

— Também era assim para nós — disse Sharra. — Se o vento estivesse suficientemente quente, e os outros homens suficientemente longe, gostaríamos de nos deitar juntos a céu aberto. Eu e Kaydar. — Hesitou, olhou para ele.

Os olhos dele mostraram-se perscrutadores.

— Kaydar?

— Terias gostado dele, Laren. E ele teria gostado de ti, parece-me. Era alto e tinha cabelo ruivo e havia um fogo nos seus olhos. Kaydar tinha poderes, tal como eu, mas os dele eram maiores. E tinha tanta força de vontade! Levaram-no uma noite, não o mataram, só o levaram para longe de mim e do nosso mundo. Tenho andado à procura dele desde então. Conheço os portais, uso a coroa escura, e eles não me pararão facilmente.

Laren bebeu o vinho e viu a luz dos archotes no metal da sua taça.

— Há uma infinidade de mundos, Sharra.

— Tenho tanto tempo quanto precise. Não envelheço, Laren, tal como tu. Hei de encontrá-lo.

— Amaste-o assim tanto?

Sharra combateu um sorriso amoroso e bruxuleante, e perdeu.

— Sim — disse, e agora era a sua voz que parecia algo perdida. — Sim, tanto. Ele fazia-me feliz, Laren. Só estivemos juntos por pouco tempo, mas ele fazia-me *realmente* feliz. Isso, os Sete não podem tocar. Era uma alegria simplesmente observá-lo, sentir os seus braços à minha volta e ver o modo como ele sorria.

— Ah — disse Laren, e sorriu, mas havia algo muito derrotado no modo como o fez. O silêncio tornou-se muito pesado.

Por fim, Sharra virou-se para ele.

— Mas nós afastámo-nos muito de onde começámos. Ainda não me disseste por que motivo as tuas janelas se isolam durante a noite.

— Percorreste um longo caminho, Sharra. Viajas entre os mundos. Já viste mundos sem estrelas?

— Sim. Muitos, Laren. Vi um universo em que o sol é uma brasa brilhante com apenas um único mundo, e os céus são vastos e vazios, à noite. Vi a terra dos bobos carrancudos, onde não existe céu e os sóis sibilantes ardem por baixo do oceano. Caminhei pelas charnechas de Caradyne, e vi feiticeiros negros a incendiar um arco-íris para iluminar essa terra sem sol.

— Este mundo não tem estrelas — disse Laren.

— Isso assusta-te assim tanto para ficares em casa?

— Não. Mas em vez de estrelas tem outra coisa. — Olhou-a. — Queres ver?

Ela anuiu.

Tão subitamente como se tinham acendido, todos os archotes se apagaram. A sala nadou em negrume. E Sharra mudou de posição na mesa para olhar por cima do ombro de Laren. Este não se mexeu. Mas atrás dele, as pedras da janela caíram como poeira e a luz jorrou para dentro.

O céu estava muito escuro, mas ela conseguia ver claramente, pois uma forma movia-se contra a escuridão. Jorrava dela luz, e a terra do pátio, as pedras das ameias e as flâmulas cinzentas estavam todas bem iluminadas sob o seu brilho. Intrigada, Sharra olhou para cima.

Uma coisa olhou-a de volta. Era mais alta do que as montanhas e enchia metade do céu, e embora desse luz suficiente para iluminar o castelo, Sharra soube que era mais escura do que a escuridão. Tinha uma forma genérica de homem, e usava uma longa capa e um capuz, e por baixo disso havia um negrume ainda mais abominável do que o resto. Só se ouvia a suave respiração de Laren, o bater do seu coração e o choro distante de uma ave-de-luto mas, na sua cabeça, Sharra conseguia ouvir um riso demoníaco.

A silhueta no céu olhou para ela, para dentro dela, e Sharra sentiu o escuro frio na alma. Gelada, não conseguia mover os olhos. Mas a silhueta movia-se. Virou-se e ergueu uma mão, e então surgiu outra coisa lá em cima com ela, uma minúscula silhueta humana com olhos de fogo que se contorcia, que gritava e a chamava.

Sharra soltou um guincho e virou costas à janela. Quando deitou um relance para trás, esta não existia. Só havia uma parede de pedra, segura e sólida, e uma fileira de archotes a arder, e Laren que a abraçava com braços fortes.

— Foi só uma visão — disse-lhe. Apertou-a bem contra si, e afagou-lhe o cabelo. — Eu costumava testar-me à noite — disse, mais de si para si do que para ela. — Mas não havia necessidade. Eles ficam por turnos lá em cima, a observar-me, cada um dos Sete. Vi-os com demasiada frequência, a arder em luz negra contra a escuridão limpa do céu, e a agarrar aqueles que eu amei. Agora não olho. Fico dentro de portas e canto, e as minhas janelas são feitas de pedranoite.

— Sinto-me... conspurcada — disse ela, ainda a tremer um pouco.

— Vem — disse ele. — Há água lá em cima, podes lavar o frio. E depois eu canto para ti. — Pegou-lhe na mão e levou-a para a torre.

Sharra tomou um banho quente enquanto Laren preparava o seu instrumento e o afinava no quarto. Estava pronto quando ela regressou, enro-

lada dos pés à cabeça numa enorme e penugenta toalha castanha. Sentou-se na cama, a secar o cabelo e à espera.

E Laren deu-lhe visões.

Daquela vez, cantou o seu outro sonho, aquele em que era um deus e o inimigo dos Sete. A música era uma coisa batida e violenta, trespassada de relâmpagos e tremores de medo, e as luzes fundiram-se para criar um campo de batalha escarlata onde um Laren tão branco que cegava combatia sombras e as silhuetas de pesadelo. Estas eram sete, e formaram um círculo à sua volta e precipitavam-se para dentro e para fora, espetando-lhe lanças de um negro absoluto, e Laren respondia-lhes com fogo e tempestade. Mas no fim derrotaram-no, a luz desvaneceu-se, e então a canção tornou-se de novo suave e triste e a visão ficou indistinta quando séculos solitários e sonhadores passaram num ápice.

As últimas notas quase nem tinham caído do ar e as últimas cintilações morrido, quando Laren recomeçou. Desta vez foi uma nova canção, uma canção que ele não conhecia tão bem. Os seus dedos, magros e graciosos, hesitaram e voltaram atrás mais de uma vez, e a voz também era incerta, pois ele estava a inventar as palavras enquanto as cantava. Sharra sabia porquê. Pois daquela vez cantava sobre ela, uma balada sobre a sua demanda. Sobre um amor ardente e uma busca infundável, sobre mundos atrás de mundos, sobre coroas escuras e guardiões expectantes que lutavam com garras, truques e mentiras. Pegou em cada palavra que ela dissera e usou-as a todas, e transformou-as a todas. No quarto, formaram-se resplandecentes panoramas onde quentes sóis brancos ardiam sob oceanos eternos e silvavam em nuvens de vapor, e homens mais antigos que o tempo acendiam arcos-íris para manter a escuridão afastada. E cantou Kaydar, e cantou-o numa forma que de algum modo foi verdadeira, capturou e desenhou o fogo que fora o amor de Sharra e fê-la crer de novo.

Mas a canção terminava com uma pergunta, um final indeciso a pairar no ar, ecoando, ecoando. Ambos esperaram o resto, e ambos sabiam que não havia mais. Ainda não.

Sharra estava a chorar.

— É a minha vez, Laren — disse. — Obrigada. Por me devolveres Kaydar.

— Foi só uma canção — disse ele, encolhendo os ombros. — Passou-se muito tempo desde que eu tive uma nova canção para cantar.

E de novo a sentiu, tocando-lhe levemente o rosto à porta enquanto ela ali ficava com a manta enrolada à volta. Depois, Sharra trancou a porta atrás dele e foi de vela em vela, transformando a luz em trevas com um sopro. E atirou a toalha para cima numa cadeira, enfiou-se sob as mantas e ficou muito tempo deitada antes de derivar para o sono.

Ainda estava escuro quando acordou, sem saber porquê. Abriu os olhos e ficou quieta e olhou em volta, para o quarto, e não havia nada lá, nada mudara. Ou teria mudado?

E então viu-o, sentado na cadeira do outro lado do quarto com as mãos fechadas sob o queixo, tal como estivera sentado daquela primeira vez. Os olhos firmes e imóveis, muito grandes e escuros num quarto cheio de noite. Estava muito imóvel.

— Laren? — chamou ela, em voz baixa, ainda sem ter bem a certeza de que a silhueta escura fosse ele.

— Sim — disse ele. Não se moveu. — Também te observei ontem à noite, enquanto dormias. Estive aqui sozinho durante mais tempo do que tu poderás chegar a imaginar, e será muito em breve que ficarei de novo sozinho. Mesmo dormindo, a tua presença é uma maravilha.

— Oh, Laren — disse ela. Houve um silêncio, uma pausa, uma ponderação e uma conversa não verbalizada. Então, ela atirou a manta para trás, e Laren veio ter com ela.

* * *

Ambos tinham visto os séculos chegar e partir. Um mês, um momento; eram muito semelhantes.

Dormiram juntos todas as noites, e todas as noites Laren cantou as suas canções enquanto Sharra escutava. Atravessaram horas escuras a conversar, e durante o dia nadaram nus em águas cristalinas que capturavam a glória púrpura do céu. Fizeram amor em praias de areia branca e fina, e falaram muito de amor.

Mas nada mudou. E por fim o momento aproximou-se. Na véspera da noite que antecedia o dia que seria o fim, ao crepúsculo, caminharam juntos pela floresta cheia de sombras em que ele a encontrara.

Laren aprendera a rir durante o mês passado com Sharra, mas agora estava de novo silencioso. Caminhava lentamente, apertando a mão dela na sua, e a sua disposição estava mais cinzenta do que a suave camisa de seda que usava. Por fim, na margem do ribeiro do vale, sentou-se e fê-la sentar-se a seu lado. Tiraram as botas e deixaram que a água lhes arrefecesse os pés. Estava uma noitinha quente, com um vento solitário e irrequieto, e já se conseguiam ouvir as primeiras das aves-de-luto.

— Tens de te ir embora — disse ele, ainda a segurar-lhe na mão mas sem a olhar. Era uma afirmação, não uma pergunta.

— Sim — disse ela, e a melancolia também a tocara, e havia ecos de chumbo na sua voz.

— Todas as palavras me abandonaram, Sharra — disse Laren. — Se

pudesse cantar-te agora uma visão, era o que faria. Uma visão de um mundo outrora vazio, tornado cheio por nós e os nossos filhos. Podia fazer essa oferta. O meu mundo tem suficientes beleza, maravilha e mistério, desde que haja olhos para os ver. E se as noites são malignas, bem, os homens já antes enfrentaram noites escuras, em outros mundos, noutros tempos. Podia amar-te, Sharra, tanto quanto sou capaz de amar. Tentaria fazer-te feliz.

— Laren... — começou ela a dizer, mas ele calou-a com um olhar.

— Não, eu podia dizer isso mas não o farei. Não tenho esse direito. O Kaydar faz-te feliz. Só um tolo egoísta te pediria para desistires dessa felicidade para partilhar o meu infortúnio. Kaydar é todo fogo e risos, enquanto eu sou fumo, canções e tristeza. Passei demasiado tempo sozinho, Sharra. O cinzento faz agora parte da minha alma, e não te quero ver ensombrada. Mas ainda assim...

Ela tomou a mão dele nas suas, ergueu-a e deu-lhe um rápido beijo. Depois, largando-o, pousou a cabeça no seu ombro imóvel.

— Tenta vir comigo, Laren — disse. — Segura a minha mão quando passarmos pelo portal, e talvez a coroa escura te proteja.

— Tentarei fazer tudo o que tu pedires. Mas não me peças para acreditar que resultará. — Suspirou. — Tens um sem-fim de mundos na tua frente, Sharra, e eu não posso ver onde terminarás. Mas não é aqui. Isso sei. E talvez ainda bem. Já não sei, se é que alguma vez soube. Lembro-me vagamente do amor, acho que consigo recordar como ele era, e lembro-me de que nunca dura. Aqui, com ambos imutáveis e imortais, como evitaríamos aborrecer-nos? Odiar-nos-íamos nesse momento? Não quero isso. — Então olhou-a, e fez um sorriso dorido e melancólico. — Acho que só conhecestes Kaydar durante pouco tempo, para estares tão *apaixonada* por ele. Talvez eu esteja, afinal, a ser retorcido. Mas ao encontrares Kaydar, podes perdê-lo. O fogo apagar-se-á um dia, meu amor, e a magia morrerá. E então talvez te lembres de Laren Dorr.

Sharra começou a chorar, suavemente. Laren encostou-a a si, e beijou-a, e sussurrou um “não” gentil. Ela devolveu-lhe o beijo, e abraçaram-se sem palavras.

Quando por fim a obscuridade púrpura escureceu até quase se tornar negra, voltaram a calçar as botas e puseram-se em pé. Laren abraçou-a e sorriu.

— Eu *tenho* de ir — disse Sharra. — Tenho *mesmo*. Mas partir é difícil, Laren, tens de acreditar nisso.

— Acredito — disse ele. — Amo-te porque te irás embora, parece-me. Porque não podes esquecer Kaydar, e não queres esquecer as promessas que fizeste. És Sharra, aquela que viaja entre os mundos, e penso que os Sete

devem temer-te muito mais do que qualquer deus que eu possa ter sido. Se tu não fosses tu, não te teria em tão alta conta.

— Oh. Um dia disseste que amarias qualquer voz que não fosse um eco da tua.

Laren encolheu os ombros.

— Como disse com frequência, amor, *isso* foi há muito tempo.

Estavam de regresso ao interior do castelo antes de escurecer, para uma última refeição, uma última noite, uma última canção. Nessa noite não dormiram, e Laren voltou a cantar-lhe logo antes da alvorada. Mas não foi uma canção lá muito boa; foi uma coisa sem sentido e desconexa sobre um menestrel errante num mundo indeterminado. Muito pouco de interessante acontecia ao menestrel; Sharra não conseguiu chegar a entender o objetivo da canção, e Laren cantou-a com apatia. Parecia uma estranha despedida, mas ambos estavam perturbados.

Ele deixou-a ao nascer do Sol, prometendo mudar de roupa e ir ter com ela ao pátio. E de facto estava à espera quando ela lá chegou, sorrindo-lhe, calmo e confiante. Usava um fato de puro branco; calças que se agarravam às pernas, uma camisa que fazia balão nas mangas, e uma grande capa pesada que ondulava e se enfunava no vento que aumentava. Mas o Sol púrpura manchava-o com os seus raios de sombra.

Sharra foi ter com ele e pegou-lhe na mão. Usava couro resistente, e havia uma faca no seu cinto, para lidar com o guardião. O seu cabelo, preto de azeviche com reflexos de vermelho e púrpura, ondulava tão livremente como a capa dele, mas a coroa escura estava no lugar.

— Adeus, Laren — disse ela. — Gostaria de te ter dado mais.

— Deste-me o suficiente. Em todos os séculos que virão, em todos os ciclos de sol que me esperam, recordarei. Medirei o tempo por ti, Sharra. Quando o Sol nascer um dia e a sua cor for um fogo azul, olhá-lo-ei e direi: “Sim, este é o primeiro sol azul depois de Sharra vir até mim.”

Ela acenou com a cabeça.

— E eu tenho uma nova promessa. Encontrarei Kaydar, um dia. E se o libertar, voltaremos para te virmos buscar, os dois juntos, e oporemos a minha coroa e os fogos de Kaydar a toda a escuridão dos Sete.

Laren encolheu os ombros.

— Está bem. Se eu não estiver aqui, não se esqueçam de deixar uma mensagem — disse. E depois fez um sorriso.

— E agora, o portal. Disseste que me mostrarias o portal.

Laren virou-se e indicou com um gesto a torre mais baixa, uma estrutura de pedra fuliginosa na qual Sharra nunca estivera. Havia uma grande porta de madeira na base. Laren apresentou uma chave.

— Aqui? — disse ela, com uma expressão desconcertada. — No castelo?

— Aqui — disse Laren. Atravessaram o pátio, dirigindo-se para a porta. Laren inseriu a pesada chave de metal e pôs-se a lutar com a fechadura. Enquanto ele trabalhava, Sharra olhou por uma última vez em volta, e sentiu a tristeza a pesar-lhe na alma. As outras torres pareciam desoladas e mortas, o pátio estava abandonado, e mais longe as grandes montanhas geladas eram apenas um horizonte vazio. Não havia qualquer som, além do de Laren a trabalhar com a fechadura, e nenhum movimento a não ser o vento constante que levantava a poeira do pátio e fazia esvoaçar as sete flâmulas cinzentas que estavam hasteadas ao longo de cada muralha. Sharra estremeceu com uma súbita solidão.

Laren abriu a porta. Não havia sala lá dentro; só uma parede de nevoeiro móvel, um nevoeiro sem cor, som ou luz.

— O vosso portal, minha senhora — disse o cantor.

Sharra observou-o, como o observara tantas vezes antes. Que mundo se seguiria?, perguntou a si própria. Nunca sabia. Mas era possível que no mundo seguinte encontrasse Kaydar.

Sentiu a mão de Laren no seu ombro.

— Hesitas — disse ele, com a voz suave.

A mão de Sharra dirigiu-se à faca.

— O guardião — disse, de súbito. — Há sempre um guardião. — Os seus olhos precipitaram-se rapidamente pelo pátio.

Laren suspirou.

— Sim. Sempre. Há alguns que tentam rasgar-te aos bocados, e alguns que tentam fazer com que te percas, e alguns que tentam enganar-te para atravessares o portal errado. Há alguns que te retêm com armas, alguns com correntes, alguns com mentiras. E há um, pelo menos, que tentou parar-te com amor. Mas apesar disso, ele foi leal, e nunca te cantou falsidades.

E com um encolher de ombros impotente, cheio de amor, Laren empurrou-a para o portal.

* * *

Tê-lo-á ela encontrado, no fim, ao seu amante com olhos de fogo? Ou andará ainda à procura? Que guardião enfrentou de seguida?

Quando caminha à noite, uma estranha numa terra solitária, será que o céu tem estrelas?

Não sei. Ele não sabe. Talvez nem mesmo os Sete saibam. São poderosos, sim, mas nem todo o poder é seu, e o número de mundos é maior do que mesmo eles podem contar.

Há uma rapariga que viaja entre mundos, mas o seu caminho está por esta altura perdido na lenda. É possível que esteja morta, é possível que não

esteja. O conhecimento desloca-se lentamente de mundo para mundo, e nem todo ele é verdadeiro.

Mas isto sabemos; num castelo vazio sob um sol púrpura, um menestrel solitário espera, e canta sobre ela.

INTRODUÇÃO O CAVALEIRO DE WESTEROS

“O Cavaleiro de Westeros” é uma prequela para a minha série de fantasia épica, *As Crônicas de Gelo e Fogo*, ambientada nos Sete Reinos de Westeros cerca de noventa anos antes de *A Guerra dos Tronos*. Uma vez que o épico propriamente dito está longe de terminado, nunca me teria ocorrido escrever uma prequela se Robert Silverberg não me tivesse telefonado para me convidar para contribuir para *Legends*, a sua gigantesca antologia de nova fantasia. Já antes tinham sido organizadas enormes antologias de fantasia, claro, mas Silverberg juntara uma lista estelar de contribuidores para *Legends* que incluía Stephen King, Terry Pratchett, Ursula K. Le Guin e a maior parte dos outros principais fantasistas do mundo. Era evidente que este livro ia ser coisa séria, e eu percebi que tinha de estar presente. Não queria revelar nada sobre o fim das *Crônicas de Gelo e Fogo* nem sobre o destino das suas personagens principais, portanto uma prequela parecia ser o caminho certo. (E aconteceu que vários dos outros autores presentes em *Legends* seguiram o mesmo caminho.)

“O Cavaleiro de Westeros” é alta fantasia, nada pode ser mais evidente. Ou será que pode? A fantasia não precisa, bem... de *magia*? Eu tenho dragões n^o “O Cavaleiro de Westeros”, certíssimo... em cimeiras de elmos e bandeiras. A que acresce outro recheado de serradura, a dançar na ponta de cordéis. Oh, e Dunk lembra-se de ouvir o velho Sor Arlan falar de ter visto uma vez um dragão verdadeiro e vivo, talvez isso seja suficiente. Se não, bem... podem dizer que “O Cavaleiro de Westeros” é mais aventura histórica do que verdadeira fantasia, exceto pelo facto de toda a história ser imaginária. Então isso faz dela o quê? Não me perguntem, eu só a escrevi.

O CAVALEIRO DE WESTEROS UMA HISTÓRIA DOS SETE REINOS

As chuvas da primavera tinham amolecido o terreno, e Dunk não teve problemas em cavar a sepultura. Escolheu um local na vertente ocidental duma pequena colina, pois o velho sempre gostara de observar o pôr-do-sol. “Mais um dia terminado,” suspirava, “e quem sabe o que o amanhã nos trará, hã, Dunk?”

Bem, uma manhã trouxera chuvas e ensopara-os até aos ossos, a manhã seguinte trouxera ventos tempestuosos, e a seguinte um resfriado. Pelo quarto dia, o velho estava fraco demais para cavalgar. E agora fora-se. Só uns dias antes estivera a cantar enquanto cavava, uma velha canção sobre ir a Vila Gaivota ao encontro duma bela donzela, mas em vez de Vila Gaivota cantara sobre Vaufreixo. *A caminho de Vaufreixo ao encontro da donzela, olaré, olaré,* pensou Dunk, infeliz, enquanto cavava.

Quando o buraco ficou suficientemente profundo, ergueu o corpo do velho nos braços e levou-o para lá. O homem fora pequeno e magro; despidido de lorigão, elmo e cinturão da espada, parecia não pesar mais do que um saco de folhas. Dunk tinha uma altura enorme para a idade, era um rapaz desajeitado, desgrenhado e de grandes ossos, com dezasseis ou dezassete anos (ninguém tinha muita certeza da idade certa) que se aproximava mais dos dois metros do que da altura normal dos homens, e só começara a encher de músculos a ossatura. O velho elogiara-lhe frequentemente a força. Sempre fora generoso com os elogios. Tinham sido tudo o que tivera para dar.

Pousou-o no fundo da sepultura e ficou algum tempo parado por cima dele. O cheiro da chuva estava de novo no ar, e sabia que devia encher o buraco antes de começar a chover, mas era difícil atirar terra para cima daquela velha cara fatigada. *Devia haver aqui um septão, para dizer algumas preces*

por ele, mas só me tem a mim. O velho ensinara a Dunk tudo o que sabia sobre espadas e escudos e lanças, mas nunca fora grande coisa a ensinar-lhe palavras.

— Deixar-vos-ia a espada, mas ela ia enferrujar na terra — disse por fim, como quem pede desculpa. — Os deuses dar-vos-ão uma nova, suponho. Gostava que não tivésseis morrido, sor. — Fez uma pausa, sem ter a certeza do que seria preciso dizer mais. Não conhecia nenhuma oração, pelo menos até ao fim; o velho nunca fora grande adepto de rezas. — Fostes um verdadeiro cavaleiro, e nunca me batestes quando eu não merecia — conseguiu enfim dizer — exceto daquela vez em Lagoa da Donzela. Eu disse-vos que foi o moço da estalagem quem comeu a tarte da viúva, não fui eu. Agora não importa. Que os deuses vos protejam, sor. — Pontapeou terra para dentro do buraco, depois começou a enchê-lo metodicamente, sem nunca olhar para a coisa que estava no fundo. *Ele teve uma vida longa*, pensou. *Devia estar mais perto dos sessenta do que dos cinquenta anos, e quantos homens podem dizer isso?* Pelo menos vivera para ver outra primavera.

O Sol estava a descer para oeste quando deu de comer aos cavalos. Eram três; o seu castrado de dorso arqueado, o palafrém do velho, e Trovão, o seu cavalo de guerra, que só era montado em torneios e batalhas. O grande garanhão castanho não era tão rápido ou forte como fora em tempos, mas ainda tinha o olho brilhante e temperamento intenso, e era mais valioso do que qualquer outra das posses de Dunk. *Se vendesse o Trovão e o velho Castanha e também as selas e os freios, arranjava prata suficiente para...* Dunk franziu o sobrolho. A única vida que conhecia era a de um cavaleiro andante, a de viajar de fortaleza em fortaleza, pondo-se ao serviço deste ou daquele senhor, combatendo nas suas batalhas e comendo nos seus salões até a guerra terminar, seguindo depois caminho. De vez em quando havia também torneios, embora com menos frequência, e sabia que alguns cavaleiros andantes se tornavam ladrões durante os invernos magros, embora o velho nunca o tivesse feito.

Podia encontrar outro cavaleiro andante com falta dum escudeiro que lhe tratasse dos animais e lhe limpasse a cota de malha, pensou, ou talvez pudesse ir para alguma cidade, Lanisporto ou Porto Real, e alistar-me na Patrulha da Cidade. Ou então...

Empilhara as coisas do velho sob um carvalho. A bolsa de pano continha três veados de prata, dezanove dinheiros de cobre e uma granada lascada; tal como acontecia com a maioria dos cavaleiros andantes, a maior parte das suas riquezas materiais tinha sido investida nos cavalos e nas armas. Dunk era agora dono de um lorigão de cota de malha a que limpara a ferrugem mil vezes. De um meio elmo de ferro com uma larga proteção nasal e uma amolgadela na têmpora esquerda. De um cinturão de espada de

couro castanho e estalado, e de uma espada longa numa bainha de madeira e couro. De um punhal, de uma navalha, de uma pedra de amolar. De grevas e gorjal, duma lança de guerra de madeira torneada de freixo com dois metros e meio de comprimento e uma cruel ponta de ferro, e dum escudo de carvalho com rebordo de metal amolgado, ostentando o símbolo de Sor Arlan de Pataqueira: um cálice alado, de prata sobre castanho.

Dunk olhou para o escudo, pegou no cinturão da espada e voltou a fitar o escudo. O cinturão fora feito para as ancas magricelas do velho. Nunca lhe serviria, tal como o lorigão nunca lhe serviria. Prendeu a bainha a uma corda de cânhamo, atou-a em volta da cintura, e puxou pela espada.

A lâmina era direita e pesada, bom aço forjado em castelo, o punho era em couro mole enrolado em madeira, o botão uma pedra lisa, preta e polida. Simples como era, a espada ajustava-se bem na sua mão, e Dunk sabia como era afiada por ter trabalhado nela com pedra de amolar e oleado muitas noites antes de irem dormir. *Ajusta-se ao meu punho tão bem como se ajustava ao dele*, pensou de si para si, *e há um torneio no Campo de Vaufreixo*.

* * *

Passo-Suave tinha um andamento mais fácil do que o velho Castanha, mas mesmo assim Dunk estava dorido e cansado quando vislumbrou a estalagem à sua frente, um edifício alto de madeira e argamassa erguido ao lado dum ribeiro. A morna luz amarela que jorrava das janelas parecia tão convidativa que não podia recusá-la. *Tenho três moedas de prata*, disse a si próprio, *o suficiente para uma boa refeição e tanta cerveja quanta quiser beber*.

Enquanto desmontava, um rapaz nu saiu a pingar do ribeiro e começou a secar-se num manto de ráfia castanha.

— És o moço de estrebaria? — perguntou-lhe Dunk. O moço não parecia ter mais de oito ou nove anos, uma coisinha magra e macilenta, com os pés nus envoltos em lama até aos tornozelos. O cabelo era a coisa mais estranha nele. Não tinha nenhum. — Vou querer o palafrem escovado. E aveia para os três. Podes tratar deles?

O rapaz olhou-o com descaramento.

— Podia. Se quisesse.

Dunk franziu o sobrolho.

— Não quero ouvir mais disso. Sou um cavaleiro, para que fiques sabendo.

— Não tens ar de cavaleiro.

— Os cavaleiros têm todos o mesmo ar?

— Não, mas também não se parecem contigo. O teu cinturão da espada é feito de corda.

— Desde que me segure a bainha, serve. E agora trata-me dos cavalos. Recebes um cobre se tratares bem, e um carolo nas orelhas se não tratares. — Não esperou para ver como o moço de estrebaria acolhia aquilo, virou-lhe costas e empurrou a porta com o ombro.

Àquela hora esperava encontrar a estalagem cheia de gente, mas a sala comum estava quase vazia. Um jovem fidalgo com um manto de bom damasco estava desacordado sobre uma mesa, ressonando suavemente para dentro dum charco de vinho derramado. Fora ele, não havia ninguém. Dunk olhou em volta, inseguro, até que uma mulher robusta, baixa e pálida apareceu vinda das cozinhas e disse:

— Sentai-vos onde quiserdes. É cerveja que quereis, ou comida?

— As duas coisas — Dunk escolheu uma cadeira junto da janela, bem longe do homem adormecido.

— Há bom carneiro, assado em crosta de ervas, e uns patos que o meu filho abateu. O que querereis?

Havia um ano ou mais que ele não comia numa estalagem.

— As duas coisas.

A mulher riu-se.

— Bem, tendes tamanho para isso. — Encheu uma caneca de cerveja e trouxe-lha à mesa. — Também ireis querer um quarto para passar a noite?

— Não. — Nada havia que Dunk mais desejasse do que um colchão mole de palha e um teto sobre a cabeça, mas precisava de ter cuidado com o dinheiro. O chão serviria. — Alguma comida, alguma cerveja e ala para Vaufreixo. Ainda é muito longe?

— A um dia a cavalo. Virai para norte quando a estrada se bifurcar junto ao moinho queimado. É o meu moço que está a tratar dos vossos cavalos, ou ele voltou a fugir?

— Não, ele está lá — disse Dunk. — Parece não ter fregueses.

— Metade da vila foi ver o torneio. Os meus também tinham ido se eu deixasse. Vão ficar com esta estalagem quando eu me for, mas o rapaz prefere andar por aí a pavonear-se entre os soldados e a rapariga derrete-se em risinhos e suspiros de todas as vezes que um cavaleiro passa por cá. Juro que não sou capaz de perceber porquê. Os cavaleiros são feitos da mesma maneira que os outros homens, e nunca ouvi dizer que uma justa mudasse o preço dos ovos. — Deitou uma olhadela curiosa a Dunk; a espada e o escudo diziam-lhe uma coisa, o cinto de corda e a túnica de tecido grosseiro outra bem diferente. — Ides também para o torneio?

Ele bebeu um gole de cerveja antes de responder. Era de um castanho de avelã, e espessa na língua, mesmo como ele gostava.

— Sim — disse. — Pretendo ser um campeão.

— Ah sim? — respondeu a estalajadeira, com razoável polidez.

Do outro lado da sala, o fidalgo levantou a cabeça da poça de vinho. A sua cara tinha um tom amarelado e pouco saudável por baixo do ninho de ratos que era o seu cabelo castanho arenoso, e uma barba rala e loura cobria-lhe o queixo. Esfregou a boca, fitou Dunk a piscar os olhos e disse:

— Sonhei contigo. — A sua mão tremeu quando apontou um dedo. — Fica longe de mim, estás a ouvir? Fica bem longe de mim.

Dunk fitou-o, confuso.

— Senhor?

A estalajadeira debruçou-se para ele.

— Não ligueis àquele, sor. Não faz nada a não ser beber e falar dos sonhos. Eu vou buscar a comida. — E foi-se embora, apressada.

— Comida? — O fidalgo transformou a palavra numa obscenidade. Pôs-se cambaleantemente em pé, apoiando uma mão na mesa para evitar cair. — Vou vomitar — anunciou. A parte da frente da sua túnica estava coberta de vermelho, com manchas velhas de vinho. — Queria uma rameira, mas aqui não se encontra nenhuma. Foram todas para o Campo de Vaufreixo. Pela bondade dos deuses, preciso de vinho. — Abandonou a sala comum num passo instável, e Dunk ouviu-o a subir umas escadas, cantarolando em surdina.

Uma triste criatura, pensou. Mas porque terá pensado que me conhecia? Refletiu naquilo por um momento em frente da cerveja.

Nunca comera carneiro melhor do que o que a mulher lhe trouxe, e o pato ainda estava melhor, cozinhado com cerejas e limão e nem de perto tão gorduroso como a maioria. A estalajadeira também trouxe ervilhas em manteiga, e pão de aveia ainda quente do forno. *Ser cavaleiro é isto*, disse ele a si próprio enquanto arrancava ao osso o último bocado de carne. *Boa comida e cerveja sempre que a quiser, e ninguém para me dar carolos na cabeça.* Bebeu uma segunda caneca de cerveja com a refeição, uma terceira para a empurrar para baixo, e uma quarta porque não havia ninguém para lhe dizer que não podia, e quando terminou pagou à mulher com um veado de prata e mesmo assim recebeu de volta uma mancheia de cobres.

Era noite cerrada quando Dunk saiu da estalagem. Tinha o estômago cheio e a bolsa um pouco mais leve, mas sentia-se bem enquanto se dirigia aos estábulos. Em frente, ouviu um cavalo a relinchar.

— Calma, moço — disse uma voz de rapaz. Dunk estugou o passo, franzindo o sobrolho.

Foi encontrar o moço de estrebaria montado no Trovão e a usar a armadura do velho. O lorigão era mais comprido do que ele e tivera de inclinar o elmo para trás senão ter-lhe-ia tapado os olhos. Parecia completamente

concentrado, e completamente absurdo. Dunk parou à porta do estábulo e soltou uma gargalhada.

O rapaz ergueu os olhos, corou, saltou para o chão.

— Senhor, eu não queria...

— Ladrão — disse Dunk, tentando parecer severo. — Despe essa armadura e dá-te por contente por o Trovão não te ter dado um coice nessa cabeça parva. Ele é um cavalo de guerra, não um pônei de rapaz.

O rapaz tirou o elmo e atirou-o para a palha.

— Podia montá-lo tão bem como vós — disse, com toda a ousadia do mundo.

— Fecha a boca, não quero ouvir a tua insolência. O lorigão também, despe-o. Julgavas que estavas a fazer o quê?

— Como é que posso dizer-vos com a boca fechada? — O rapaz saiu de dentro da cota de malha e deixou-a cair.

— Podes abrir a boca para responder — disse Dunk. — Agora pega nessa cota de malha, sacode-a de porcaria e volta a pô-la onde a encontraste. E o elmo também. Alimentaste os cavalos como te disse para fazer? E escovaste Passo-Suave?

— Sim — disse o rapaz, enquanto sacudia a palha da cota de malha. — Ides para Vaufreixo, não ides? Levai-me convosco, sor.

A estalajadeira avisara-o sobre aquilo.

— E o que é que a tua mãe dizia se te levasse?

— A minha mãe? — O rapaz franziu a cara. — A minha mãe está morta, não dizia nada.

Dunk ficou surpreendido. A estalajadeira não era mãe dele? Talvez fosse só seu aprendiz. Tinha a cabeça um pouco embotada por causa da cerveja.

— És órfão? — perguntou, de modo incerto.

— Vós sois? — atirou o rapaz de volta.

— Fui em tempos — admitiu Dunk. *Até que o velho me acolheu.*

— Se me levásseis, podia ser vosso escudeiro.

— Não me faz falta um escudeiro — disse.

— Todos os cavaleiros precisam de um escudeiro — disse o rapaz. — Vós tendes ar de quem precisa mais de um do que a maioria.

Dunk ergueu uma mão ameaçadora.

— E tu tens ar de quem precisa dum carolo na orelha, quer-me cá pa-recer. Enche-me uma saca de aveia. Vou partir para Vaufreixo... sozinho.

Se o rapaz estava assustado escondia-o bem. Por um momento ficou ali com ar de desafio, de braços cruzados, mas quando Dunk se preparava para desistir dele, virou-se e foi buscar a aveia.

Dunk ficou aliviado. *Uma pena que eu não possa... mas ele tem uma*

boa vida aqui na estalagem, uma vida melhor do que teria sendo escudeiro dum cavaleiro andante. Levá-lo não seria nenhuma bondade.

Mas ainda sentia o desapontamento do rapaz. Enquanto montava Passo-Suave e virava a cabeça de Trovão, Dunk decidiu que um dinheiro de cobre poderia animá-lo.

— Toma, moço, pela tua ajuda. — Atirou-lhe a moeda com um sorriso, mas o moço de estrebaria não fez qualquer tentativa para a apanhar. A moeda caiu na poeira entre os seus pés nus, e foi aí que a deixou ficar.

Há de a apanhar assim que eu me vá embora, disse Dunk a si próprio. Virou o palafém e afastou-se da estalagem, levando os outros dois cavalos pela arreata. As árvores estavam brilhantes de luar, e o céu estava sem nuvens e salpicado de estrelas. Mas enquanto avançava pela estrada fora sentia o moço de estrebaria a observar as suas costas, amuado e silencioso.

* * *

As sombras da tarde estavam a ficar longas quando Dunk puxou as rédeas ao cavalo na borda do grande Campo de Vaufreixo. Três vintenas de pavilhões já tinham sido erguidas no campo relvado. Alguns eram pequenos, outros grandes; alguns eram quadrados, outros redondos; alguns eram de tela, outros de linho, outros de seda; mas todos eram vivamente coloridos, com longos estandartes a esvoaçar nos mastros centrais, mais brilhantes do que um prado de flores silvestres, com vermelhos ricos, amarelos soalheiros, incontáveis tons de verde e azul, negros profundos, cinzentos e púrpuras.

O velho acompanhara alguns daqueles cavaleiros; a outros Dunk conhecia de histórias contadas em salas comuns e em volta de fogueiras de acampamentos. Embora nunca tivesse aprendido a magia da leitura e da escrita, o velho fora implacável no que tocava a ensinar-lhe heráldica, interrogando-o frequentemente enquanto cavalgavam. Os rouxinóis pertenciam a Lorde Caron da Marca, tão talentoso com a harpa vertical como com uma lança. O veado coroadado representava Sor Lyonel Baratheon, a Tempestade Ridente. Dunk localizou o caçador dos Tarly, o relâmpago púrpura da Casa Dondarrion, a maçã vermelha dos Fossoway. Ali rugia o leão de Lannister, em ouro sobre carmesim, e ali a tartaruga marinha verde-escura dos Estermont nadava num fundo verde-claro. A tenda castanha por baixo do garanhão vermelho só podia pertencer a Sor Otho Bracken, a quem chamavam o Bruto de Bracken desde que matara o Lorde Quentyn Blackwood três anos antes durante um torneio em Porto Real. Dunk ouvira dizer que Sor Otho batera com tanta força com o machado embotado que metera para dentro a viseira do elmo do Lorde Blackwood e a cara que estava por

trás. Viu também algumas bandeiras Blackwood, no limite ocidental do prado, tão distantes de Sor Otho como podiam estar. Marbrand, Mallister, Cargyll, Westerling, Swann, Mullendore, Hightower, Florent, Frey, Penrose, Stokeworth, Darry, Parren, Wylde; parecia que todas as casas senhoriais do ocidente e do sul tinham enviado a Vaufreixo um cavaleiro ou dois para ver a bela donzela e enfrentar as liças em sua honra.

Mas por mais esplêndidos que fossem os pavilhões deles aos seus olhos, Dunk sabia que não havia ali lugar para si. Um manto puído de lã seria todo o abrigo que teria naquela noite. Enquanto os senhores e grandes cavaleiros jantariam capões e leitões, o jantar de Dunk seria um bocado duro e fibroso de carne de vaca salgada. Sabia perfeitamente que se montasse acampamento naquele campo garrido, teria de aguentar tanto o escárnio silencioso como a troca aberta. Alguns talvez o tratassem com gentileza, mas de certa forma isso era quase pior.

Um cavaleiro andante tem de se agarrar bem ao orgulho. Sem ele, não passa de um mercenário. *Tenho de conquistar o meu lugar naquela companhia. Se lutar bem, talvez algum senhor me aceite no seu pessoal. Então cavalgarei em nobre companhia, e comerei carne fresca todas as noites num salão de castelo, e erguerei o meu próprio pavilhão em torneios. Mas primeiro tenho de me sair bem.* Com relutância, virou costas ao campo de torneios e levou os cavalos para as árvores.

Nos arredores do grande prado, a quase um quilómetro da vila e do castelo, encontrou um lugar onde uma curva num regato criara uma profunda lagoa. Um denso canavial crescia ao longo da margem, e um grande ulmeiro folhoso presidia sobre tudo. A erva primaveril era ali tão verde como a bandeira de qualquer cavaleiro e suave ao toque. Era um local bonito, e ainda ninguém o reclamara para si. *Este será o meu pavilhão*, disse Dunk a si próprio, *um pavilhão alimentado com folhas, mais verde até do que as bandeiras dos Tyrell e dos Estermont.* Os seus cavalos tinham prioridade. Depois de ter tratado deles, despiu-se e entrou na lagoa para lavar a poeira da viagem. “Um verdadeiro cavaleiro é tão limpo como devoto,” dizia sempre o velho, insistindo em que se lavassem dos pés à cabeça de todas as vezes que a Lua virava, quer cheirassem mal, quer não. Agora que era um cavaleiro, Dunk jurou fazer o mesmo.

Sentou-se nu sob o ulmeiro enquanto se secava, apreciando o calor do ar primaveril na pele enquanto observava uma libélula que se movia indolentemente entre os caniços. Uma mosca-dragão, como lhe chamavam em algumas regiões. *Porque haveriam de lhe dar esse nome?*, perguntou a si próprio. *Não se parece nada com um dragão.* Não que Dunk tivesse alguma vez visto um dragão. Mas o velho tinha. Dunk ouvira a história meia centena de vezes, a história de como Sor Arlan fora apenas um rapazinho

quando o avô o levava a Porto Real, e como tinham aí visto o último dragão no ano anterior ao da sua morte. Fora uma fêmea verde, pequena e atrofiada, com as asas mirradas. Nunca nenhum dos seus ovos chegara a eclodir. “Alguns dizem que o Rei Aegon a envenenou,” dizia o velho. “Esse há de ser o terceiro Aegon, não o pai do Rei Daeron, mas aquele a que chamaram Desgraça-dos-Dragões, ou Aegon, o Infortunado. Tinha medo de dragões, porque vira o animal do tio devorar a própria mãe. Os verões têm vindo a ser mais curtos desde que o último dragão morreu, e os invernos mais longos e rigorosos.

O ar começou a arrefecer quando o Sol mergulhou abaixo das copas das árvores. Quando Dunk sentiu pele de galinha a arrepanhar-lhe os braços, bateu com a túnica e as bragas contra o tronco do ulmeiro para sacudir a pior sujidade e voltou a vesti-las. Na manhã seguinte iria à procura do mestre dos jogos e inscreveria o seu nome, mas tinha outros assuntos a tratar naquela noite se queria ter esperança de lutar.

Não precisava de estudar o seu reflexo na água para saber que não se parecia muito com um cavaleiro, por isso pôs o escudo de Sor Arlan às costas para exhibir o símbolo. Prendendo os cavalos, Dunk deixou-os a aparar a densa erva verde que crescia por baixo do ulmeiro e dirigiu-se a pé para o terreno do torneio.

* * *

Em tempos normais, o prado servia de pastagem comunitária para o povo da vila de Vaufreixo do outro lado do rio, mas agora estava transformado. Uma segunda vila nascera do dia para a noite, uma vila de seda em vez de pedra, maior e mais bonita do que a irmã mais velha. Dúzias de mercadores tinham erigido as suas bancadas ao longo do limite do campo, vendendo feltros e frutas, cintos e botas, peles e falcões, louça de barro e cerâmica, pedras preciosas, utensílios de peltre, especiarias, penas e todos os tipos de outros bens. Malabaristas, bonecreiros e mágicos vagueavam pela multidão a exercitar as suas artes... e o mesmo faziam as rameiras e os carteiristas. Dunk manteve uma mão cautelosa a proteger as moedas.

Quando captou o cheiro a salsichas a chiar por cima duma fogueira fumarenta, ficou com a boca cheia de água. Comprou uma com um cobre tirado da bolsa, e um corno de cerveja para a empurrar para baixo. Enquanto comia, viu um cavaleiro de madeira pintada a batalhar com um dragão de madeira pintada. E a bonecreira que manejava o dragão também era agradável à vista; muito alta, com a pele cor de azeitona e o cabelo preto de Dorne. Era esguia como uma lança, sem seios dignos de menção; mas Dunk gostou do rosto e do modo como os seus dedos faziam o dragão

morder e deslizar na ponta dos cordéis. Teria atirado um cobre à rapariga se se pudesse dar a esse luxo, mas naquele momento precisava de cada uma das suas moedas.

Havia armeiros entre os mercadores, como Dunk esperara que houvesse. Um tyroshi com uma barba azul bifurcada estava a vender elmos ornamentados, maravilhosas coisas fantásticas esculpidas em forma de aves e feras, com embutidos de ouro e prata. Noutra local, encontrou um fabricante de espadas que apregoava lâminas baratas de aço, e outro cujo trabalho era de muito melhor qualidade, mas o que lhe fazia falta não era uma espada.

O homem de que precisava estava mesmo ao fundo da fileira, com um lorigão de boa cota de malha e um par de manoplas articuladas de aço em exibição na mesa à sua frente. Dunk inspecionou os artigos com atenção.

— Fazes bom trabalho — disse.

— Não há melhor. — Atarracado, o ferreiro não tinha mais de metro e meio de altura, mas era tão largo como Dunk no peito e nos braços. Tinha uma barba negra, umas mãos enormes e nenhum vestígio de humildade.

— Preciso de armadura para o torneio — disse-lhe Dunk. — Boa cota de malha com gorjal, grevas e elmo completo. — A cabeça cabia-lhe no meio-elmo do velho, mas Dunk precisava de mais proteção para a cara do que a que uma simples proteção nasal podia fornecer.

O armeiro olhou-o de cima a baixo.

— Sois um dos grandes, mas já armei maiores. — Saiu de trás da mesa. — Ajoelhai, quero medir esses ombros. Sim, e esse vosso grosso pescoço. — Dunk ajoelhou. O armeiro esticou-lhe um bocado de couro cru cheio de nós ao longo dos ombros, soltou um grunhido, enrolou-lho em volta da garganta, voltou a grunhir. — Levantai o braço. Não, o direito. — Grunhiu pela terceira vez. — Agora podeis levantar-vos. — A parte de dentro duma perna, a largura da barriga da perna, e o tamanho da cintura causaram mais grunhidos. — Tenho umas peças na carroça que podem servir-vos — disse o homem quando terminou. — Nada alindado com ouro ou prata, notai, só bom aço, forte e simples. Faço elmos que se parecem com elmos, não porcos alados ou frutas estrangeiras esquisitas, mas os meus hão de servir-vos melhor se apanhardes com uma lança na cara.

— É isso mesmo que quero — disse Dunk. — Quanto é?

— Oitocentos veados, porque me estou a sentir bondoso.

— *Oitocentos?* — Era mais do que ele esperara. — Eu... podia trocar uma armadura velha, feita para um homem mais pequeno... um meio-elmo, um lorigão de cota de malha.

— O Pate de Aço só vende o seu próprio trabalho — declarou o homem — mas pode ser que o metal me interesse. Se não estiver demasiado ferrugento, aceito-o e armo-vos por seiscentos veados.

Dunk podia implorar a Pate que lhe desse a armadura à confiança, mas sabia que tipo de resposta era provável que esse pedido obtivesse. Viajara com o velho durante tempo suficiente para ficar a saber que os mercadores eram notoriamente desconfiados com os cavaleiros andantes, alguns dos quais pouco melhores eram do que assaltantes. — Dou-vos agora duas pratas, e a armadura e o resto do dinheiro amanhã.

O armeiro estudou-o por um momento.

— Duas moedas de prata comprem-vos um dia. Depois disso, vendo o meu trabalho ao próximo freguês.

Dunk tirou os veados do bolso e pô-los na mão calosa do armeiro.

— Recebereis tudo. Pretendo ser aqui um campeão.

— Ah sim? — Pate mordeu uma das moedas. — E os outros, suponho que vieram só para vos aplaudir?

* * *

A Lua ia bem alta quando virou os passos na direção do seu ulmeiro. Atrás dele, o Campo de Vãufreixo era um clarão de archotes. Os sons de canções e risos pairavam por cima da relva, mas o humor de Dunk estava sombrio. Só conseguia imaginar uma maneira de arranjar dinheiro para a armadura. E se fosse derrotado...

— Só preciso duma vitória — murmurou. — Não é esperança em demasia.

Mesmo assim, o velho nunca teria nutrido tal esperança. Sor Arlan não participara em qualquer justa desde o dia em que fora derrubado pelo Príncipe de Pedra do Dragão num torneio em Ponta Tempestade muitos anos antes. “Não são todos os homens que se podem gabar de ter partido sete lanças contra o melhor cavaleiro dos Sete Reinos,” dizia. “Nunca poderei esperar fazer melhor, por isso para quê tentar?”

Dunk suspeitava de que a idade de Sor Arlan tinha mais a ver com isso do que o Príncipe de Pedra do Dragão, mas nunca se atrevera a dizê-lo. O velho tinha o seu orgulho, mesmo no fim. *Eu sou rápido e forte, ele sempre o disse, o que era verdade para ele não tem de ser verdade para mim*, disse a si próprio, obstinado.

Estava a atravessar uma extensão de ervas altas, a revirar as suas hipóteses na cabeça, quando viu o tremeluzir do fogo através dos arbustos. *Que é isto?* Dunk não parou para pensar. De súbito, tinha a espada na mão e arremetia por entre as ervas.

Saltou do meio delas a rugir e a praguejar, apenas para se imobilizar de repente ao ver o rapaz ao lado da fogueira.

— Tu! — Baixou a espada. — Que estás tu a fazer aqui?

— Estou a cozinhar um peixe — disse o rapaz sem cabelo. — Quereis um pouco?

— O que eu queria dizer é: como foi que *chegaste* aqui? Roubaste um cavalo?

— Vim numa carroça, com um homem que trazia carneiros para o castelo, para a mesa do senhor de Vaufreixo.

— Bom, então é melhor ires ver se ele já se foi embora, ou arranjares outra carroça. Não te quero aqui.

— Não me podeis obrigar a ir — disse o rapaz, impertinente. — Fartei-me daquela estalagem.

— Não quero mais insolências vindas de ti — avisou Dunk. — Devia atirar-te agora mesmo para cima do cavalo e levar-te para casa.

— Teríeis de viajar até Porto Real — disse o rapaz. — Perderíeis o torneio.

Porto Real. Por um momento, Dunk perguntou a si próprio se estariam a troçar dele, mas o rapaz não tinha maneira de saber que ele nascera também em Porto Real. *Outro desgraçado do Fundo das Pulgas, é o mais certo, e quem pode censurá-lo por querer sair daquele lugar?*

Sentiu-se um tolo por estar ali em pé de espada na mão por causa de um órfão de oito anos. Embainhou-a, fitando o rapaz com olhos furiosos, para que ele soubesse que não toleraria disparates. *Devia dar-lhe pelo menos uma boa sova*, pensou, mas o miúdo tinha um ar tão digno de dó que não conseguiu convencer-se a bater-lhe. Deitou uma olhadela ao acampamento. A fogueira ardia alegremente no interior dum círculo de pedras bem feito. Os cavalos tinham sido escovados, e havia roupa pendurada do ulmeiro, a secar por cima das chamas.

— Que está aquilo a fazer ali?

— Lavei-as — disse o rapaz. — E tratei dos cavalos, fiz a fogueira, e apanhei este peixe. Teria montado o vosso pavilhão mas não encontrei nenhum.

— O meu pavilhão está ali. — Dunk fez um gesto largo com a mão por cima da cabeça, indicando os ramos do grande ulmeiro que se erguia por cima deles.

— Isso é uma árvore — disse o rapaz, nada impressionado.

— É todo o pavilhão de que um verdadeiro cavaleiro precisa. Prefiro dormir sob as estrelas do que numa tenda fumarenta qualquer.

— E se chover?

— A árvore abriga-me.

— As árvores deixam passar água.

Dunk soltou uma gargalhada.

— É verdade. Bem, em boa verdade, falta-me o dinheiro para um pavi-

lhão. E é melhor virares esse peixe, senão vai ficar queimado por baixo e cru na parte de cima. Nunca darias um ajudante de cozinha.

— Dava se quisesses — disse o rapaz, mas virou o peixe.

— Que te aconteceu ao cabelo? — perguntou-lhe Dunk.

— Os mestres raparam-no. — De súbito constrangido, o rapaz puxou para cima o capuz do seu manto castanho-escuro, cobrindo a cabeça.

Dunk ouvira dizer que às vezes faziam isso, para tratar piolhos, vermes ou certas doenças.

— Estás doente?

— Não — disse o rapaz. — Qual é o vosso nome?

— Dunk — disse ele.

O desgraçado do rapaz soltou uma gargalhada sonora, como se aquela fosse a coisa mais engraçada que já tinha ouvido.

— *Dunk?* — disse. — Sor Dunk? Isso não é nome para um cavaleiro. É diminutivo de Duncan?

Seria? O velho chamava-lhe simplesmente Dunk desde que se lembrava, e não se lembrava de muito da sua vida anterior.

— Sim, Duncan — disse. — Sor Duncan de... — Dunk não tinha outro nome, nem uma casa; Sor Arlan encontrara-o a viver como um animal selvagem nos lupanares e vielas do Fundo das Pulgas. Nunca conhecera nem o pai nem a mãe. O que haveria de dizer? “Sor Duncan do Fundo das Pulgas” não soava muito cavaleiresco. Podia adotar Pataqueira, mas e se lhe perguntassem onde ficava? Dunk nunca estivera em Pataqueira, e o velho tampouco falara muito do sítio. Franziu o sobrolho por um momento, e depois disse precipitadamente: — Sor Duncan, o Alto. — Ele *era* alto, ninguém podia pôr isso em causa, e o nome soava poderoso.

O patifório, contudo, não pareceu ser da mesma opinião.

— Nunca ouvi falar de nenhum Sor Duncan, o Alto.

— Quer dizer que conheces todos os cavaleiros dos Sete Reinos?

O rapaz olhou-o com ousadia.

— Conheço os bons.

— Eu sou tão bom como qualquer outro. Depois do torneio, todos ficaram a saber disso. Tens nome, ladrão?

O rapaz hesitou.

— Egg — disse.

Dunk não se riu. *A cabeça dele realmente parece um ovo*¹⁰. *Os rapazinhos podem ser cruéis, e os adultos também.*

— Egg — disse — devia dar-te uma surra valente e pôr-te a andar, mas a verdade é que não tenho pavilhão e também não tenho escudeiro.

¹⁰ Trocadilho, em inglês, com o nome da personagem “Egg”, ou seja, “ovo”. (N. do T.)

Se jurares que fazes o que eu te disser, deixo-te servir-me durante o torneio. Depois disso, bem, veremos. Se decidir que vale a pena ficar contigo, terás roupa para vestir e comida para comer. A roupa pode ser de tecido grosseiro e a comida é carne salgada e peixe salgado, e se calhar alguma carne de veado de vez em quando se não houver guardas florestais por perto, mas não passarás fome. E prometo não te bater exceto quando o mereceres.

Egg sorriu.

— Sim, senhor.

— *Sor* — corrigiu Dunk. — Eu sou só um cavaleiro andante. — Perguntou a si próprio se o velho estaria a velar por ele. *Ensinar-lhe-ei as artes da batalha, tal como me ensinastes, sor. Ele parece ser um moço capaz, pode ser que um dia dê um cavaleiro.*

O peixe ainda estava um pouco cru por dentro quando o comeram, e o rapaz não tinha tirado todas as espinhas, mas mesmo assim sabia muitíssimo melhor do que carne dura e salgada.

Egg depressa adormeceu ao lado da fogueira que esmorecia. Dunk deitou-se de costas perto dele, com as grandes mãos atrás da cabeça, a fitar o céu noturno. Conseguia ouvir música distante vinda do terreno do torneio, a quase um quilómetro de distância. Havia estrelas por todo o lado, milhares e milhares de estrelas. Uma caiu enquanto ele estava a observar, um brilhante risco verde que relampejou nas trevas e depois desapareceu.

Uma estrela cadente traz sorte àquele que a vê, pensou Dunk. Mas os outros estão agora todos nos seus pavilhões a olhar para seda em vez de céu. Portanto a sorte é só minha.

* * *

De manhã, acordou ao som dum galo a cantar. Egg ainda lá estava, enro lado debaixo do segundo melhor manto do velho. *Bem, o rapaz não fugiu durante a noite, é um começo.* Acordou-o empurrando-o com o pé.

— A pé. Há trabalho a fazer. — O rapaz levantou-se com bastante rapidez, esfregando os olhos. — Ajuda-me a selar Passo-Suave — disse-lhe Dunk.

— Então e o pequeno-almoço?

— Há carne salgada. *Depois* de acabarmos.

— Preferia comer o cavalo — disse Egg. — *Sor.*

— Vais comer o meu punho se não fizeres o que te disser. Vai buscar as escovas. Estão no alforge. Sim, nesse.

Juntos, escovaram a pelagem castanha-avermelhada do palafrém, iç-

ram a melhor sela de Sor Arlan para o seu dorso, e cingiram-na bem. Dunk viu que Egg era um bom trabalhador quando se decidia a isso.

— Conto andar por longe durante a maior parte do dia — disse ao rapaz enquanto montava. — Tu deverás ficar aqui e pôr o acampamento em ordem. Certifica-te de que nenhum *outro* ladrão vem cá meter o nariz.

— Posso ficar com uma espada para correr com eles? — perguntou Egg. Dunk viu que o rapaz tinha olhos azuis, muito escuros, quase purpúreos. De algum modo, a cabeça calva fazia com que parecessem enormes.

— Não — disse Dunk. — Uma faca basta. E é melhor que estejas aqui quando voltar, estás a ouvir-me? Rouba-me e foge, que eu te dou caça, juro que dou. Com cães.

— Não tendes cão nenhum — fez Egg notar.

— Arranjo alguns — disse Dunk. — Só para ti. — Virou a cabeça de Passo-Suave para o prado e afastou-se a um trote vivo, esperando que a ameaça fosse suficiente para manter o rapaz honesto. À exceção da roupa que trazia vestida, da armadura que levava no saco e do cavalo que tinha por baixo, tudo o que Dunk possuía no mundo estava naquele acampamento. *Sou um grande palerma por ter confiado no rapaz até aqui, mas isso não é mais do que o que o velho fez por mim, refletiu. A Mãe deve ter-me enviado para que possa pagar a minha dívida.*

Quando atravessou o campo, ouviu o retinir de martelos vindo da margem do rio, onde carpinteiros estavam a meter pregos em barreiras para justas e a construir uma bancada elevada. Alguns pavilhões novos também se estavam a erguer, enquanto os cavaleiros que tinham chegado mais cedo recuperavam dormindo das pândegas da noite anterior ou se sentavam para quebrar os jejuns. Dunk sentia o cheiro do fumo de lenha e também de bacon.

A norte do prado fluía o rio Ameijoeiro, afluente do poderoso Vago. Depois do estreito vau ficava a vila e o castelo. Dunk vira muitas vilas francas durante as suas viagens com o velho. Aquela era mais bonita do que a maioria; as casas caiadas com os seus telhados de colmo tinham um aspeto convidativo. Quando era mais pequeno, costumava perguntar a si próprio como seria viver num lugar assim; dormir todas as noites com um telhado por cima da cabeça, e acordar todas as manhãs com as mesmas paredes enroladas à nossa volta. *Pode ser que saiba em breve. Sim, e o Egg também. Podia acontecer. Acontecem coisas mais estranhas todos os dias.*

O Castelo de Vaufreixo era uma estrutura de pedra construída em forma de triângulo, com torres redondas a erguerem-se a uma altura de nove metros em cada ponta e muralhas ameadas a correr entre elas. Estandartes cor de laranja esvoaçavam das ameias, ostentando o símbolo branco do sol e asna do seu senhor. Homens de armas em uniformes brancos e cor de

laranja estavam ao portão com alabardas, observando as pessoas que iam e vinham, parecendo mais concentrados em trocar gracejos com uma leiteira bonita do que em impedir a entrada fosse de quem fosse. Dunk puxou as rédeas ao cavalo à frente do homem baixo e barbudo que tomou pelo capitão e interrogou-o a respeito do mestre dos jogos.

— Quem procurais é Plummer, o intendente de cá. Eu levo-vos lá.

No pátio, um moço de estrebaria ficou-lhe com Passo-Suave. Dunk pôs ao ombro o escudo riscado de Sor Arlan e seguiu o capitão da guarda pelas traseiras dos estábulos até um torreão construído num ângulo da muralha exterior. Íngremes degraus de pedra levavam ao adarve.

— Vindes inscrever o nome do vosso amo na liça? — perguntou o capitão enquanto subiam.

— É o meu próprio nome que venho inscrever.

— Ah sim?

Estaria o homem com um sorrisinho no rosto? Dunk não tinha a certeza.

— É aquela porta ali. Deixo-vos com os vossos afazeres e vou voltar para o meu posto.

Quando Dunk abriu a porta, o intendente estava sentado a uma mesa de montar, a esgravatar com uma pena num bocado de pergaminho. Tinha um cabelo grisalho que se ia tornando ralo e uma cara estreita e encovada.

— Sim? — disse, olhando para cima. — Que quereis, homem?

Dunk fechou a porta.

— Sois Plummer, o intendente? Vim para o torneio. Para entrar na liça. Plummer contraiu os lábios.

— O torneio do meu senhor é uma competição para cavaleiros. Sois um cavaleiro?

Dunk anuiu, perguntando a si próprio se teria as orelhas vermelhas.

— Um cavaleiro com um nome, talvez?

— Dunk. — Porque dissera *aquilo*? — Sor Duncan. O Alto.

— E de onde podereis ser, Sor Duncan, o Alto?

— De toda a parte. Fui escudeiro de Sor Arlan de Pataqueira desde os meus cinco ou seis anos. Este escudo é dele. — Mostrou-o ao intendente. — Ele vinha para o torneio, mas apanhou um resfriado e morreu, portanto vim eu no seu lugar. Ele armou-me cavaleiro antes de falecer, com a própria espada. — Dunk desembainhou a espada e pousou-a na gasta mesa de madeira entre os dois.

O mestre da liça não deitou à arma mais do que um relance.

— É uma espada, com certeza. No entanto, nunca ouvi falar desse Arlan de Pataqueira. Dizeis que fostes seu escudeiro?

— Ele sempre disse que queria que eu fosse cavaleiro, como ele era.

Quando estava a morrer pediu a espada e disse-me para ajoelhar. Tocou-me uma vez no ombro direito e uma vez no esquerdo e disse algumas palavras, e quando me levantei disse que eu era um cavaleiro.

— Humpf. — O homem chamado Plummer esfregou o nariz. — Qualquer cavaleiro pode armar um cavaleiro, é verdade, embora seja mais costumeiro fazer-se uma vigília e ser-se ungido por um septão antes de prestar juramento. Houve alguma testemunha da vossa cerimónia?

— Só um piscos, em cima dum espinheiro. Ouvi-o enquanto o velho estava a dizer as palavras. Ele encarregou-me de ser um bom e verdadeiro cavaleiro, de obedecer aos sete deuses, de defender os fracos e os inocentes, de servir fielmente o meu senhor e de proteger o reino com todas as minhas forças, e eu jurei que o faria.

— Sem dúvida. — Dunk não conseguiu evitar reparar que Plummer não se dignava a chamar-lhe *sor*. — Terei de consultar o Lorde Ashford. Seréis vós ou o vosso falecido amo conhecidos de algum dos bons cavaleiros aqui reunidos?

Dunk pensou por um momento.

— Havia um pavilhão que mostrava a bandeira da Casa Dondarrion? A preta com um relâmpago púrpura?

— Esse há de ser Sor Manfred, dessa Casa.

— Sor Arlan serviu o senhor seu pai em Dorne, há três anos. Sor Manfred talvez se lembre de mim.

— Aconselhar-vos-ia a falar com ele. Se ele quiser atestar a vossa identidade, trazei-o cá convosco amanhã, a esta hora.

— Como quiserdes, s'nhor. — E dirigiu-se para a porta.

— Sor Duncan — chamou-o o intendente.

Dunk virou-se para o homem.

— Estais ciente — disse este — de que aqueles que são vencidos em torneio perdem as armas, armadura e cavalo para os vencedores, e terão de os resgatar de volta?

— Eu sei.

— E tendes dinheiro para pagar um tal resgate?

Agora *sabia* que tinha as orelhas vermelhas.

— Não terei necessidade de dinheiro — disse, rezando para que fosse verdade. *Só preciso duma vitória. Se vencer a primeira luta, ficarei com a armadura e o cavalo do perdedor, ou com o seu ouro, e poderei aguentar uma derrota.*

Desceu lentamente a escada, relutante em levar a cabo aquilo que tinha de fazer de seguida. No pátio, agarrou pelo colarinho um dos moços de estrebaria.

— Tenho de falar com o mestre das cavaliças do Lorde Ashford.

— Eu vou buscá-lo.

Os estábulos estavam frescos e sombrios. Um garanhão cinzento e rebelde tentou mordê-lo quando passou por ele, mas Passo-Suave limitou-se a relinchar baixinho e a bater-lhe com o focinho na mão quando lha levou à cabeça.

— És uma boa menina, não és? — murmurou. O velho sempre dissera que um cavaleiro nunca devia amar um cavalo, pois era provável que mais do que um punhado acabasse por morrer sob a sua sela, mas nunca dera ouvidos aos seus próprios conselhos. Dunk vira-o muitas vezes gastar as últimas moedas numa maçã para o velho Castanha ou um pouco de aveia para Passo-Suave e Trovão. O palafrem fora a égua de montar de Sor Arlan, e transportara-o incansavelmente ao longo de milhares de milhas, para cima e para baixo, por todos os Sete Reinos. Dunk sentia-se como se estivesse a trair uma velha amiga, mas que alternativa tinha? Castanha era velho demais para ter algum valor, e Trovão tinha de o transportar na liça.

Passou-se algum tempo antes que o mestre das cavaliças se dignasse a aparecer. Enquanto esperava, Dunk ouviu uma fanfarra de trombetas proveniente das muralhas, e uma voz no pátio. Curioso, levou Passo-Suave até à porta do estábulo para ver o que estava a acontecer. Um grande grupo de cavaleiros e arqueiros a cavalo jorrou pelo portão, pelo menos cem homens, a montar alguns dos cavalos mais magníficos que Dunk vira na vida. *Algum grande senhor chegou*. Agarrou no braço dum moço de estrebaria que lhe passou a correr por perto.

— Quem são eles?

O rapaz olhou-o com um ar estranho.

— Não vedes os estandartes? — Libertou-se com um puxão e afastou-se apressado.

Os estandartes... Quando Dunk virou a cabeça, uma rajada de vento ergueu a flâmula de seda negra no topo do grande mastro, e o feroz dragão de três cabeças da Casa Targaryen pareceu estender as asas, soprando fogo escarlate. O porta-bandeiras era um cavaleiro alto numa armadura de escamas brancas com embutidos de ouro, com um manto de um branco puro a jorrar dos ombros. Dois dos outros cavaleiros também vinham armados de branco dos pés à cabeça. *Cavaleiros da Guarda Real com o estandarte real*. Não admirava que o Lorde Ashford e os filhos saíssem a correr pelas portas da torre, e a bela donzela também, uma rapariga baixa de cabelo louro e uma cara redonda e rosada. *Ela não me parece lá muito bela*, pensou Dunk. A bonequeira era mais bonita.

— Rapaz, larga essa pileca e trata do meu cavalo.

Um cavaleiro desmontara em frente dos estábulos. *Ele está a falar comigo*, compreendeu Dunk.

— Não sou um moço de estrebaria, s'nhor.

— Não tens esperteza que chegue? — Quem falou usava um manto negro debruado de cetim escarlata, mas por baixo trazia um traje brilhante como chamas, todo em vermelhos, amarelos e dourados. Magro e direito como uma adaga, embora apenas de altura mediana, tinha uma idade próxima da de Dunk. Caracóis de um cabelo louro prateado enquadravam um rosto esculpido e imperioso; uma testa alta, malares pronunciados, nariz direito, pele clara e lisa sem mácula. Os olhos eram de uma profunda cor violeta. — Se não és capaz de lidar com um cavalo, vai-me buscar vinho e uma moçoila bonita.

— Eu... s'nhor, perdão, também não sou um criado. Tenho a honra de ser um cavaleiro.

— A cavalaria entrou em dias tristes — disse o principelho, mas então um dos moços de estrebaria apareceu a correr, e o nobre virou-se para lhe entregar as rédeas do seu palafrém, um magnífico baio puro-sangue. Dunk foi esquecido num instante. Aliviado, voltou a enfiar-se nos estábulos para esperar o mestre das cavaliças. Já se sentia pouco à vontade entre os senhores nos seus pavilhões, não tinha nada que falar com príncipes.

De que o belo jovem era um príncipe não tinha qualquer dúvida. Os Targaryen eram do sangue da velha Valíria do outro lado do mar, e o cabelo louro prateado e olhos violeta distinguiam-nos dos homens comuns. Dunk sabia que o Príncipe Baelor era o mais velho, mas o jovem podia perfeitamente ter sido um dos seus filhos: Valarr, a quem chamavam frequentemente “Jovem Príncipe” para o distinguir do pai, ou Matarys, o “Príncipe Ainda Mais Jovem”, como o bobo do velho Lorde Swann lhe chamara uma vez. Havia também outros principelhos, primos de Valarr e Matarys. O bom Rei Daeron tinha quatro filhos adultos, três dos quais tinham filhos seus. A linhagem dos reis do dragão quase se extinguiu durante a época do pai dele, mas dizia-se entre o povo que Daeron II e os filhos a tinham assegurado para sempre.

— Vós. Homem. Perguntastes por mim. — O mestre das cavaliças do Lorde Ashford possuía um rosto vermelho tornado ainda mais vermelho pela libré cor de laranja, e uma forma brusca de falar. — Que é? Não tenho tempo para...

— Quero vender este palafrém — interrompeu Dunk apressadamente, antes de o homem ter tempo para o mandar embora. — É uma boa égua, de patas seguras...

— Não tenho tempo, já vos disse. — O homem não deitou mais de um relance a Passo-Suave. — O senhor de Vaufreixo não tem necessidade de animais destes. Levai-a para a vila, talvez o Henly vos dê uma ou duas pratos. — E com igual rapidez, começou a virar-lhe costas.

— Obrigado, s'nhor — disse Dunk antes de ele ter oportunidade de se ir embora. — S'nhor, o rei veio?

O mestre das cavalariações riu-se para ele.

— Não, graças aos deuses. Esta infestação de príncipes já é provação suficiente. Onde vou eu encontrar cocheiras para todos estes animais? E forragem? — E foi-se embora a passos largos, gritando aos moços de estrebaria.

Quando Dunk abandonou o estábulo, o Lorde Ashord tinha já escoltado os seus principescos hóspedes para dentro do salão, mas dois dos cavaleiros da Guarda Real com as suas armaduras brancas e mantos de neve ainda permaneciam no pátio, conversando com o capitão da guarda. Dunk parou na frente deles.

— S'nhores, sou Sor Duncan, o Alto.

— Prazer em conhecer-vos, Sor Duncan — respondeu o maior dos cavaleiros brancos. — Sou Sor Roland Crakehall, e este é o meu Irmão Ajuramentado, Sor Donnel de Valdocaso.

Os sete campeões da Guarda Real eram os mais poderosos guerreiros de todos os Sete Reinos, com a única exceção, talvez, do príncipe herdeiro, o próprio Baelor Quebra-Lanças.

— Viestes para entrar na liça? — perguntou Dunk com ansiedade.

— Não seria próprio que lutássemos contra aqueles que jurámos proteger — respondeu Sor Donnel, ruivo de cabelo e barba.

— O Príncipe Valarr tem a honra de ser um dos campeões da Senhora Ashford — explicou Sor Roland — e dois dos seus primos pretendem desafiar. O resto de nós veio só ver.

Aliviado, Dunk agradeceu aos cavaleiros brancos pela sua gentileza, e saiu pelos portões do castelo antes que outro príncipe pensasse em abordá-lo. *Três príncipes*, refletiu enquanto virava o palafrém na direção das ruas da vila de Vaufreixo. Valarr era o filho mais velho do Príncipe Baelor, segundo na linha de sucessão ao Trono de Ferro, mas Dunk não sabia quanta da fabulosa perícia do pai com a lança e a espada poderia ter herdado. Sobre os outros príncipes Targaryen sabia ainda menos. *Que farei eu se tiver de lutar contra um príncipe? Ser-me-á permitido desafiar alguém de nascimento tão elevado?* Não sabia a resposta. O velho dissera frequentemente que ele tinha uma cabeça tão dura como a muralha dum castelo, e naquele momento sentia que era verdade.

Henly gostou bastante do aspeto de Passo-Suave até ouvir dizer que Dunk queria vendê-la. A partir daí, tudo o que o cavaliariço conseguiu ver nela foram defeitos. Ofereceu trezentas moedas de prata. Dunk dizia que tinha de obter três mil. Após muita discussão e pragas, chegaram a acordo em setecentos e cinquenta veados de prata. Isso era bastante mais perto do

preço inicial de Henly do que do de Dunk, o que o deixou a sentir-se derrotado no embate, mas o cavaleiro recusou-se a subir mais, de modo que por fim não teve alternativa que não fosse ceder. Uma segunda discussão começou quando Dunk declarou que o preço não incluía a sela, e Henly insistiu que incluía.

Por fim, ficou tudo assente. Enquanto Henly se afastava para ir buscar o dinheiro, Dunk afagou a crina de Passo-Suave e disse-lhe para ter coragem.

— Se eu ganhar, volto cá e compro-te outra vez, prometo. — Não tinha qualquer dúvida de que todos os defeitos do palafrem teriam desaparecido nos dias que decorreriam até lá, e que ela valeria o dobro do que valera hoje.

O cavaleiro deu-lhe três peças de ouro e o resto em prata. Dunk mordeu uma das moedas de ouro e sorriu. Nunca antes saboreara ouro, e tampouco o manuseara. Os homens chamavam “dragões” às moedas, visto que eram estampadas, de um dos lados, com o dragão de três cabeças da Casa Targaryen. O outro trazia o retrato do rei. Duas das moedas que Henly lhe deu tinham a cara do Rei Daeron; a terceira era mais antiga, bem gasta, e mostrava um homem diferente. O seu nome encontrava-se lá escrito, por baixo da cabeça, mas Dunk não sabia ler as letras. Viu também que algum ouro fora raspado da borda. Fez notar isso a Henly, e em voz alta. O cavaleiro resmungou, mas entregou-lhe mais algumas pratas e uma mancha de cobs para compensar o peso. Dunk entregou-lhe de volta alguns dos cobs e indicou Passo-Suave com a cabeça.

— Isso é para ela — disse. — Trata de que tenha um pouco de aveia esta noite. Sim, e também uma maçã.

Com o escudo preso ao braço e o saco da velha armadura posto ao ombro, Dunk avançou a pé pelas ruas ensolaradas da vila de Vaufreixo. O peso de todas as moedas que tinha na bolsa fazia-o sentir-se estranho; por um lado quase tonto de alegria, e por outro ansioso. O velho nunca lhe confiara mais de uma moeda ou duas de cada vez. Podia viver durante um ano com todo aquele dinheiro. *E o que farei quando se acabar? Vendo o Trovão? Aquele caminho levava-o a acabar como mendigo ou fora-da-lei. Esta oportunidade nunca mais regressará. Tenho de arriscar tudo.*

Quando voltou a chapinhar pelo vau, de regresso à margem sul do Ameijoeiro, a manhã estava quase terminada e o terreno do torneio tinha de novo regressado à vida. Os vendedores de vinho e fabricantes de salsichas estavam a fazer um negócio animado, um urso dançarino movia-se ao som da música do dono enquanto um cantor cantava “O Urso, o Urso, e a Bela Donzela,” malabaristas faziam malabarismos, e os bonecreiros estavam mesmo a terminar outro combate.

Dunk parou para ver o dragão de madeira a ser morto. Quando o bo-

neco do cavaleiro cortou a cabeça do animal e a serradura vermelha se derramou sobre a erva, riu-se alto e atirou à rapariga dois cobres.

— Um pela noite passada — gritou. Ela apanhou as moedas no ar e atirou-lhe de volta o mais doce sorriso que já vira.

É a mim que ela sorri, ou às minhas moedas? Dunk nunca estivera com uma rapariga, e elas deixavam-no nervoso. Uma vez, três anos antes, quando a bolsa do velho estivera cheia após meio ano ao serviço do cego Lorde Florent, dissera a Dunk que chegara a altura de o levar a um bordel e fazer dele um homem. Mas estivera bêbado, e quando ficara sóbrio não se lembrava. Dunk ficara demasiado embaraçado para lho lembrar. Fosse como fosse, não tinha a certeza de querer uma rameira. Se não pudesse ter uma donzela bem-nascida como um cavaleiro a sério, queria uma que pelo menos gostasse mais dele do que da sua prata.

— Quereis ir tomar um corno de cerveja? — perguntou à bonequeira enquanto ela empurrava o sangue de serradura para dentro do dragão. — Comigo, quero eu dizer. Ou uma salsicha? Comi uma salsicha ontem à noite e estava boa. São feitas de porco, parece-me.

— Agradeço-vos, s'nhor, mas temos outro espetáculo. — A rapariga levantou-se, e correu para junto da feroz e gorda dornesa que manejava o cavaleiro fantoche enquanto Dunk ali ficava a sentir-se estúpido. Mas gostou do modo como ela corria. *Uma rapariga bonita, e alta. Não teria de me ajoelhar para beijar aquela.* Sabia como se beijava. Uma taberneira mostrara-lho uma noite em Lanisporto, um ano antes, mas era tão baixa que tivera de se sentar na mesa para chegar aos seus lábios. A recordação fez-lhe arder as orelhas. Que grande palerma era. Era nas justas que devia estar a pensar, não em beijos.

Os carpinteiros do Lorde Ashford estavam a caiar as barreiras de madeira que lhes davam pelo peito e serviriam para separar os adversários. Dunk observou o seu trabalho por algum tempo. Havia cinco pistas, dispostas de norte para sul, por forma a que nenhum dos competidores cavalgasse com o sol nos olhos. Uma bancada com três níveis fora erguida do lado oriental do campo, com uma cobertura cor de laranja para proteger os senhores e as senhoras da chuva e do sol. A maioria sentar-se-ia em bancos, mas quatro cadeirões de espaldar alto tinham sido postos no centro da plataforma, para o Lorde Ashford, a bela donzela, e os príncipes visitantes.

Na borda oriental do prado, fora erguido um estafermo e uma dúzia de cavaleiros arremetia contra ele, pondo-lhe o braço a girar de todas as vezes que atingiam o maltratado escudo suspenso de uma das pontas. Dunk viu o Bruto de Bracken tomar a sua vez, e de seguida o Lorde Caron da Marca. *Não monto tão bem como nenhum deles,* pensou, preocupado.

Noutros locais, homens treinavam a pé, atirando-se uns aos outros com

espadas de madeira, enquanto os seus escudeiros gritavam conselhos irreverentes. Dunk viu um jovem atarracado a tentar resistir a um cavaleiro musculoso que parecia ágil e rápido como um gato de montanha. Ambos tinham a maçã vermelha dos Fossoway pintada nos escudos, mas o do homem mais novo foi rapidamente fendido e feito em bocados.

— Aqui está uma maçã que ainda não está madura — disse o mais velho enquanto batia no elmo do outro. O Fossoway mais novo estava magoado e ensanguentado quando se rendeu, mas o adversário quase nem ofegava. Este ergueu a viseira, olhou em volta, viu Dunk e disse: — Vós aí. Sim, vós, o grandalhão. Cavaleiro do cálice alado. Isso que trazeis é uma espada?

— É legitimamente minha — disse Dunk num tom defensivo. — Sou Sor Duncan, o Alto.

— E eu Sor Steffon Fossoway. Quereis testar-me, Sor Duncan, o Alto? Seria bom ter alguém novo com quem cruzar espadas. O meu primo ainda não está maduro, como haveis visto.

— Aceitai, Sor Duncan — instou o Fossoway derrotado enquanto tirava o elmo. — Eu posso não estar maduro, mas o meu bom primo está podre até ao caroço. Arrancai-lhe as sementes à pancada.

Dunk abanou a cabeça. Porque estavam aqueles fidalgos a envolvê-lo na sua disputa? Não queria participar nela.

— Agradeço-vos, sor, mas tenho assuntos a tratar. — Sentia-se desconfortável a transportar tanto dinheiro. Quanto mais depressa pagasse ao Pate de Aço e obtivesse a armadura, mais contente ficaria.

Sor Steffon olhou-o com escárnio.

— O cavaleiro andante tem assuntos. — Olhou em volta e encontrou outro potencial oponente a demorar-se por perto. — Sor Grance, prazer em ver-vos. Vinde experimentar-me. Conheço todos os fracos truques que o meu primo Raymun aprendeu, e parece que Sor Duncan precisa de voltar para as andanças. Vinde, vinde.

Dunk foi-se embora enrubescido. Ele próprio não possuía muitos truques, fracos ou não, e não queria que ninguém o visse lutar até ao torneio. O velho sempre dissera que quanto melhor se conhecesse o adversário mais fácil seria derrotá-lo. Cavaleiros como Sor Steffon tinham olhos aguçados para descobrir as fraquezas de um homem com um relance. Dunk era forte e rápido, e tinha o peso e o alcance a seu favor, mas não acreditava nem por um momento que a sua perícia se comparasse à daqueles homens. Sor Arlan ensinara-o o melhor que pudera, mas o velho nunca fora o melhor dos cavaleiros mesmo quando jovem. Os grandes cavaleiros não viviam as suas vidas em andanças, nem morriam junto a uma estrada lamacenta. *Isso não acontecerá comigo*, jurou Dunk. *Hei de mostrar-lhes que posso ser mais do que um cavaleiro andante.*

— Sor Duncan. — O Fossoway mais novo apressava-se para o apanhar. — Eu não vos devia ter pedido que combatêsseis com o meu primo. Estava zangado com a sua arrogância, e vós sois tão grande que achei... bem, foi errado da minha parte. Não usais armadura. Ele ter-vos-ia partido a mão se conseguisse, ou um joelho. Gosta de espancar homens no terreno de treinos para que estejam magoados e vulneráveis mais tarde, no caso de os encontrar na liça.

— Ele não vos quebrou.

— Não, mas eu sou do seu sangue, embora o dele seja o ramo principal da macieira, como nunca para de me fazer lembrar. Sou Raymun Fossoway.

— Prazer em conhecer-vos. Vós e o vosso primo ireis participar no torneio?

— Ele sim, com certeza. Quanto a mim, gostaria de poder. Sou só um escudeiro, por enquanto. O meu primo prometeu armar-me cavaleiro, mas insiste que ainda não estou maduro. — Raymun tinha uma cara quadrada, um nariz achatado e um cabelo curto e lanudo, mas o seu sorriso era cativante. — Vós tendes o ar de um desafiador, parece-me. Pretendeis bater no escudo de quem?

— Não faz diferença — disse Dunk. Aquilo era o que se esperava que se dissesse, embora fizesse toda a diferença do mundo. — Só entrarei na liça ao terceiro dia.

— E por essa altura, alguns dos campeões terão caído, sim — disse Raymun. — Bem, que o Guerreiro vos sorria, sor.

— E a vós também. — *Se ele é só um escudeiro, que direito tenho eu de ser um cavaleiro? Um de nós é um tolo.* A prata na bolsa de Dunk tilintava a cada passo, mas ele podia perdê-la toda num piscar de olhos e sabia-o. Até as regras daquele torneio funcionavam a seu desfavor, fazendo com que fosse muito improvável enfrentar um oponente inexperiente ou débil.

Havia uma dúzia de formatos diferentes que um torneio podia seguir, de acordo com os caprichos do senhor que o organizava. Alguns eram batalhas simuladas entre equipas de cavaleiros, outros violentos combates corpo a corpo em que a glória seria alcançada pelo último combatente a manter-se em pé. Onde os combates individuais eram regra, os emparelhamentos eram por vezes determinados por sorteio, por vezes pelo mestre dos jogos.

O Lorde Ashford estava a organizar aquele torneio para celebrar o décimo terceiro dia do nome da filha. A bela donzela sentar-se-ia ao lado do pai como a Rainha reinante do Amor e da Beleza. Cinco campeões usando os seus favores iriam defendê-la. Todos os outros tinham por força de ser desafiadores, mas qualquer homem que conseguisse derrotar um dos campeões tomaria o seu lugar e tornar-se-ia ele próprio campeão, até ao

momento em que outro desafiador o derrubasse. Ao fim dos três dias de justas, os cinco que resistissem determinariam se a bela donzela manteria a coroa do Amor e da Beleza, ou se outra a usaria no seu lugar.

Dunk fitou as pistas arrelvadas e as cadeiras vazias na bancada, e pesou as suas hipóteses. Uma vitória era tudo aquilo de que necessitava; depois podia intitular-se como um dos campeões do Campo de Vaufreixo, mesmo que apenas por uma hora. O velho vivera quase sessenta anos e nunca fora campeão. *Não é esperar demasiado, se os deuses forem bons.* Recordou todas as canções que ouvira, canções sobre o cego Symeon Olhos de Estrela e sobre o nobre Serwyn do Escudo Espelhado, sobre o Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão, sobre Sor Ryam Redwyne e sobre Florian, o Bobo. Todos tinham alcançado vitórias sobre adversários muito mais terríveis do que qualquer um dos que ele iria defrontar. *Mas eles foram grandes heróis, homens corajosos de nobre nascimento, exceto Florian. E eu sou o quê? Dunk do Fundo das Pulgas? Ou Sor Duncan, o Alto?*

Supunha que iria saber a verdade sobre isso bastante depressa. Ergueu o saco com a armadura e virou os pés na direção das bancadas dos mercadores, em busca do Pate de Aço.

* * *

Egg trabalhara valentemente no local do acampamento. Dunk ficou contente; tivera algum receio de que o seu escudeiro voltasse a fugir.

— Conquistes um bom preço pelo palafém? — perguntou o rapaz.

— Como soubeste que a vendi?

— Saístes a cavalo e voltastes a pé, e se tivésseis sido roubado por saltadores estaríeis mais zangado do que estais.

— Consegui o suficiente para isto. — Dunk desembrolhou a nova armadura, para a mostrar ao rapaz. — Se alguma vez chegares a cavaleiro, vais ter de saber distinguir o bom aço do mau. Olha para aqui, isto é bom trabalho. Esta é malha dupla, cada elo está ligado a outros dois, vês? Dá mais proteção do que a malha simples. E o elmo, o Pate arredondou a parte de cima, vês como curva? Uma espada ou um machado vão deslizar quando talvez penetrassem num elmo de topo plano. — Dunk enfiou o elmo na cabeça. — Que tal parece?

— Não há viseira — fez Egg notar.

— Há buracos para o ar. As viseiras são pontos de fraqueza. — Fora o que o Pate de Aço dissera. “Se soubésseis quantos cavaleiros apanharam com uma seta num olho enquanto erguiam a viseira para encher os pulmões de ar fresco, nunca iríeis querer uma,” dissera ele a Dunk.

— Também não há cimeira — disse Egg. — É só simples.

Dunk tirou o elmo.

— Simples é bom para alguém como eu. Vês como o aço é brilhante? Vai ser tarefa tua mantê-lo assim. Sabes como limpar a malha?

— Num barril de areia — disse o rapaz — mas não tendes um barril. Também comprastes um pavilhão, sor?

— Não consegui um preço assim tão bom. — *O rapaz é demasiado ousado para o seu próprio bem, devia acabar com isso à pancada.* Mas sabia que não o faria. Gostava da ousadia. Ele próprio precisava de ser mais ousado. *O meu escudeiro é mais corajoso do que eu, e também mais esperto.* — Fizeste aqui bom trabalho, Egg — disse-lhe Dunk. — Amanhã virás comigo. Dar uma olhadela ao terreno do torneio. Vamos comprar aveia para os cavalos e pão fresco para nós. Talvez também um bocado de queijo; estavam a vender bom queijo numa das bancadas.

— Não vou ter de ir ao castelo, vou?

— Porque não? Um dia, tenciono viver num castelo. Espero conquistar um lugar acima do sal, antes de acabar.

O rapaz não disse nada. *Talvez tema entrar no salão dum senhor, refletiu Dunk. Não é mais do que o que se podia esperar. A seu tempo perderá o medo.* Regressou à admiração da sua armadura, e à curiosidade sobre quanto tempo a usaria.

* * *

Sor Manfred era um homem magro, com uma expressão amarga no rosto. Usava um sobretudo preto cortado com o relâmpago púrpura da Casa Dondarrion, mas Dunk ter-se-ia recordado dele na mesma pela sua rebelde juba de cabelo louro arruivado.

— Sor Arlan serviu o senhor vosso pai quando ele e o Lorde Caron espantaram pelo fogo o Rei Abutre das Montanhas Vermelhas, sor — disse ele apoiado num joelho. — Eu era só um rapaz nessa altura, mas era seu escudeiro. Sor Arlan de Pataqueira.

Sor Manfred franziu o sobrolho.

— Não. Não o conheço. Nem a vós, rapaz.

Dunk mostrou-lhe o escudo do velho.

— Este era o seu símbolo, o cálice alado.

— O senhor meu pai levou oitocentos cavaleiros e quase quatro mil homens a pé para as montanhas. Não se pode esperar que eu me lembre de todos eles e dos escudos que levavam. Pode ser que tenhais estado connosco, mas... — Sor Manfred encolheu os ombros.

Dunk foi deixado sem fala por um instante. *O velho foi ferido ao serviço do teu pai, como podes tê-lo esquecido?*

— Eles não querem deixar-me desafiar, a menos que algum cavaleiro ou senhor ateste a minha identidade.

— E que tenho eu com isso? — disse Sor Manfred. — Já vos dei quanto baste do meu tempo, sor.

Se regressasse ao castelo sem Sor Manfred, estava perdido. Dunk olhou o relâmpago púrpura bordado na lâ preta do sobretudo de Sor Manfred e disse:

— Lembro-me do vosso pai contar ao acampamento como a vossa casa obteve o seu símbolo. Numa noite tempestuosa, quando o primeiro da vossa linhagem atravessava a Marca de Dorne com uma mensagem, uma seta matou-lhe o cavalo entre as pernas e atirou-o ao chão. Dois dorneses saíram das trevas com cotas de malha e elmos com penachos. A espada tinha-se-lhe partido debaixo do corpo quando ele caíra. Quando viu isso, pensou que estava perdido. Mas quando os dorneses se aproximaram para o abater, um relâmpago estalou vindo do céu. Era de um púrpura brilhante e ardente, e dividiu-se, atingindo o aço dos dorneses e matando-os a ambos ali mesmo. A mensagem deu ao Rei da Tempestade a vitória sobre os dorneses, e como agradecimento ele elevou o mensageiro à nobreza. Foi o primeiro Lorde Dondarrion, por isso adotou como armas um relâmpago púrpura bifurcado, num campo negro salpicado de estrelas.

Se Dunk julgara que a história impressionaria Sor Manfred, não se podia ter enganado mais.

— Todos os camareiros e lacaios que já serviram o meu pai ouvem essa história mais cedo ou mais tarde. Conhecê-la não faz de vós um cavaleiro. Desapareci-me da vista, sor.

* * *

Foi com um coração de chumbo que Dunk regressou ao Castelo de Vaufreixo, perguntando a si próprio o que poderia dizer para que Plummer lhe concedesse o direito de desafio. Contudo, o intendente não se encontrava na sua sala de torreão. Um guarda disse-lhe que podia ser encontrado no Grande Salão.

— Devo esperar aqui? — perguntou Dunk. — Ele vai demorar quanto tempo?

— Como quereis que eu saiba? Fazei o que quiserdes.

O Grande Salão não era lá muito grande, em comparação com outros, mas Vaufreixo era um castelo pequeno. Dunk entrou por uma porta lateral, e viu imediatamente o intendente. Estava com o Lorde Ashford e uma dúzia de outros homens ao fundo do salão. Dirigiu-se para eles, ao longo de uma parede da qual pendiam tapeçarias de frutos e flores.

— ... mais preocupado se fossem os *teus* filhos, aposto — estava um homem zangado a dizer quando Dunk se aproximou. O seu cabelo liso e a barba cortada a direito eram tão claros que pareciam brancos à luz sombria do salão mas, quando se aproximou mais, Dunk viu que na realidade eram de uma pálida cor prateada, tocada de ouro.

— O Daeron já tinha feito destas — respondeu outro homem. Plummer estava numa posição que não permitia a Dunk ver quem falara. — Nunca lhe devias ter ordenado que entrasse na liça. O lugar dele é tanto num campo de torneios como seria o de Aerys, ou de Rhaegel.

— Com isso queres dizer que ele preferia montar uma rameira do que um cavalo — disse o primeiro homem. De constituição forte e poderosa, o príncipe (era certamente um príncipe) usava uma brigantina de couro coberta de tachões de prata sob um pesado manto preto debruado de arminho. Cicatrizes de bexigas marcavam-lhe as bochechas, só parcialmente ocultas pela barba prateada. — Não preciso de ser recordado das falhas do meu filho, irmão. Ele só tem dezoito anos. Pode mudar. *Ir*á mudar, malditos sejam os deuses, caso contrário hei de mandá-lo matar.

— Não sejas um completo idiota. O Daeron é o que é, mas apesar disso é do teu sangue e do meu. Não tenho dúvida de que Sor Roland o há de desencantar, e a Aegon com ele.

— Depois de o torneio acabar, talvez.

— Aerion está aqui. Seja como for, é melhor lanceiro do que Daeron, se o que te preocupa é o torneio. — Dunk conseguia agora ver o homem que falava. Estava sentado no cadeirão, com uma folha de pergaminho numa mão e o Lorde Ashford a pairar junto ao seu ombro. Mesmo sentado, parecia ser uma cabeça mais alto do que o outro, ajuizando pelas longas pernas direitas estendidas na sua frente. O seu cabelo cortado curto era escuro e estava salpicado de cinzento, o seu forte maxilar estava escanhado. O nariz parecia ter sido partido mais do que uma vez. Embora estivesse vestido com grande simplicidade, com um gibão verde, manto castanho e botas gastas, havia nele um peso, uma sensação de poder e certeza.

Ocorreu a Dunk que se intrometiera em algo que nunca devia ter ouvido. *É melhor que me vá embora e volte mais tarde, depois de eles acabarem*, decidiu. Mas já era tarde demais. O príncipe com a barba prateada reparou subitamente nele.

— Quem sois e porque viestes interromper-nos? — quis saber com dureza.

— É o cavaleiro que o nosso bom intendente esperava — disse o homem sentado, sorrindo a Dunk de uma maneira que sugeria que estivera consciente da sua presença desde o início. — Os intrusos aqui somos nós os dois, irmão. Aproximai-vos, sor.

Dunk avançou lentamente, pouco seguro do que se esperava dele. Olhou para Plummer, mas não obteve aí qualquer auxílio. O intendente de cara encovada que fora tão assertivo no dia anterior estava agora em silêncio, a estudar as pedras do chão.

— Senhores — disse — pedi a Sor Manfred Dondarrion para certificar a minha identidade a fim de poder entrar na liça, mas ele recusa. Diz que não me conhece. Mas Sor Arlan serviu-o, juro. Tenho a sua espada e o seu escudo, e...

— Um escudo e uma espada não fazem um cavaleiro — declarou o Lorde Ashford, um grande homem calvo com uma cara redonda e vermelha. — Plummer falou-me de vós. Mesmo se aceitarmos que essas armas pertenceram a esse tal Sor Arlan de Pataqueira, pode perfeitamente ter acontecido que o tendes achado morto e as tendes roubado. Se não tiverdes melhor prova daquilo que dizeis, algo escrito ou...

— Eu lembro-me de Sor Arlan de Pataqueira — disse em voz baixa o homem sentado no cadeirão. — Nunca ganhou um torneio, que eu saiba, mas também nunca se envergonhou. Em Porto Real, há dezasseis anos, derrotou o Lorde Stokeworth e o Bastardo de Harrenhal no corpo a corpo, e muitos anos antes, em Lanisporto, derrubou o próprio Leão Grisolho. O leão, nessa época, não era lá muito grisalho, certamente.

— Ele falou-me disso, muitas vezes — disse Dunk.

O homem alto estudou-o.

— Então não tenho dúvida de que vos lembrareis do verdadeiro nome do Leão Grisolho.

Por um momento, não houve absolutamente nada na cabeça de Dunk. O velho contara-lhe mil vezes aquela história, mil vezes, o leão, o leão, o nome dele, o nome dele, o nome dele... Estava perto do desespero quando subitamente lhe ocorreu.

— Sor Damon Lannister! — gritou. — O Leão Grisolho! É agora Senhor do Rochedo ocidental.

— É, sim senhor — disse o homem alto num tom agradável — e entra na liça amanhã. — Sacudiu a pilha de papéis que tinha na mão.

— Como é possível que te lembres dum cavaleiro andante insignificante que calhou derrubar Damon Lannister há dezasseis anos? — disse o príncipe da barba prateada, franzindo o sobrolho.

— É meu costume saber tudo o que posso sobre os meus adversários.

— Porque haverias de te dignar a justar com um cavaleiro andante?

— Foi há nove anos, em Ponta Tempestade. O Lorde Baratheon organizou um hastilúdio para celebrar o nascimento de um neto. O sorteio fez de Sor Arlan meu oponente no primeiro confronto. Quebrámos quatro lanças antes de finalmente o derrubar.

— Sete — insistiu Dunk — e isso foi contra o Príncipe de Pedra do Dragão! — Assim que as palavras saíram quis chamá-las de volta. Conseguia ouvir o velho a ralar: *Dunk, o marmelo, de cabeça mais dura que a muralha dum castelo.*

— Pois foi. — O príncipe do nariz partido sorriu gentilmente. — As histórias crescem ao serem contadas, bem sei. Não penseis mal do vosso antigo mestre, mas temo que tenham sido só quatro lanças.

Dunk sentiu-se grato por o salão estar mal iluminado; sabia que tinha as orelhas vermelhas.

— Senhor. — Não, aquilo também estava mal. — Vossa Graça. — Caiu de joelhos e baixou a cabeça. — É como dizeis, quatro, não quis... eu nunca... O velho, Sor Arlan, ele costumava dizer que eu tinha uma cabeça dura como a muralha dum castelo e que era lento como um auroque.

— E forte como um auroque, pelo aspeto que tendes — disse Baelor Quebra-Lanças. — Não foi feito nenhum mal, sor. Erguei-vos.

Dunk pôs-se em pé, perguntando a si próprio se devia manter a cabeça baixa ou se lhe era permitido olhar um príncipe no rosto. *Estou a falar com Baelor Targaryen, Príncipe de Pedra do Dragão, Mão do Rei, e herdeiro do Trono de Ferro de Aegon, o Conquistador.* O que poderia um cavaleiro andante atrever-se a dizer a uma pessoa assim?

— V-vós devolveistes-lhe o cavalo e a armadura e não exigistes resgate, se bem me lembro — gaguejou. — O velh... Sor Arlan, ele disse-me que éreis a alma da cavalaria, e que um dia os Sete Reinos estariam seguros nas vossas mãos.

— Rezo que não o estejam por muitos anos ainda — disse o Príncipe Baelor.

— Não — disse Dunk, horrorizado. Quase disse: *Não queria dizer que o rei devia morrer*, mas calou-se a tempo. — Perdoai, s'nhor. Quer dizer: Vossa Graça.

Tardiamente, lembrou-se de que o homem atarracado com a barba prateada se dirigira ao Príncipe Baelor como irmão. *Ele também é sangue do dragão, que os demónios levem o idiota que sou.* Só podia ser o Príncipe Maekar, o mais jovem dos quatro filhos do Rei Daeron. O Príncipe Aerys era dado aos livros e o Príncipe Rhaegel era louco, pacífico e enfermiço. Nenhum dos dois era homem para atravessar metade do reino a fim de estar presente num torneio, mas dizia-se que Maekar era um temível guerreiro de pleno direito, embora sempre tivesse vivido à sombra do irmão mais velho.

— Desejais entrar na liça, é isso? — perguntou o Príncipe Baelor. — Essa decisão cabe ao mestre dos jogos, mas não vejo motivo para vo-lo negar.

O intendente inclinou a cabeça.

— Como quiserdes, senhor.

Dunk tentou gaguejar um agradecimento, mas o Príncipe Maekar interrompeu-o.

— Muito bem, sor, estais grato. Agora desaparecei.

— Tendes de perdoar o meu nobre irmão, sor — disse o Príncipe Baelor. — Dois dos seus filhos perderam-se a caminho daqui, e teme por eles.

— As chuvas da primavera encheram muitos dos ribeiros — disse Dunk. — É possível que os príncipes estejam apenas atrasados.

— Não vim cá para obter conselhos dum cavaleiro andante — declarou o Príncipe Maekar, dirigindo-se ao irmão.

— Podeis ir, sor — disse o Príncipe Baelor a Dunk, não sem gentileza.

— Sim, senhor. — Dunk fez uma vénia e virou-se.

Mas antes de ter tempo de se ir embora, o príncipe chamou-o.

— Sor. Mais uma coisa. Não sois do sangue de Sor Arlan?

— Sim, s'nhor. Quer dizer, não. Não sou.

O príncipe indicou com um aceno de cabeça o escudo marcado que Dunk transportava, e o cálice alado que nele estava desenhado.

— Pela lei, só um filho legítimo tem o direito de herdar as armas de um cavaleiro. Tereis de arranjar um novo emblema, sor, um símbolo que seja vosso.

— Arranjarei — disse Dunk. — De novo obrigado, Vossa Graça. Lutarei com bravura, vereis. — *Corajoso como Baelor Quebra-Lanças*, costumava o velho dizer com frequência.

* * *

Os vendedores de vinho e fabricantes de salsichas estavam a fazer negócio vivo, e rameiras andavam descaradamente por entre as bancadas e pavilhões. Algumas eram bastante bonitas, em particular uma rapariga ruiva. Não pôde evitar fitar-lhe os seios, o modo como se moviam sob o vestido largo enquanto ela passava por ele a passo lento. Pensou na prata que trazia na bolsa. *Podia tê-la, se quisesse. Ela havia de gostar bastante do tinir das minhas moedas. Podia levá-la para o acampamento e tê-la, toda a noite se quisesse.* Nunca dormira com uma mulher e, tanto quanto sabia, podia perfeitamente morrer no primeiro confronto. Os torneios podiam ser perigosos... mas as rameiras também podiam ser perigosas, o velho avisara-o disso. *Ela podia roubar-me enquanto dormia, e depois eu fazia o quê?* Quando a rapariga ruiva o olhou por cima do ombro, Dunk abanou a cabeça e foi-se embora.

Foi encontrar Egg no espetáculo de fantoches, sentado de pernas cruzadas no chão, com o capuz do manto puxado completamente para cima, a fim de esconder a calvície. O rapaz tivera medo de entrar no castelo, o

que Dunk atribuiu a partes iguais de timidez e vergonha. *Ele não se julga digno de se misturar com senhores e senhoras, quanto mais grandes príncipes.* Passara-se o mesmo consigo quando era pequeno. O mundo para lá do Fundo das Pulgas parecera tão assustador como excitante. Egg precisa de tempo, nada mais. De momento, parecia ser maior bondade dar ao rapaz alguns cobres para se ir divertir entre as bancadas do que arrastá-lo de má vontade para o castelo.

Naquela manhã, os bonecreiros estavam a apresentar a lenda de Florian e Jonquil. A dornesa gorda manejava Florian na sua armadura feita de remendos, enquanto a rapariga alta manuseava os cordéis de Jonquil.

— Vós não sois nenhum cavaleiro — estava ela a dizer enquanto a boca da marioneta se movia para cima e para baixo. — Eu conheço-vos. Sois Florian, o Bobo.

— Sou, senhora — respondeu a outra marioneta, ajoelhando. — Um bobo tão grande como nenhum outro que já tenha vivido, e um cavaleiro igualmente grande.

— Um bobo e um cavaleiro? — disse Jonquil. — Nunca ouvi falar de tal coisa.

— Doce senhora — disse Florian — todos os homens são bobos, e todos os homens são cavaleiros, no que toca às mulheres.

Era um bom espetáculo, ao mesmo tempo doce e triste, com uma animada luta de espadas no fim e um gigante bem pintado. Quando acabou, a gorda percorreu a multidão para recolher moedas, enquanto a rapariga guardava as marionetas.

Dunk foi buscar Egg e foi ter com ela.

— S'nhor? — disse ela, com um relance oblíquo e um meio sorriso. Era uma cabeça mais baixa do que ele, mas mesmo assim era mais alta do que qualquer outra rapariga que ele já tivesse visto.

— Aquilo foi bom — entusiasmou-se Egg. — Gosto de como os fazeis mexer, a Jonquil e ao dragão e tudo. Vi um espetáculo de marionetas no ano passado, mas elas moviam-se todas aos saltos. As vossas são mais suaves.

— Obrigada — disse ela educadamente ao rapaz.

Dunk disse:

— E os vossos bonecos também estão bem esculpidos. Especialmente o dragão. Uma fera temível. Sois vós quem os faz?

Ela confirmou com a cabeça.

— O meu tio esculpe-os. Eu pinto-os.

— Podeis pintar uma coisa para mim? Tenho dinheiro para pagar. — Tirou o escudo do ombro e virou-o para lho mostrar. — Preciso de pintar alguma coisa por cima do cálice.

A rapariga olhou para o escudo e depois para ele.

— E que quereis pintado?

Dunk não pensara naquilo. Se não fosse o cálice alado do velho, seria o quê? Tinha a cabeça vazia. *Dunk, o marmelo, de cabeça mais dura que a muralha dum castelo.*

— Eu não... não tenho a certeza. — Apercebeu-se, infeliz, de que as orelhas estavam ficar vermelhas. — Deveis achar-me um perfeito tolo.

Ela sorriu.

— Todos os homens são tolos, e todos os homens são cavaleiros.

— Que cor de tinta tendes? — perguntou ele, esperando que isso pudesse dar-lhe uma ideia.

— Posso misturar tintas para fazer qualquer cor que queirais.

O castanho do velho sempre parecera mortiço a Dunk.

— O fundo deve ser da cor do poente — disse de repente. — O velho gostava de poentes. E o símbolo...

— Um ulmeiro — disse Egg. — Um grande ulmeiro, como aquele que está junto da lagoa, com um tronco castanho e ramos verdes.

— Sim — disse Dunk. — Isso servirá. Um ulmeiro... mas com uma estrela cadente por cima. Podeis fazer isso?

A rapariga confirmou com a cabeça.

— Dai-me o escudo. Pinto-o esta mesma noite, e entrego-o amanhã.

Dunk deu-lho.

— Chamo-me Sor Duncan, o Alto.

— Eu sou a Tanselle — riu-se ela. — Tanselle-Alta-Demais, costumavam os rapazes chamar-me.

— Não sois alta demais — disse precipitadamente Dunk. — Tendes precisamente a altura certa para... — Apercebeu-se do que quase dissera, e corou furiosamente.

— Para? — disse Tanselle, inclinando a cabeça numa interrogação.

— Marionetas — concluiu ele de forma pouco convincente.

* * *

O primeiro dia do torneio amanheceu luminoso e sem nuvens. Dunk comprou um saco de alimentos, para poderem quebrar o jejum com ovos de ganso, pão frito e bacon, mas quando a comida ficou pronta descobriu que não tinha apetite. Sentia a barriga dura como pedra, apesar de saber que não iria lutar naquele dia. O direito de primeiro desafio pertencia a cavaleiros de nascimento mais elevado e maior renome, aos senhores e aos seus filhos, e a campeões de outros torneios.

Egg levou todo o pequeno-almoço a tagarelar, falando deste homem ou daquele e de como eles poderiam sair-se. *Ele não estava a brincar co-*

migo quando disse que conhecia todos os bons cavaleiros dos Sete Reinos, pensou Dunk com tristeza. Achava humilhante escutar tão atentamente as palavras de um órfão escanzelado, mas os conhecimentos de Egg podiam ser-lhe úteis no caso de defrontar no torneio um daqueles homens.

O prado era uma massa agitada de pessoas, todas a tentar abrir caminho à cotovelada para um lugar com boa vista. Dunk era tão bom com os cotovelos como qualquer outro, e maior do que a maioria. Esgueirou-se para a frente até uma elevação que se erguia a seis metros da vedação. Quando Egg se queixou de que tudo o que conseguia ver eram traseiros, Dunk sentou o rapaz nos seus ombros. Do outro lado do campo, a bancada estava a encher-se de senhores e senhoras de nascimento elevado, algumas pessoas ricas da vila, e uma vintena de cavaleiros que tinham decidido não competir naquele dia. Não viu sinal do Príncipe Maekar, mas reconheceu o Príncipe Baelor ao lado do Lorde Ashford. A luz do sol relampejou em ouro no pregador de ombro que lhe prendia o manto e na estreita coroa que lhe rodeava as têmporas, mas à parte isso ele trajava muito mais simplesmente do que a maior parte dos outros senhores. *Não parece um verdadeiro Targaryen, com aquele cabelo escuro*. Dunk disse isso mesmo a Egg.

— Diz-se que sai à mãe — fez-lhe o rapaz lembrar. — Ela era uma princesa de Dorne.

Os cinco campeões tinham erguido os respetivos pavilhões na extremidade norte das pistas, com o rio por trás. Os dois mais pequenos eram cor de laranja, e os escudos pendurados ao lado das portas exibiam o sol e asna brancos. Aqueles deviam ser os filhos do Lorde Ashford, Androw e Robert, irmãos da bela donzela. Dunk nunca ouvira outros cavaleiros falar da sua perícia, o que significava que seriam provavelmente os primeiros a cair.

Ao lado dos pavilhões cor de laranja encontrava-se outro de um verde forte, muito maior. A rosa dourada de Jardim de Cima flutuava do pavilhão, e o mesmo símbolo decorava o grande escudo verde pendurado à porta.

— Aquele é Leo Tyrell, Senhor de Jardim de Cima — disse Egg.

— Eu sei — disse Dunk, irritado. — O velho e eu servimos em Jardim de Cima antes de tu nasceres. — Ele próprio quase não se lembrava desse ano, mas Sor Arlan falara com frequência de Leo Espinho-Longo, como por vezes lhe chamavam; um justador sem par, apesar de toda a prata no seu cabelo. — Aquele deve ser o Lorde Leo ao lado da tenda, o homem magro e grisalho vestido de verde e dourado.

— Sim — disse Egg. — Vi-o uma vez em Porto Real. Não é ele quem quereis desafiar, sor.

— Rapaz, não preciso dos teus conselhos quanto a quem desafiar.

O quarto pavilhão fora feito com bocados de tecido em forma de losango, alternando vermelho e branco. Dunk não conhecia as cores, mas Egg

disse que elas pertenciam a um cavaleiro do Vale de Arryn chamado Sor Humfrey Hardyng.

— Ele ganhou um grande corpo a corpo em Lagoa da Donzela no ano passado, sor, e derrubou Sor Donnel de Valdocaso e os Lordes Arryn e Royce na liça.

O último pavilhão era do Príncipe Valarr. Era de seda negra, com uma fila de pendões pontiagudos pendurados do teto como longas chamas vermelhas. O escudo montado no respetivo suporte era de um negro lustroso, decorado com o dragão de três cabeças da Casa Targaryen. Um dos cavaleiros da Guarda Real estava parado a seu lado com a brilhante armadura branca a parecer pura contra o negro do pano da tenda. Ao vê-lo ali, Dunk perguntou a si próprio se algum dos desafiadores se atreveria a tocar o escudo do dragão. Valarr era neto do rei, afinal, e filho de Baelor Quebra-Lanças.

Não precisava de se ter preocupado. Quando as cornetas soaram para convocar os desafiadores, todos os cinco campeões da donzela foram chamados a defendê-la. Dunk ouviu o murmúrio de excitação na multidão enquanto os desafiadores foram surgindo um a um na extremidade sul das liças. Arautos trovejaram os nomes dos cavaleiros, um de cada vez. Estes fizeram uma pausa perante a bancada, para baixar as lanças em saudação ao Lorde Ashford, ao Príncipe Baelor e à bela donzela, após o que deram a volta até à extremidade norte do campo para selecionar os seus oponentes. O Leão Grisalho de Rochedo ocidental bateu no escudo do Lorde Tyrell, enquanto o seu herdeiro de cabelo dourado, Sor Tybolt Lannister, desafiava o filho mais velho do Lorde Ashford. O Lorde Tully de Correrrio tocou o escudo de losangos de Sor Humfrey Hardyng, Sor Abelar Hightower bateu no de Valarr, e o Ashford mais jovem foi desafiado por Sor Lyonel Baratheon, o cavaleiro a quem chamavam Tempestade Ridente.

Os desafiadores regressaram a trote à extremidade sul das liças para esperar pelos adversários: Sor Abelar em cores de prata e fumo, com uma torre de vigia de pedra no escudo, coroada de fogo; os dois Lannister todos de carmim, ostentando o leão dourado de Rochedo ocidental; a Tempestade Ridente a brilhar de pano de ouro, com um veado negro no peito e no escudo e um par de hastes de ferro no elmo; o Lorde Tully a usar um manto às riscas azuis e vermelhas, preso com uma truta de prata em cada ombro. Apontavam as suas lanças de três metros e meio para o céu, e o vento fresco fazia bater e puxava pelas flâmulas.

Na extremidade norte do campo, escudeiros seguraram cavalos de batalha brilhantemente arreados para os campeões montarem. Estes puseram os elmos e pegaram em lanças e escudos, iguais em esplendor aos seus adversários: as sedas enfunadas e cor de laranja dos Ashford, os losangos vermelhos e brancos de Sor Humfrey, o Lorde Leo no seu cavalo branco com

jaezes de cetim verde, providos de um padrão de rosas douradas e, claro, Valarr Targaryen. O cavalo do Jovem Príncipe era negro como a noite, para combinar com a cor da armadura, lança, escudo e jaezes. No topo do seu elmo via-se um cintilante dragão de três cabeças, de asas abertas, esmaltado num tom rico de vermelho; um dragão gémeo estava pintado na lustrosa superfície negra do seu escudo. Todos os defensores tinham uma tira de seda cor de laranja atada em volta de um braço, um favor concedido pela bela donzela.

Enquanto os campeões seguiam a trote para as suas posições, o Prado de Vaufreixo ficou quase silencioso. Então soou uma corneta e o silêncio transformou-se em tumulto em meio segundo. Dez pares de esporas douradas espetaram-se nos flancos de dez grandes cavalos de batalha, mil vozes começaram a gritar e a berrar, quarenta cascos ferrados de ferro espezinham e rasgaram a erva, dez lanças baixaram e equilibraram-se, o campo pareceu quase tremer, e campeões e desafiadores juntaram-se numa dilacerante colisão de madeira e aço. Num instante, os cavaleiros tinham passado uns pelos outros, e giravam sobre si próprios para outra investida. O Lorde Tully oscilou sobre a sela mas conseguiu aguentar-se. Quando os plebeus se aperceberam de que todas as dez lanças se tinham quebrado, ouviu-se um grande rugido de aprovação. Era um magnífico agouro para o sucesso do torneio, e uma demonstração da perícia dos competidores.

Escudeiros entregaram novas lanças aos justadores para substituir as lanças quebradas que deitaram fora, e de novo as esporas se enterraram profundamente. Dunk conseguiu sentir a terra a tremer sob as solas dos pés. Em cima dos seus ombros, Egg gritou, feliz, e acenou com os braços escanzelados. O Jovem Príncipe foi quem passou mais perto deles. Dunk viu a ponta da sua lança negra beijar a torre de vigia no escudo do adversário e escorregar para ir colidir com o seu peito, no mesmo instante em que a lança de Sor Abelar rebentava em lascas contra a placa de peito de Valarr. O garanhão cinzento com jaezes de prata e fumo empinou-se com a força do impacto, e Sor Abelar Hightower foi erguido dos estribos e atirado violentamente ao chão.

O Lorde Tully também se encontrava caído, derrubado por Sor Humfrey Hardyng, mas ergueu-se imediatamente de um salto e desembainhou a espada, e Sor Humfrey deitou fora a lança — inteira — e desmontou para prosseguir a luta a pé. Sor Abelar não mostrou tanta vivacidade. O seu escudeiro correu para ele, desapertou-lhe o elmo, e gritou por ajuda, e dois criados ergueram pelos braços o cavaleiro entontecido para o ajudar a regressar ao pavilhão. Noutros pontos do campo, os seis cavaleiros que tinham permanecido montados faziam a sua terceira investida. Mais lanças se estilhaçaram, e desta vez o Lorde Leo Tyrell colocou a ponta com tal pe-

rícia que arrancou o elmo da cabeça do Leão Grisalho. De rosto descoberto, o Senhor de Rochedo Casterly ergueu a mão numa saudação e desmontou, cedendo o recontro. Por essa altura, Sor Humfrey já levava o Lorde Tully à rendição, mostrando-se tão hábil com uma espada como era com uma lança.

Tybolt Lannister e Androw Ashford cavalgaram um contra o outro mais três vezes antes de Sor Androw finalmente perder escudo, montada e confronto no mesmo instante. O Ashford mais jovem durou ainda mais tempo, quebrando nada menos que nove lanças contra Sor Lyonel Baratheon, a Tempestade Ridente. Tanto campeão como desafiador perderam o equilíbrio na décima investida, só para se voltarem a levantar e continuarem a lutar, espada contra mangual. Por fim, um maltratado Sor Robert Ashford admitiu a derrota, mas na bancada o pai parecia tudo menos abatido. Ambos os filhos do Lorde Ashford tinham sido afastados das fileiras dos campeões, era certo, mas tinham-se comportado com nobreza contra dois dos melhores cavaleiros dos Sete Reinos.

Mas eu tenho de me sair ainda melhor, pensou Dunk enquanto observava o vencedor e o vencido a trocarem abraços e a saírem juntos do campo. Não me basta combater bem e perder. Tenho de vencer pelo menos o primeiro desafio, senão perco tudo.

Sor Tybolt Lannister e a Tempestade Ridente iriam agora tomar os seus lugares entre os campeões, substituindo os homens que tinham derrotado. Os pavilhões cor de laranja já estavam a ser desmontados. A alguns metros de distância, o Jovem Príncipe estava sentado à vontade numa cadeira de acampar elevada, à frente da sua grande tenda negra. Tirara o elmo. Possuía cabelo escuro como o pai, mas uma madeixa brilhante cortava-o. Um criado trouxe-lhe um cálice de prata e ele bebeu um gole. *Água, se for sensato, pensou Dunk, vinho se não for.* Deu por si a interrogar-se sobre se Valarr teria realmente herdado parte da perícia do pai, ou se teria apenas atraído o oponente mais fraco.

Uma fanfarrinha de trombetas anunciou que três novos desafiadores tinham entrado na liça. Os arautos gritaram os seus nomes. “*Sor Pearse da Casa Caron, Senhor da Marca.*” Tinha uma harpa de prata pintada no escudo, embora o sobretudo mostrasse um padrão de rouxinóis. “*Sor Joseth da Casa Mallister, de Guardamar.*” Sor Joseth ostentava um elmo alado; no escudo, uma águia de prata voava por um céu de índigo. “*Sor Gawen da Casa Swann, Senhor de Pedrelmo no Cabo da Fúria.*” Um par de cisnes, um preto e um branco, combatiam furiosamente nas suas armas. A armadura e manto do Lorde Gawen e os jaezes do seu cavalo eram também uma extravagância de preto e branco, chegando esta mesmo às riscas da bainha da sua espada e lança.

O Lorde Caron, harpista, cantor e cavaleiro de renome, tocou com a ponta da lança na rosa do Lorde Tyrell. Sor Joseth bateu nos losangos de Sor Humfrey Hardyng. E o cavaleiro preto e branco, Lorde Gawen Swann, desafiou o príncipe preto com o guardião branco. Dunk esfregou o queixo. O Lorde Gawen era ainda mais velho do que o velho, e o velho estava morto.

— Egg, quem é o menos perigoso destes desafiadores? — perguntou ao rapaz sentado nos seus ombros, o qual tanto parecia saber sobre aqueles cavaleiros.

— O Lorde Gawen — disse o rapaz de imediato. — O adversário de Valarr.

— Do *Príncipe* Valarr — corrigiu Dunk. — Um escudeiro deve ter uma língua cortês, rapaz.

Os três desafiadores ocuparam os seus lugares enquanto os três campeões montavam. A toda a volta de Dunk e Egg, homens faziam apostas e gritavam encorajamentos aos seus preferidos, mas Dunk só tinha olhos para o príncipe. Na primeira passagem, deu um golpe de relance no escudo do Lorde Gawen, fazendo deslizar a ponta embotada da lança, tal como fizera com Sor Abelar Hightower, só que desta vez foi defletida na outra direção, para o ar vazio. A lança do Lorde Gawen quebrou-se com limpeza contra o peito do príncipe, e Valarr pareceu por um instante a ponto de cair, antes de recuperar o equilíbrio.

Da segunda vez em que cruzou a liça, Valarr virou a lança para a esquerda, apontando para o peito do adversário, mas em vez disso acertou-lhe no ombro. Mesmo assim, o golpe foi suficiente para fazer o cavaleiro mais velho perder a lança. Um braço rodou em busca de equilíbrio e o Lorde Gawen caiu. O Jovem Príncipe saltou da sela e puxou pela espada, mas o homem caído fez-lhe sinal para que se afastasse e ergueu o visor.

— Rendo-me, Vossa Graça — gritou. — Bem lutado. — Os senhores na bancada ecoaram as palavras dele, gritando “*Bem lutado! Bem lutado!*” enquanto Valarr se ajoelhava para ajudar o grisalho senhor a pôr-se em pé.

— Não foi nada — protestou Egg.

— Cala-te, senão podes voltar para o acampamento.

Mais longe, Sor Joseth Mallister estava a ser levado inconsciente do campo, enquanto o senhor da harpa e o senhor da rosa se atiravam um ao outro energicamente com machados embotados, para deleite da ruidosa multidão. Dunk estava tão atento a Valarr Targaryen que quase nem os viu. *Ele é um cavaleiro razoável, mas não passa disso*, deu por si a pensar. *Contra ele terei uma hipótese. Se os deuses forem bons, posso até derrubá-lo e, depois de apeados, o meu peso e a minha força mostrar-se-ão.*

— Apanha-o! — gritou alegremente Egg, mexendo-se sobre as costas de Dunk na sua excitação. — Apanha-o! Bate-lhe! Sim! Ele está mesmo aí,

ele está mesmo aí! — Parecia ser pelo Lorde Caron que ele gritava. O harpista estava agora a tocar outro tipo de música, empurrando o Lorde Leo cada vez mais para trás, enquanto aço cantava contra aço. A multidão parecia quase igualmente dividida entre os dois, e vivas e pragas misturavam-se livremente no ar da manhã. Lascas de madeira e tinta voavam do escudo do Lorde Leo enquanto o Lorde Pearse ia arrancando as pétalas à sua rosa dourada, uma por uma, até que por fim o escudo se estilhaçou e se rachou. Mas, quando o fez, o machado prendeu-se por um instante na madeira... e o machado do Lorde Leo caiu sobre a haste da arma do adversário, cortando-a a menos de trinta centímetros da sua mão. Deitou fora o escudo quebrado, e de súbito era ela quem estava ao ataque. Momentos depois, o cavaleiro harpista estava caído sobre um joelho a indicar por sinais a sua rendição.

Ao longo do resto da manhã e pela tarde dentro, foi mais do mesmo, com desafiadores a ocuparem o campo aos pares e aos trios, e por vezes aos cinco em simultâneo. Trombetas soavam, os arautos gritavam nomes, cavalos de batalha carregavam, a multidão aplaudia, lanças quebravam-se como gravetos, e espadas ressoavam contra elmos e cotas de malha. Era, de acordo tanto com os plebeus como com os grandes senhores, um dia magnífico de justas. Sor Humfrey Hardyng e Sor Humfrey Beesbury, um ousado jovem cavaleiro às riscas amarelas e pretas com três colmeias no escudo, fizeram em lascas nada menos que uma dúzia de lanças cada um num épico combate a que os plebeus depressa começaram a chamar “a batalha dos Humfreys.” Sor Tybolt Lannister foi derrubado por Sor Jon Penrose, e partiu a espada na queda, mas ripostou apenas com o escudo para ir ganhar o combate e permanecer como campeão. O zarolho Sor Robyn Rhysling, um velho cavaleiro encanecido com uma barba salpicada de branco, perdeu o elmo sob a lança do Lorde Leo durante a primeira arremetida, mas recusou-se a render-se. Arremeteram um contra o outro mais três vezes, com o vento a chicotear o cabelo de Sor Robyn enquanto as lascas de lanças partidas voavam à volta da sua cara nua como facas de madeira, o que Dunk achou ainda mais assombroso quando Egg lhe disse que Sor Robyn perdera o olho por causa duma lasca duma lança quebrada, menos de cinco anos antes. Leo Tyrell foi demasiado cavaleiresco para apontar outra lança à cabeça desprotegida de Sor Robyn, mas mesmo assim a teimosa coragem (ou seria loucura?) de Rhysling deixou Dunk estupefacto. Por fim, o Senhor de Jardim de Cima atingiu a placa de peito de Sor Robyn com um golpe sólido mesmo sobre o coração e atirou-o ao chão, às cambalhotas.

Sor Lionel Baratheon também travou vários combates notáveis. Contra adversários menores, era frequente rebentar em gargalhadas provejantes

no momento em que lhe tocavam no escudo, e continuava a rir enquanto montava, carregava e os fazia saltar dos estribos. Se os desafiadores usassem algum tipo de cimeira nos elmos, Sor Lyonel arrancava-lhas e atirava-as à multidão. As cimeiras eram coisas ornamentadas, feitas de madeira ou couro esculpido, e por vezes douradas ou esmaltadas ou até trabalhadas em prata pura, de modo que os homens que ele derrotava não apreciavam este hábito, apesar de ele o transformar num grande favorito dos plebeus. Não demorou muito até passar a ser escolhido apenas por homens sem cimeira. No entanto, por ruidosa e frequentemente que Sor Lyonel derrotasse os desafiadores à gargalhada, Dunk achava que a distinção do dia devia ir para Sor Humfrey Hardyng, que humilhou catorze cavaleiros, todos eles formidáveis.

Entretanto, o Jovem Príncipe sentava-se à porta do seu pavilhão negro, bebendo do cálice de prata e levantando-se de vez em quando para montar no cavalo e derrotar mais um adversário de pouco relevo. Conquistara nove vitórias, mas a Dunk parecia que todas tinham sido vazias. *Ele está a derrotar velhos e escudeiros recém-promovidos, e alguns senhores de elevado nascimento e baixa perícia. Os homens realmente perigosos estão a passar pelo seu escudo como se não o vissem.*

Ao fim da tarde, uma fanfarra metálica anunciou a entrada de um novo desafiador na liça. Montava um grande cavalo avermelhado, cujos jaezes pretos estavam cortados para revelar vislumbres de amarelo, carmesim e cor de laranja por baixo. Quando se aproximou da bancada para fazer a sua saudação, Dunk viu a cara sob o visor erguido, e reconheceu o príncipe que encontrara nos estábulos do Lorde Ashford.

As pernas de Egg apertaram-se-lhe em volta do pescoço.

— Para com isso — irritou-se Dunk, afastando-as. — Queres estrangular-me?

— *Príncipe Aerion Chamaviva* — gritou um arauto — *da Fortaleza Vermelha de Porto Real, filho de Maekar, Príncipe de Solarestival da Casa Targaryen, neto de Daeron, o Bom, Segundo do Seu Nome, Rei dos Andalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, e Senhor dos Sete Reinos.*

Aerion ostentava um dragão de três cabeças no escudo, mas estava representado em cores muito mais vivas do que as de Valarr; uma cabeça era cor de laranja, uma amarela e uma vermelha, e as chamas que sopravam tinham o brilho da folha de ouro. O seu sobretudo era um rodópio de fumo e fogo entretecidos, e o elmo enegrecido estava encimado por uma cimeira de chamas vermelhas esmaltadas.

Após uma pausa para baixar a lança ao Príncipe Baelor, uma pausa tão breve que foi quase negligente, galopou até à extremidade norte do campo, passou pelo pavilhão do Lorde Leo e do da Tempestade Ridente, abran-

dando apenas quando se aproximou da tenda do Príncipe Valarr. O Jovem Príncipe levantou-se e ficou hirto ao lado do escudo, e por um momento Dunk teve a certeza de que Aerion queria bater-lhe... mas então o príncipe soltou uma gargalhada, avançou a trote e foi bater com força com a ponta da lança nos losangos de Sor Humfrey Hardyng.

— Saí, saí, cavaleirinho — cantarolou numa voz sonora e clara — chegou a altura de enfrentardes o dragão.

Sor Humfrey inclinou rigidamente a cabeça perante o adversário quando o seu cavalo de batalha lhe era trazido, e depois ignorou-o enquanto montava, apertava o elmo e pegava em lança e escudo. Os espetadores foram-se silenciando quando os dois cavaleiros se dirigiram para os seus lugares. Dunk ouviu o *clang* que o Príncipe Aerion fez ao deixar cair a viseira. A corneta soou.

Sor Humfrey começou a avançar lentamente, ganhando velocidade, mas o adversário espetou com força ambas as esporas no cavalo avermelhado, avançando a grande velocidade. As pernas de Egg voltaram a apertar-se.

— *Mata-o!* — gritou de súbito. — *Mata-o, ele está mesmo aí, mata-o, mata-o, mata-o!* — Dunk não tinha a certeza de qual era o cavaleiro a que ele gritava.

A lança do príncipe Aerion, com ponta dourada e pintada às riscas vermelhas, laranja e amarelas, desceu para o outro lado da barreira. *Baixo, baixo de mais*, pensou Dunk no momento em que viu aquilo. *Ele vai falhar o cavaleiro e atingir o cavalo de Sor Humfrey, tem de levantar a lança.* Depois, com um horror crescente, começou a suspeitar de que Aerion não pretendia fazer nada que se parecesse. *Ele não pode querer...*

No último instante possível, o garanhão de Sor Humfrey empinou-se para longe da ponta que se aproximava, com os olhos a rolar de terror, mas era tarde de mais. A lança de Aerion acertou no animal logo acima da armadura que lhe protegia o esterno, e explodiu pela parte de trás do seu pescoço numa torrente de sangue brilhante. Gritando, o cavalo caiu para o lado, desfazendo a barreira de madeira enquanto o fazia. Sor Humfrey tentou saltar do cavalo, mas um pé prendeu-se-lhe no estribo e ouviram-no gritar quando a sua perna foi esmagada entre a vedação estilhaçada e o cavalo em queda.

Todo o Prado de Vaufreixo estava aos gritos. Homens correram para o campo a fim de libertar Sor Humfrey, mas o garanhão, morrendo em agonia, escoiceou-os quando se aproximaram. Aerion, tendo contornado despreocupadamente a carnificina e continuado até ao fim da liça, fez o cavalo dar meia volta e regressou a galope. Também ele gritava, embora Dunk não conseguisse distinguir as palavras, submersas pelos gritos quase humanos do cavalo moribundo. Saltando da sela, Aerion puxou pela espa-

da e avançou sobre o adversário caído. Os seus próprios escudeiros e um dos de Sor Humfrey tiveram de o puxar para longe. Egg contorceu-se aos ombros de Dunk.

— Deixa-me descer — disse o rapaz. — Pobre cavalo, *deixa-me descer*.

Dunk também se sentia doente. *O que faria eu se um destino destes caísse sobre Trovão?* Um homem de armas com uma alabarda acabou com o garanhão de Sor Humfrey, pondo fim aos gritos hediondos. Dunk virou-se e abriu caminho à força através da multidão. Quando chegou a terreno livre, tirou Egg dos ombros. O capuz do rapaz caíra para trás e os seus olhos estavam vermelhos.

— Sim, foi uma coisa terrível de se ver — disse ao moço — mas um escudeiro tem de ser forte. Temo que vás ver acidentes piores noutros torneios.

— Não foi acidente nenhum — disse Egg, com a boca a tremer. — Aeron quis fazer aquilo. Tu viste.

Dunk franziu o sobrolho. A ele também parecera que sim, mas era difícil aceitar que algum cavaleiro pudesse ser tão pouco cavaleiresco, especialmente um cavaleiro que fosse do sangue do dragão.

— O que eu vi foi um cavaleiro verde como a relva do verão a perder o controlo da lança — disse, obstinado — e não quero ouvir mais nada sobre o assunto. O torneio acabou por hoje, parece-me. Vem daí, rapaz.

* * *

Tinha razão a respeito do fim das competições do dia. Quando o caos foi finalmente dominado, o Sol estava baixo a oeste, e o Lorde Ashford ordenou uma interrupção no torneio. Enquanto as sombras da noite se insinuavam no prado, uma centena de archotes foi acesa ao longo da fileira de mercados. Dunk comprou um corno de cerveja para si e meio corno para o rapaz, para o animar. Vaguearam durante algum tempo, escutando uma animada ária tocada com flautas e tambores e vendo um espetáculo de marionetas sobre Nymeria, a rainha guerreira com os dez mil navios. Os bonecreiros só tinham dois navios, mas mesmo assim conseguiram criar uma apaixonante batalha naval. Dunk quis perguntar à rapariga chamada Tanselle se ela já acabara de lhe pintar o escudo, mas viu que estava ocupada. *Vou esperar até que acabe o trabalho da noite*, decidiu. *Talvez nessa altura tenha sede*.

— Sor Duncan — chamou uma voz atrás dele. E depois de novo: — Sor Duncan. — De súbito, Dunk lembrou-se de quem era ele. — Vi-vos hoje entre os plebeus, com este rapaz ao ombro — disse Raymun Fossoway enquanto se aproximava, sorrindo. — Na verdade, era difícil não vos ver.

— O rapaz é meu escudeiro. Egg, este é Raymun Fossoway. — Dunk

teve de empurrar o rapaz para a frente, e mesmo assim Egg baixou a cabeça e fitou as botas de Raymun enquanto resmungava uma saudação.

— Prazer em conhecer-te, rapaz — disse Raymun em tom descontraído. — Sor Duncan, por que não vê o torneio da bancada? Todos os cavaleiros são lá bem-vindos.

Dunk estava à vontade entre os plebeus e os criados; a ideia de reivindicar um lugar entre os senhores, senhoras e cavaleiros com terras deixava-o desconfortável.

— Não teria gostado de ver mais de perto aquele último confronto.

Raymun fez uma careta.

— Nem eu. O Lorde Ashford declarou Sor Humfrey vencedor e premiou-o com o corcel do Príncipe Aerion mas, mesmo assim, ele não será capaz de continuar. Tem a perna partida em dois sítios. O Príncipe Baelor mandou o seu próprio mestre cuidar dele.

— Haverá outro campeão no lugar de Sor Humfrey?

— O Lorde Ashford tinha intenção de atribuir o lugar ao Lorde Caron, ou talvez ao outro Sor Humfrey, aquele que deu a Hardyng uma tão magnífica luta, mas o Príncipe Baelor disse-lhe que não seria apropriado remover o escudo e pavilhão de Sor Humfrey, dadas as circunstâncias. Creio que prosseguirão com quatro campeões em vez de cinco.

Quatro campeões, pensou Dunk. *Leo Tyrell, Lyonel Baratheon, Tybolt Lannister e o Príncipe Valarr*. Vira o suficiente naquele primeiro dia para saber como eram poucas as hipóteses que tinha de resistir aos primeiros três. O que só deixava...

Um cavaleiro andante não pode desafiar um príncipe. Valarr é o segundo na linha de sucessão para o Trono de Ferro. É filho de Baelor Quebra-Lanças, e o seu sangue é o sangue de Aegon, o Conquistador e do Jovem Dragão e do Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão, e eu sou um rapaz qualquer que o velho encontrou atrás duma loja de sopas no Fundo das Pulgas.

Doeu-lhe a cabeça só de pensar naquilo.

— Quem é que o vosso primo pretende desafiar? — perguntou a Raymun.

— Sor Tybolt, se as coisas se mantiverem como estão. Estão bem um para o outro. Mas o meu primo mantém uma vigilância atenta sobre todos os confrontos. Se algum homem for ferido amanhã, ou mostrar sinais de exaustão ou fraqueza, Steffon será rápido em lhe ir bater no escudo, podeis contar com isso. Nunca ninguém o acusou de excesso de cavaleirismo. — Eriu-se, como que para tirar a mordacidade das suas palavras. — Sor Duncan, quereis acompanhar-me numa taça de vinho?

— Tenho um assunto de que tenho de tratar — disse Dunk, desconfortável com a ideia de aceitar hospitalidade que não podia retribuir.

— Eu podia esperar aqui e levar-vos o escudo quando o espetáculo de marionetas acabasse, sor — disse Egg. — Depois vão apresentar o Symeon Olhos de Estrelas, e também vão fazer o dragão voar outra vez.

— Pronto, vedes, o vosso assunto está tratado, e o vinho espera — disse Raymun. — E é uma colheita especial da Árvore. Como podeis recusar?

Privado de desculpas, Dunk não teve alternativa a segui-lo, deixando Egg no espetáculo de marionetas. A maçã da Casa Fossoway flutuava por cima do pavilhão dourado onde Raymun servia o primo. Por trás do pavilhão, dois criados estavam a regar uma cabra com mel e ervas por cima duma pequena fogueira.

— Também há comida, se tiverdes fome — disse Raymun num tom negligente enquanto erguia a aba para Dunk entrar. Um braseiro de carvão iluminava o interior e tornava o ar agradavelmente tépido. Raymun encheu duas taças com vinho. — Diz-se que Aerion está furioso com o Lorde Ashford por entregar o seu corcel a Sor Humfrey — comentou enquanto servia o vinho — mas aposto que foi o tio dele que o aconselhou. — Entregou a Dunk uma taça de vinho.

— O Príncipe Baelor é um homem de honra.

— Tanto quanto o Príncipe Brilhante não o é? — Raymun soltou uma gargalhada. — Não façais um ar tão ansioso, Sor Duncan, não está aqui ninguém além de nós. Não é segredo que Aerion é má rés. Graças aos deuses que está bem abaixo na ordem de sucessão.

— Acreditais mesmo que ele pretendia matar o cavalo?

— Mas há alguma dúvida? Se o Príncipe Maekar cá estivesse, as coisas teriam corrido de outro modo, garanto-vos. Aerion é todo sorrisos e cavaleirismo desde que o pai esteja a ver, se as histórias forem verdadeiras, mas quando não está...

— Eu vi que a cadeira do Príncipe Maekar estava vazia.

— Ele abandonou Vaufreixo para procurar os filhos, com Roland Crakehall, da Guarda Real. Conta-se por aí uma história louca sobre cavaleiros assaltantes, mas aposto que o príncipe só está bêbado algures.

O vinho era fino e frutado, a melhor taça que ele já saboreara. Rolou-o na boca, engoliu, e disse:

— Que príncipe é esse?

— O herdeiro de Maekar. Chama-se Daeron, em honra do rei. Chamam-lhe Daeron, o Bêbado, embora não de modo que o pai possa ouvir. O rapaz mais novo também estava com ele. Saíram juntos de Solarestival mas nunca chegaram a Vaufreixo. — Raymun esvaziou a taça e pô-la de parte. — Pobre Maekar.

— Pobre? — disse Dunk, surpreendido. — O filho do rei?

— O *quarto* filho do rei — disse Raymun — que não é exatamente tão

ousado como o Príncipe Baelor, nem tão inteligente como o Príncipe Aerys, nem tão gentil como o Príncipe Rhaegel. E agora tem de aguentar ver os filhos à sombra dos do irmão. Daeron é um bebedolas, Aerion é vaidoso e cruel, o terceiro filho era tão pouco promissor que o entregaram à Cidadela para fazerem dele um mestre, e o mais novo...

— *Sor! Sor Duncan!* — Egg entrou de rompante, a arquejar. O capuz caíra-lhe para trás, e a luz do braseiro brilhava nos seus grandes olhos escuros. — Tendes de correr, ele está a fazer-lhe mal!

Dunk pôs-se em pé, confuso.

— Fazer mal? Quem?

— *Aerion!* — gritou o rapaz. — Está a *magoa*-la. À bonecreira. Depressa. — Girando sobre si próprio, precipitou-se para a noite.

Dunk fez tenção de o seguir, mas Raymun segurou-lhe no braço.

— Sor Duncan. Ele disse Aerion. Um príncipe do sangue. Tende cuidado.

Dunk sabia que era um bom conselho. O velho teria dito o mesmo. Mas não podia dar-lhe ouvidos. Libertou-se com um puxão da mão de Raymun e saiu do pavilhão. Ouvia gritos vindos da direção da fileira dos mercados. Egg estava quase fora de vista. Dunk correu atrás dele. As suas pernas eram compridas e as do rapaz curtas; rapidamente diminuiu a distância.

Uma muralha de mirones tinha-se reunido em volta dos bonecreiros. Dunk abriu caminho através deles ao encontrão, ignorando as pragas. Um homem de armas com a libré real avançou para lhe bloquear a passagem. Dunk pôs uma grande mão no seu peito e empurrou, atirando o homem a espernear para trás, para se ir estatelar de rabo no chão.

A bancada dos bonecreiros tinha sido derrubada. A dornesa gorda estava no chão a chorar. Um homem de armas tinha as marionetas de Florian e Jonquil penduradas das mãos enquanto outro as incendiava com um archote. Mais três homens abriam arcos e despejavam mais marionetas no chão, e espezinhavam-nas. A marioneta do dragão estava espalhada a toda a volta, aqui uma asa quebrada, ali a cabeça, a cauda partida em três bocados. E no meio de tudo aquilo estava o Príncipe Aerion, resplandecente num gibão de veludo vermelho com longas mangas pendentes, a torcer o braço de Tanselle com ambas as mãos. Ela estava de joelhos, suplicando. Aerion ignorou-a. Forçou-a a abrir a mão e agarrou-lhe num dos dedos. Dunk ficou ali estupidamente parado, sem conseguir acreditar no que estava a ver. Depois ouviu um estalido, e Tanselle gritou.

Um dos homens de Aerion tentou agarrá-lo e foi posto a voar. Três longos passos, e Dunk agarrou no ombro do príncipe e obrigou-o a virar-se com violência. A espada e o punhal estavam esquecidos, bem como tudo o que o velho lhe ensinara. O seu punho atirou Aerion ao chão, e a ponta

da bota esmagou-se contra a barriga do príncipe. Quando Aerion tentou agarrar na faca, Dunk pisou-lhe no pulso e depois voltou a pontapeá-lo, em cheio na boca. Podia tê-lo morto ao pontapé ali mesmo, mas os homens do principelho caíram sobre ele. Tinha um homem agarrado a cada braço e outro a dar-lhe murros nas costas. Assim que se libertou de um, outros dois o agarraram.

Por fim conseguiram atirá-lo ao chão e dominaram-lhe os braços e as pernas. Aerion estava de novo em pé. A boca do príncipe estava ensanguentada. Enfiou um dedo nela.

— Deixaste-me um dos dentes solto — queixou-se — portanto vamos começar por partir todos os teus. — Afastou o cabelo dos olhos. — Parece-me familiar.

— Confundistes-me com um moço de estrebaria.

Aerion fez um sorriso vermelho.

— Lembro-me. Recusaste-te a levar o meu cavalo. Porque foi que deitaste a vida fora? Por esta rameira? — Tanselle estava enrolada no chão, a embalar a mão destroçada. O príncipe deu-lhe um empurrão com a ponta da bota. — Ela não a vale. Uma traidora. O dragão nunca deve perder.

Ele é louco, pensou Dunk, mas continua a ser filho de um príncipe, e quer matar-me. Poderia ter rezado naquele momento, se conhecesse alguma prece até ao fim, mas não houve tempo. Quase nem havia tempo para ter medo.

— Nada mais a dizer? — disse Aerion. — Aborreceis-me, sor. — Voltou a enfiar o dedo na boca ensanguentada. — Arranja um martelo e parte-lhe os dentes todos, Wate — ordenou — e depois vamos abri-lo e mostrar-lhe a cor das entranhas.

— Não! — disse uma voz de rapaz. — Não o magoeis!

Pela bondade dos deuses, o rapaz, o bravo e tolo rapaz, pensou Dunk. Lutou contra os braços que o seguravam, mas não serviu de nada.

— Domina a língua, estúpido moço. Foge. Eles vão magoar-te!

— Não vão, não. — Egg aproximou-se mais. — Se magoarem, responderão perante o meu pai. E perante o meu tio também. Largai-o, já disse. Wate, Yorkel, vós conheceis-me. Fazei o que eu digo.

As mãos que seguravam o braço esquerdo de Dunk desapareceram, e depois o mesmo aconteceu às outras. Não compreendeu o que estava a acontecer. Os homens de armas estavam a afastar-se. Um até ajoelhou. Depois a multidão abriu-se para deixar passar Raymun Fossoy. Envergara a cota de malha e o elmo, e tinha a mão posta sobre a espada. O primo, Sor Steffon, mesmo atrás dele, já desembainhara a sua arma, e com eles viera meia dúzia de homens de armas com o símbolo da maçã vermelha cosido ao peito.

O Príncipe Aerion não lhes prestou atenção.

— Insolente desgraçado — disse a Egg, cuspidando sangue aos pés do rapaz. — Que aconteceu ao teu cabelo?

— Cortei-o, irmão — disse Egg. — Não queria parecer-me contigo.

* * *

O segundo dia do torneio estava encoberto, com rajadas de vento que sopravam de oeste. *A multidão deve ser menor num dia como este*, pensou Dunk. Ter-lhes-ia sido mais fácil encontrar um local junto da vedação para ver as justas de perto. *Egg poderia ter-se sentado no parapeito, enquanto eu ficava em pé atrás dele.*

Mas em vez disso, Egg teria um lugar na bancada, vestido de sedas e peles, enquanto a visão de Dunk ficaria limitada às quatro paredes da cela de torre onde os homens do Lorde Ashford o tinham confinado. A sala tinha uma janela, mas dava para a direção errada. Mesmo assim, Dunk empoleirou-se no banco de janela e olhou sombriamente para fora, para a vila, os campos e a floresta. Tinham-lhe tirado o cinturão de cânhamo em que prendera a espada, e com ele fora-se a espada e o punhal, e também lhe tinham tirado a prata. Esperava que Egg ou Raymun se lembrassem de Castanha e de Trovão.

— Egg — murmurou, em surdina. O seu escudeiro, um rapaz pobre arrancado às ruas de Porto Real. Alguma vez um cavaleiro fora tão idiota? *Dunk, o marmelo, de cabeça mais dura que a muralha dum castelo e lento como um auroque.*

Não lhe fora permitido falar com Egg desde que os soldados do Lorde Ashford os tinham prendido a todos no espetáculo de marionetas. Nem com Raymun, nem com Tanselle, nem com ninguém, nem mesmo com o próprio Lorde Ashford. Perguntou a si próprio se alguma vez voltaria a ver algum deles. Tanto quanto sabia pretendiam mantê-lo naquela pequena sala até morrer. *Que julgava eu que ia acontecer?*, perguntou a si próprio com amargura. *Atirei ao chão o filho de um príncipe e dei-lhe um pontapé na cara.*

Sob aqueles céus cinzentos, os adornos flutuantes dos senhores e grandes campeões de nascimento elevado não pareceriam tão magníficos como pareceram no dia anterior. O sol, emparedado atrás das nuvens, não pintaria os seus elmos de aço com brilho, nem faria os seus embutidos de ouro e prata cintilar e relampejar, mas mesmo assim Dunk gostaria de estar lá entre a multidão para ver as justas. Seria um bom dia para cavaleiros andantes, para homens vestidos de malha simples e cavalos sem armaduras.

Pelo menos conseguia *ouvi-los*. As cornetas dos arautos ouviam-se

bem, e de vez em quando um rugido proveniente da multidão dizia-lhe que alguém caíra, ou se erguera, ou fizera algo de particularmente ousado. Também ouvia o ruído ténue de cascos e lá muito de vez em quando o tinir de espadas ou o quebrar de uma lança. Dunk estremecia sempre que ouvia este último som; fazia-lhe lembrar o ruído que o dedo de Tanselle fizera quando Aerion o quebrara. Havia também outros sons, mais próximos: passos no corredor que passava pela sua porta, o ruído de cascos no pátio, lá em baixo, gritos e vozes vindos das muralhas do castelo. Por vezes, sobrepunham-se ao torneio. Dunk supunha que ainda bem.

“Um cavaleiro andante é o mais verdadeiro tipo de cavaleiro, Dunk,” dissera-lhe o velho, muito tempo antes. “Outros cavaleiros servem os senhores que os sustentam, ou em nome de quem têm as terras, mas nós servimos onde quisermos, homens em cujas causas acreditamos. Todos os cavaleiros juram proteger os fracos e inocentes, mas nós cumprimos melhor o juramento, parece-me.” Estranho como aquela recordação parecia forte. Dunk esquecera quase por completo aquelas palavras. E talvez o velho também as tenha esquecido, para o fim.

A manhã transformou-se em tarde. Os sons distantes do torneio começaram a reduzir-se e a morrer. O ocaso começou a penetrar na cela, mas Dunk continuou sentado no banco de janela, a olhar a escuridão que se aprofundava e a tentar ignorar a barriga vazia.

E então ouviu passos e um retinir de chaves de ferro. Desenrolou-se e pôs-se em pé quando a porta se abriu. Dois guardas entraram, um dos quais trazendo uma candeia de azeite. Uma criada seguiu-os com um tabuleiro de comida. Atrás veio Egg.

— Deixai a candeia e a comida e saí — disse-lhes o rapaz.

Fizeram o que ele ordenara, embora Dunk tivesse reparado que deixaram a pesada porta de madeira entreaberta. O cheiro da comida fê-lo tomar consciência de como estava esfomeado. Havia pão quente e mel, uma tigela de papas de ervilhas, uma espetada de cebolas assadas e carne bem esturricada. Sentou-se junto da bandeja, partiu o pão com as mãos, e enfiou algum na boca.

— Não há faca — observou. — Eles julgaram que eu te ia apunhalar, rapaz?

— Não me disseram o que pensaram. — Egg usava um gibão justo de lã preta com uma cintura pregueada e longas mangas forradas de cetim vermelho. No peito tinha cosido o dragão de três cabeças da Casa Targaryen. — O meu tio diz que devo pedir-vos humildemente perdão por vos ter enganado.

— O teu tio — disse Dunk. — Estás a falar do Príncipe Baelor. O rapaz tinha uma expressão infeliz.

— Nunca quis mentir.

— Mas mentiste. Sobre tudo. Começando pelo teu nome. Nunca ouvi falar dum Príncipe Egg.

— É diminutivo de Aegon. O meu irmão Aemon chamou-me Egg. Ele está agora na Cidadela, a aprender a ser um mestre. E Daeron também me chama Egg às vezes, e as minhas irmãs também.

Dunk pegou na espetada e mordeu um bocado de carne. Cabra, temperada com uma qualquer especiaria de nobre que ele nunca tinha provado. Gordura correu-lhe pelo queixo abaixo.

— Aegon — repetiu. — Claro que teria de ser Aegon. Como Aegon, o Dragão. Quantos Aegons foram reis?

— Quatro — disse o rapaz. — Quatro Aegons.

Dunk mastigou, engoliu, e partiu mais um pouco de pão.

— Porque foi que fizeste isto? Foi alguma brincadeira, para fazer o estúpido cavaleiro andante de idiota?

— Não. — Os olhos do rapaz encheram-se de lágrimas, mas ele manteve-se ali em pé, com bravura. — Eu ia servir como escudeiro a Daeron. É o meu irmão mais velho. Aprendi tudo o que tinha de aprender para ser um bom escudeiro, mas o Daeron não é um cavaleiro lá muito bom. Ele não queria participar no torneio, por isso depois de termos saído de Solarestival escapou-se à nossa escolta, só que em vez de voltar para trás foi diretamente para Vaufreixo, achando que nunca nos procurariam nessa direção. Foi ele que me rapou a cabeça. Sabia que o meu pai mandaria homens à nossa procura. O Daeron tem um cabelo comum, uma espécie de castanho-claro, nada de especial, mas o meu é como o de Aerion e o do meu pai.

— O sangue do dragão — disse Dunk. — Cabelo louro prateado e olhos púrpura, toda a gente sabe disso. — *Cabeça dura como a muralha de um castelo, Dunk.*

— Sim. Por isso, Daeron rapou-o. Queria que nós nos escondêssemos até o torneio terminar. Só que depois me confundistes com um moço de estrebaria, e... — Baixou os olhos. — Eu não me importava se Daeron lutava ou não, mas queria ser escudeiro de alguém. Lamento, sor. Lamento mesmo.

Dunk olhou-o, pensativo. Sabia como era querer tanto alguma coisa que se era capaz de dizer uma mentira monstruosa só para chegar perto dessa coisa.

— Eu pensei que eras como eu — disse. — E se calhar és. Só que não da maneira como eu pensava.

— De qualquer forma somos os dois de Porto Real — disse o rapaz num tom esperançoso.

Dunk teve de se rir.
— Sim, tu do topo da Colina de Aegon, e eu do fundo.
— Isso não é assim tão longe, sor.
Dunk deu uma dentada numa cebola.
— Tenho de te chamar *s'nhor* ou *Vossa Graça* ou qualquer coisa dessas?
— Na corte, sim — admitiu o rapaz — mas noutras alturas podeis continuar a chamar-me Egg se quiserdes. Sor.
— Que vão eles fazer comigo, Egg?
— O meu tio quer falar convosco. Depois de acabardes de comer, sor.
Dunk pôs o prato de lado e levantou-se.
— Então já acabei. Já pontapeei um príncipe na boca, não quero deixar outro à espera.

* * *

O Lorde Ashford tinha entregado os seus aposentos ao Príncipe Baelor enquanto este permanecesse no castelo, portanto foi para a sala de visitas do senhor que Egg — não, *Aegon*, teria de se habituar a isso — o conduziu. Baelor estava a ler à luz de velas de cera de abelha. Dunk ajoelhou na sua frente.

— Erguei-vos — disse o príncipe. — Quereis vinho?
— Como vos aprouver, *Vossa Graça*.
— Serve a Sor Duncan uma taça do tinto doce de Dorne, *Aegon* — ordenou o príncipe. — Tenta não o derramar em cima dele, já lhe fizeste mal que chegue.
— O rapaz não derramará, *Vossa Graça* — disse Dunk. — É um bom rapaz. Um bom escudeiro. E não queria fazer-me nenhum mal, eu sei.
— Não é preciso querer-se fazer mal para o fazer. O *Aegon* devia ter vindo ter comigo quando viu o que o irmão estava a fazer àqueles bonecreiros. Em vez disso, correu para vós. Isso não foi nenhuma bondade. O que vós fizestes, sor... bem, eu talvez tivesse feito o mesmo se estivesse no vosso lugar, mas sou um príncipe do reino, não um cavaleiro andante. Nunca é sensato bater no neto dum rei em fúria, seja qual for o motivo.

Dunk anuiu sombriamente. Egg ofereceu-lhe um cálice de prata, cheio de vinho até à borda. Aceitou-o e bebeu um longo trago.

— *Odeio* o *Aerion* — disse Egg com veemência. — E tive de correr para o Sor Duncan, tio, o castelo era longe de mais.

— *Aerion* é teu irmão — disse o príncipe com firmeza — e os septões dizem que devemos amar os nossos irmãos. *Aegon*, agora deixa-nos, quero falar em privado com Sor Duncan.

O rapaz pousou o jarro de vinho e fez uma vénia hirta.

— Como quiserdes, Vossa Graça. — Foi até à porta da sala de visitas e fechou-a suavemente atrás de si.

Baelor Quebra-Lanças estudou os olhos de Dunk por um longo momento.

— Sor Duncan, deixai que vos pergunte o seguinte: quão bom sois na realidade como cavaleiro? Qual é a vossa perícia com as armas?

Dunk não soube o que dizer.

— Sor Arlan ensinou-me a espada e o escudo, e como investir contra anéis e estafermos.

O Príncipe Baelor pareceu perturbado por aquela resposta.

— O meu irmão Maekar regressou ao castelo há algumas horas. Descobriu o herdeiro bêbado numa estalagem a um dia de viagem para sul. Maekar nunca o admitirá, mas creio que tinha a esperança secreta de que os seus filhos pudessem brilhar mais do que os meus neste torneio. Em vez disso, ambos o envergonharam, mas que pode ele fazer? São sangue do seu sangue. Maekar está zangado, e tem de arranjar um alvo para a sua fúria. Escolheu-vos a vós.

— A mim? — disse Dunk, infeliz.

— Aerion já tinha enchido os ouvidos do pai. E Daeron também não vos ajudou. Para desculpar a sua própria cobardia, disse ao meu irmão que um cavaleiro ladrão enorme, encontrado por acaso na estrada, lhe levou Aegon. Temo que tenhais sido representado como esse cavaleiro ladrão, sor. Na história de Daeron, ele passou todos estes dias a perseguir-vos dum lado para o outro, a fim de recuperar o irmão.

— Mas o Egg irá contar-lhe a verdade. Aegon, quero eu dizer.

— O Egg irá contar-lhe, não tenho qualquer dúvida — disse o Príncipe Baelor — mas o rapaz também já foi apanhado a mentir, como tendes bons motivos para recordar. Em qual dos filhos irá o meu irmão acreditar? E quanto a esses bonecreiros, quando Aerion acabar de retorcer a história, serão culpados de alta traição. O dragão é o símbolo da Casa Real. Representar um deles a ser morto, com sangue de serradura a jorrar-lhe do pescoço... bem, sem dúvida que foi inocente, mas esteve longe de ser sensato. Aerion chama ao espetáculo um ataque velado à Casa Targaryen, um incitamento à revolta. É provável que Maekar concorde. O meu irmão tem uma natureza suscetível, e depositou todas as suas melhores esperanças em Aerion, visto que Daeron é um tão grave desapontamento para ele. — O príncipe bebeu um trago de vinho, após o que pôs o cálice de parte. — Seja o que for em que o meu irmão acredita ou deixa de acreditar, uma coisa está fora de qualquer disputa. Vós pusestes as mãos no sangue do dragão. Por essa ofensa, tendes de ser julgado, sentenciado e punido.

— Punido? — Dunk não gostou do som daquilo.

— Aerion gostaria de obter a vossa cabeça, com ou sem dentes. Não a terá, prometo-vos, mas não lhe posso negar um julgamento. Como sua majestade, o meu pai, está a centenas de léguas de distância, teremos de ser eu e o meu irmão a julgar-vos, juntamente com o Lorde Ashford, em cujos domínios nos encontramos, e o Lorde Tyrell de Jardim de Cima, seu suserano. Da última vez que um homem foi declarado culpado de agredir alguém de sangue real, determinou-se que perdesse a mão transgressora.

— A minha *mão*? — disse Dunk, aterrado.

— E o vosso pé. Também o pontapeastes, não é verdade?

Dunk não conseguiu falar.

— É certo que irei pedir aos outros juízes para serem misericordiosos. Sou a Mão do Rei e o herdeiro ao trono, a minha palavra tem algum peso. Mas a do meu irmão também. O risco está presente.

— Eu — disse Dunk — eu... Vossa Graça, eu... — *Eles não pretendiam cometer qualquer traição, era só um dragão de madeira, nunca se pretendeu que fosse um príncipe real*, queria ele dizer, mas as palavras tinham-no abandonado por completo. Nunca fora grande coisa com as palavras.

— No entanto, tendes outra alternativa — disse o Príncipe Baelor em voz baixa. — Se é uma alternativa melhor ou pior, não sei dizer, mas faço-vos lembrar que qualquer cavaleiro acusado de um crime tem o direito de exigir julgamento por combate. Por isso volto a perguntar-vos, Sor Duncan, o Alto: quão bom sois como cavaleiro? De verdade?

* * *

— Um julgamento de sete — disse o Príncipe Aerion, sorrindo. — Tenho esse direito, creio.

O Príncipe Baelor tamborilou na mesa com os dedos, franzindo o sobrolho. À sua esquerda, o Lorde Ashford confirmou lentamente com a cabeça.

— Porquê? — quis saber o Príncipe Maekar, inclinando-se para o filho. — Tens medo de enfrentar sozinho este cavaleiro andante e deixar que os deuses decidam da verdade das tuas acusações?

— Medo? — disse Aerion. — De alguém como ele? Não digais tolices, pai. Os meus pensamentos dirigem-se ao meu querido irmão. Daeron foi também lesado por este Sor Duncan, e tem o direito de primeiro reclamar o seu sangue. Um julgamento de sete permite que ambos o enfrentemos.

— Não me faças favores, irmão — murmurou Daeron Targaryen. O filho mais velho do Príncipe Maekar tinha ainda pior aspeto do que o que

tivera quando Dunk o encontrara na estalagem. Daquela vez parecia estar sóbrio, com o gibão vermelho e preto limpo de manchas de vinho, mas os olhos estavam injetados de sangue e uma fina película de suor cobria-lhe a testa. — Basta-me aplaudir-te enquanto tu matas o patife.

— És demasiado bondoso, querido irmão — disse o Príncipe Aerion, todo sorrisos — mas seria egoísta de minha parte privar-te do direito de provar a verdade das tuas palavras pondo em risco o teu corpo. Tenho de insistir num julgamento de sete.

Dunk não estava a perceber.

— Vossas Graças, senhores — disse ele, dirigindo-se ao estrado. — Não compreendo. O que é este *julgamento de sete*?

O Príncipe Baelor mexeu-se desconfortavelmente na cadeira.

— É outra forma de julgamento por combate. Antiga, raramente pedida. Atravessou o mar estreito com os ándalos e os seus sete deuses. Em qualquer julgamento por combate, o acusador e o acusado pedem aos deuses para que decidam a disputa entre eles. Os ándalos acreditavam que se sete campeões lutassem por cada lado, os deuses, sendo assim honrados, estariam mais dispostos a intervir e a assegurar-se de que um resultado justo seria atingido.

— Ou talvez tivessem simplesmente gosto pela esgrima — disse o Lord de Leo Tyrell, com um sorriso cínico a tocar-lhe os lábios. — Seja como for, Sor Aerion está no seu direito. Terá de ser um julgamento de sete.

— Então tenho de combater *sete homens*? — perguntou Dunk, desesperado.

— Sozinho não, sor — disse impacientemente o Príncipe Maekar. — Não façais de tolo, que não pega. Têm de ser sete contra sete. Tendes de encontrar outros seis cavaleiros para lutar ao vosso lado.

Seis cavaleiros, pensou Dunk. Bem podiam ter-lhe pedido para encontrar seis mil. Não tinha irmãos, nem primos, nem velhos camaradas que o tivessem acompanhado em batalha. Porque haveriam seis estranhos de arriscar as vidas para defender um cavaleiro andante contra dois principelhos da família real?

— Vossas Graças, senhores — disse — e se ninguém tomar o meu partido?

Maekar Targaryen baixou friamente os olhos para ele.

— Se uma causa é justa, bons homens lutarão por ela. Se não conseguirdes encontrar campeões, sor, será porque sois culpado. Haverá algo de mais evidente?

* * *

Dunk nunca se sentira tão só como quando atravessou a pé o portão do Castelo de Vaufreixo e ouviu a porta levadiça descer a chocalhar atrás de si. Caía uma chuva fraca, leve como orvalho na sua pele, e no entanto ele estremeceu com o toque. Do outro lado do rio, anéis coloridos aureolavam os escassos pavilhões onde ainda havia fogos a arder. Calculou que metade da noite já tivesse passado. A alvorada cairia sobre ele dentro de poucas horas. *E com a alvorada vem a morte.*

Tinham-lhe devolvido a espada e a prata, mas enquanto atravessava o rio a vau, os seus pensamentos eram lúgubres. Perguntou a si próprio se esperariam que selasse um cavalo e fugisse. Podia fazê-lo, se quisesse. Isso seria o fim do seu estatuto como cavaleiro, certamente; daí em diante não passaria dum fora-da-lei, até ao dia em que algum senhor o capturasse e lhe cortasse a cabeça. *Antes morrer como cavaleiro do que viver assim*, disse a si próprio com obstinação. Molhado até aos joelhos, atravessou com dificuldade o terreno vazio do torneio. A maior parte dos pavilhões estavam escuros, os seus donos há muito adormecidos, mas aqui e ali ainda ardiavam algumas velas. Dunk ouviu gemidos baixos e gritos de prazer vindos de uma das tendas. Isso fê-lo perguntar se morreria sem nunca conhecer uma donzela.

Então ouviu o resfolegar dum cavalo, um resfolegar que sem que soubesse como reconheceu como sendo de Trovão. Mudou de direção e correu, e ali estava ele, atado com Castanha junto de um pavilhão redondo iluminado por dentro com um vago clarão dourado. No mastro central, a bandeira pendia, ensopada, mas mesmo assim Dunk conseguiu distinguir a curva escura da maçã Fossoway. Parecia-se com a esperança.

— Um julgamento por combate — disse Raymun num tom grave. — Pela bondade dos deuses, Duncan, isso quer dizer lanças de guerra, maçãs de armas, machados de batalha... as espadas não estarão embotadas, compreendeis isso?

— Raymun, o Relutante — troçou o primo, Sor Steffon. Uma maçã feita de ouro e granadas prendia-lhe o manto de lã amarela. — Não tens de ter medo, primo, isto é um combate de cavaleiros. Como não és cavaleiro, a tua pele não está em risco. Sor Duncan, tendes pelo menos um Fossoway. O maduro. Vi o que Aerion fez àqueles bonecreiros. Estou convosco.

— Eu também — exclamou Raymun, zangado. — Só quis dizer...

O primo interrompeu-o.

— Quem mais luta connosco, Sor Duncan?

Dunk abriu as mãos, impotente.

— Não conheço mais ninguém. Bem, à parte Sor Manfred Dondarrion. Ele nem sequer quis atestar que eu era um cavaleiro, nunca arriscará a vida por mim.

Sor Steffon pareceu pouco perturbado.

— Então precisamos de cinco bons homens. Felizmente, tenho mais de cinco amigos. Leo Longthorn, a Tempestade Ridente, o Lorde Caron, os Lannister, Sor Otho Bracken... sim, e os Blackwood também, embora nunca se consiga pôr Blackwood e Bracken do mesmo lado num corpo a corpo. Vou falar com alguns deles.

— Eles não ficarão contentes por serem acordados — objetou o primo.

— Excelente — declarou Sor Steffon. — Se estiverem zangados, lutarão com mais ferocidade. Podeis contar comigo, Sor Duncan. Primo, se eu não regressar antes da alvorada, traz-me a armadura e assegura-te de que Cólera está selado e ajazado para mim. Encontramo-nos no cercado dos desafiadores. — Riu-se. — Este dia será recordado durante muito tempo, parece-me. — Quando saiu a passos largos da tenda, parecia quase feliz.

Raymun nem por isso.

— Cinco cavaleiros — disse num tom sombrio depois do primo sair. — Duncan, tenho relutância em destruir-vos a esperança, mas...

— Se o vosso primo puder trazer os homens de que fala...

— Leo Longthorn? O Bruto de Bracken? A Tempestade Ridente? — Raymun pôs-se em pé. — Conhece-os a todos, não duvido, mas tenho menos certeza de que algum deles o conhece. Steffon vê isto como uma oportunidade de alcançar a glória, mas para vós significa a vida. Devíeis encontrar os vossos próprios homens. Eu ajudo. Será melhor terdes campeões a mais do que a menos. — Um ruído lá fora fez Raymun virar a cabeça. — Quem vem lá? — perguntou, no momento em que um rapaz se baixava para passar pela aba, seguido por um homem magro que envergava um manto preto encharcado de chuva.

— Egg? — Dunk pôs-se em pé. — Que estás tu a fazer aqui?

— Sou o vosso escudeiro — disse o rapaz. — Ireis precisar de alguém que vos arme, sor.

— O senhor teu pai sabe que abandonaste o castelo?

— Pela bondade dos deuses, espero que não. — Daeron Targaryen desprende o pregador que lhe segurava o manto e deixou-o escorregar de cima dos ombros magros.

— Vós? Estais louco para virdes até aqui? — Dunk desembainhou a faca. — Devia enfiar-vos isto na barriga.

— Provavelmente — admitiu o Príncipe Daeron. — Se bem que eu prefira que me sirvais uma taça de vinho. Olhai-me para as mãos. — Estendeu uma e deixou que todos vissem como tremia.

Dunk deu um passo na direção dele, furioso.

— As vossas mãos não me interessam. Mentistes sobre mim.

— Tinha de dizer *alguma coisa* quando o meu pai exigiu saber onde o

meu irmão mais novo se tinha metido — replicou o príncipe. Sentou-se, ignorando Dunk e a faca. — Em boa verdade, nem me tinha apercebido de que o Egg tinha desaparecido. Não estava no fundo da minha taça de vinho, e não tinha procurado em mais sítio nenhum, portanto... — Suspirou.

— Sor, o meu pai vai juntar-se aos sete acusadores — interrompeu Egg. — Implorei-lhe que não o fizesse, mas ele não me dá ouvidos. Diz que é a única maneira de recuperar a honra de Aerion e de Daeron.

— Não que eu tivesse alguma vez pedido que me recuperassem a honra — disse o Príncipe Daeron com amargura. — Quem quer que a tenha, por mim, pode ficar com ela. Mas enfim, aqui estamos. Se vos servir de alguma coisa, Sor Duncan, tendes pouco a temer de mim. A única coisa que aprecio menos do que de cavalos são espadas. Coisas pesadas e bestialmente afiadas. Farei o meu melhor para parecer galante na primeira carga, mas depois disso... bem, talvez possais dar-me um bom golpe de lado no elmo. Fize-o ressoar, mas não *demasiado* ruidosamente, se compreendeis o que quero dizer. Os meus irmãos pedem-me meças no que toca a combater, dançar e pensar, mas nenhum deles me chega aos calcanhares quando se trata de ficar sem sentidos na lama.

Dunk só conseguiu ficar a fitá-lo, e perguntar a si próprio se o príncipe-lho estaria a tentar fazê-lo de idiota.

— Viestes cá porquê?

— Para vos avisar do que enfrentais — disse Daeron. — O meu pai ordenou à Guarda Real que lutasse consigo.

— A Guarda Real? — disse Dunk, horrorizado.

— Bem, os três que estão aqui. Graças aos deuses, o Tio Baelor deixou os outros quatro em Porto Real com o nosso real avô.

Egg forneceu os nomes.

— Sor Roland Crakehall, Sor Donnel de Valdocaso e Sor Willem Wylde.

— Têm pouco voto na matéria — disse Daeron. — Juraram proteger as vidas do rei e da família real, e os meus irmãos e eu somos do sangue do dragão, que os deuses nos ajudem.

Dunk contou pelos dedos.

— Isso faz seis. Quem é o sétimo homem?

O Príncipe Daeron encolheu os ombros.

— Aerion há de encontrar alguém. Se for preciso, comprará um campeão. Não lhe falta ouro.

— Quem temos nós? — perguntou Egg.

— O primo de Raymun, Sor Steffon.

Daeron estremeceu.

— Só um?

— Sor Steffon foi ter com alguns dos seus amigos.

— Eu posso trazer gente — disse Egg. — Cavaleiros. Posso mesmo.

— Egg — disse Dunk — eu vou lutar contra os teus irmãos.

— Mas não ireis magoar Daeron — disse o rapaz. — Ele disse-vos que ia cair. E Aerion... eu lembro-me, quando era pequeno, ele vinha ao meu quarto à noite e punha-me a faca entre as pernas. Dizia que tinha irmãos a mais, talvez um dia me transformasse em irmã, depois podia casar comigo. E atirou o meu gato ao poço. Diz que não atirou, mas ele mente sempre.

O Príncipe Daeron encolheu fadadamente os ombros.

— O Egg diz a verdade. Aerion é um belo monstro. Pensa que é um dragão em forma humana, sabeis? Foi por isso que ficou tão furioso com aquele espetáculo de marionetas. É uma pena que não tenha nascido como Fossoway, então julgar-se-ia uma maçã e estaríamos todos bastante mais seguros, mas é neste pé que estamos. — Dobrando-se, pegou no manto caído e sacudiu dele a chuva. — Tenho de voltar a entrar à socapa no castelo antes que o meu pai comece a interrogar-se sobre o motivo por que estou a levar tanto tempo a amolar a espada mas, antes de me ir embora, gostava de vos dar uma palavrinha em privado, Sor Duncan. Vindes comigo?

Dunk olhou o príncipe com suspeita por um momento.

— Como quiserdes, Vossa Graça. — Embainhou o punhal. — Também preciso de ir buscar o meu escudo.

— Eu e Egg iremos à procura de cavaleiros — prometeu Raymun.

O Príncipe Daeron prendeu o manto em volta do pescoço e puxou o capuz para cima. Dunk regressou atrás dele para a chuva fraca. Dirigiram-se para as carroças dos mercadores.

— Sonhei convosco — disse o príncipe.

— Dissestes isso na estalagem.

— Ah disse? Bem, é verdade. Os meus sonhos não são como os vossos, Sor Duncan. Os meus são verdadeiros. Assustam-me. Vós assustais-me. Sonhei convosco e com um dragão morto, entendeis? Um grande animal, enorme, com asas tão grandes que podiam cobrir este Prado. Tinha caído em cima de vós, mas vós estáveis vivo e o dragão morto.

— Fui eu que o matei?

— Isso não consegui perceber, mas estáveis lá e o dragão também. Nós fomos em tempo os senhores dos dragões, nós, os Targaryen. Agora desapareceram todos, mas nós permanecemos. Não quero morrer hoje. Só os deuses sabem porquê, mas não quero. Portanto fazei-me uma bondade, por favor, e assegurai-vos de que é o meu irmão Aerion quem matais.

— Eu também não quero morrer — disse Dunk.

— Bem, eu não vos matarei, sor. Também retirarei a minha acusação,

mas de nada servirá a menos que Aerion retire a dele. — Suspirou. — Pode ser que vos tenha morto com a minha mentira. Se assim for, lamento. Estou condenado a algum inferno, bem sei. Provavelmente a um inferno sem vinho. — Estremeceu, e foi nesses termos que se separaram, ali à leve chuva fria.

* * *

Os mercadores tinham estacionado as carroças no limite ocidental do prado, sob um aglomerado de bétulas e freixos. Dunk parou debaixo das árvores e olhou impotente para o lugar vazio onde a carroça dos bonecreiros estivera. Desaparecera. Ele temera que isso pudesse ter acontecido. *Eu também fugiria, se não tivesse uma cabeça dura como a muralha dum castelo.* Perguntou a si próprio como poderia agora arranjar um escudo. Tinha a prata para comprar um, supunha, se conseguisse encontrar algum à venda...

— Sor Duncan — chamou uma voz vinda do escuro. Dunk virou-se para ir encontrar o Pate de Aço em pé atrás dele, com uma lanterna de ferro na mão. Sob um curto manto de couro, o armeiro estava nu da cintura para cima, mostrando o peito largo e os braços fortes cobertos de pelos grossos e pretos. — Se viestes buscar o escudo, ela deixou-o comigo. — Olhou Dunk de cima a baixo. — Estou a contar duas mãos e dois pés. Quer dizer que é julgamento por combate, não é?

— Um julgamento de sete. Como soubestes?

— Bem, eles podiam ter-vos beijado e dado uma senhoria, mas não me pareceu provável, e se as coisas tivessem seguido o outro caminho haviam de faltar-vos peças. Agora segui-me.

A carroça dele era fácil de identificar pela espada e pela bigorna pintadas nos lados. Dunk seguiu Pate para dentro. O armeiro pendurou a lanterna num gancho, encolheu-se para fora do manto molhado, e enfiou uma túnica de tecido grosseiro pela cabeça. Uma tábuia com dobradiças caiu de uma das paredes para fazer uma mesa.

— Sentai-vos — disse, empurrando um banco baixo na sua direção.

Dunk sentou-se.

— Para onde foi ela?

— Dirigiram-se para Dorne. O tio da rapariga? Aí está um homem sensato. O desaparecido é esquecido. Ficando e sendo visto é provável que o dragão se lembre. Além disso, ele não achou que ela devesse ver-vos morrer. — Pate foi até à outra ponta da carroça, remexeu por momentos nas sombras, e regressou com o escudo. — O rebordo era de velho aço barato, quebradiço e ferrugento — disse. — Fiz-vos um novo, duas vezes mais grosso,

e pus umas faixas na parte de trás. Agora vai ser mais pesado, mas também mais forte. A rapariga fez a pintura.

Ela fizera melhor trabalho do que Dunk alguma vez esperara. Até à luz da lanterna as cores do poente eram ricas e brilhantes, a árvore alta, forte e nobre. A estrela cadente era um brilhante golpe de tinta no céu de carvalho. Mas agora que Dunk o tinha nas mãos, parecia tudo errado. A estrela estava a *cair*, que tipo de símbolo era esse? Cairia ele com igual rapidez? E o poente anuncia a noite.

— Devia ter ficado com o cálice — disse ele, infeliz. — Pelo menos tinha asas, para voar para longe, e Sor Arlan dizia que a taça estava cheia de fé e camaradagem e de coisas boas para beber. Este escudo está todo pintado como a morte.

— O ulmeiro está vivo — fez Pate notar. — Vedes como as folhas estão verdes? Folhas de verão, com certeza. E eu vi escudos brasonados com crânios, lobos e corvos, até homens enforcados e cabeças ensanguentadas. Serviram bastante bem, e este também servirá. Conheceis a velha rima do escudo? *Carvalho e ferro, defendam-me bem...*

— ... *senão estou morto e no inferno também* — concluiu Dunk. Não pensava naquela rima havia anos. O velho ensinara-lha, muito tempo antes. — Quanto quereis pelo novo rebordo e tudo o resto? — perguntou a Pate.

— De vós? — Pate coçou a barba. — Um cobre.

* * *

A chuva já tinha quase parado quando a primeira luz pálida se derramou pelo céu oriental, mas fizera o seu trabalho. Os homens do Lorde Ashford tinham removido as barreiras, e o campo de torneios era um grande pântano de lama castanha-acinzentada e relva arrancada. Gavinhas de nevoeiro contorciam-se junto ao chão como pálidas serpentes brancas enquanto Dunk regressava na direção da liça. O Pate de Aço caminhava com ele.

A bancada já começara a encher-se, e os senhores e senhoras aconchegavam bem os mantos ao corpo contra o frio da manhã. Os plebeus também deambulavam na direção do campo, e centenas deles já estavam parados ao longo da vedação. *Vieram tantos ver-me morrer*, pensou Dunk com amargura, mas estava a injustiçá-los. Alguns passos mais à frente, uma mulher gritou:

— Que tendes boa sorte.

Um velho avançou para lhe pegar na mão e disse:

— Que os deuses vos deem forças, sor.

Depois um irmão suplicante com uma veste castanha esfarrapada abençoou-lhe a espada, e uma donzela beijou-lhe a cara. *Eles estão a meu favor.*

— Porquê? — perguntou a Pate. — Que lhes sou eu?

— Um cavaleiro que se lembrou do seu juramento — disse o ferreiro.

Foram encontrar Raymun à porta do cercado dos desafiadores na extremidade sul da liça, à espera com o cavalo do primo e o de Dunk. Trovão mexia-se irrequieto sob o peso de testeira, barda e manta de cota de malha pesada. Pate inspecionou a armadura e afiançou que era bom trabalho, embora tivesse sido outra pessoa a forjá-la. Fosse qual fosse a proveniência da armadura, Dunk sentiu-se grato.

Então viu os outros: o homem zarolho com a barba grisalha, o jovem cavaleiro com o sobretudo às riscas amarelas e negras e as colmeias no escudo. *Robyn Rhysling e Humfrey Beesbury*, pensou, espantado. *E Sor Humfrey Hardyng também*. Hardyng estava montado no cavalo ruivo de Aerion, agora ajaezado com os seus losangos vermelhos e brancos.

Foi ter com eles.

— Sores, estou em dívida para convosco.

— A dívida é de Aerion — respondeu Sor Humfrey Hardyng — e tentonamos cobrá-la.

— Tinha ouvido dizer que a vossa perna estava partida.

— Ouvistes a verdade — disse Hardyng. — Não posso andar. Mas enquanto puder sentar-me num cavalo, posso lutar.

Raymun chamou Dunk de parte.

— Tive a esperança de que Hardyng quisesse ter outra oportunidade de lutar com Aerion, e ele queria. Acontece que o outro Humfrey é irmão dele pelo casamento. O Egg é responsável por Sor Robyn, que conhece de outros torneios. Portanto, sois cinco.

— Seis — disse Dunk estupefacto, apontando. Um cavaleiro estava a entrar no cercado, com o escudeiro atrás a trazer o cavalo pela arreata. — A Tempestade Ridente. — Uma cabeça mais alto do que Sor Raymun e quase da mesma altura de Dunk, Sor Lyonel usava um sobretudo de pano de ouro que ostentava o veado coroadado da Casa Baratheon, e trazia o seu elmo provido de hastes debaixo do braço. Dunk estendeu a mão. — Sor Lyonel, não posso agradecer-vos o suficiente por terdes vindo, nem a Sor Steffon por vos haver trazido.

— Sor Steffon? — Sor Lyonel deitou-lhe um olhar confuso. — Foi o vosso escudeiro que veio ter comigo. O rapaz, Aegon. O meu moço tentou correr com ele, mas ele enfiou-se-lhe entre as pernas e despejou-me um jarro de vinho pela cabeça abaixo. — Soltou uma gargalhada. — Não há um julgamento de sete há mais de cem anos, sabíeis? Não ia perder uma oportunidade para lutar contra os cavaleiros da Guarda Real, e ao mesmo tempo torcer o nariz do Príncipe Maekar.

— Seis — disse Dunk a Raymun Fossoway, num tom esperançoso,

quando Sor Lyonel se foi juntar aos outros. — O vosso primo certamente trará o último.

Um rugido ergueu-se da multidão. Na extremidade norte do prado, uma coluna de cavaleiros saiu a trote da névoa do rio. Os três Guardas Reais vinham à frente, como fantasmas nas suas cintilantes armaduras esmaltadas de branco, com longos mantos brancos a esvoaçar atrás das costas. Até os escudos eram brancos, vazios e limpos como uma extensão de neve acabada de cair. Atrás vinha o Príncipe Maekar e os filhos. Aerion estava montado num cavalo cinzento malhado, com laranja e vermelho a tremeluzir a cada passo através dos cortes nos jaezes do cavalo. O cavalo do irmão era um baio mais pequeno com uma armadura de escamas sobrepostas, negras e douradas. Uma pluma de seda verde esvoaçava no elmo de Daeron. Mas era o pai quem tinha uma aparência mais temível. Dentes de dragão, negros e curvos, cobriam-lhe os ombros, encimavam-lhe o elmo e desciam-lhe pelas costas, e o enorme mangual eriçado de espigões que trazia atado à sela era a arma de aspeto mais mortífero que Dunk já vira.

— Seis — exclamou Raymun de repente. — Eles são só seis.

Dunk viu que era verdade. *Três cavaleiros negros e três brancos. Também lhes falta um homem.* Seria possível que Aerion não tivesse sido capaz de encontrar um sétimo homem? O que queria isso dizer? Combateriam seis contra seis se nenhum dos dois encontrasse o sétimo?

Egg surgiu a seu lado ainda ele estava a tentar chegar a alguma conclusão.

— Sor, está na altura de envergardes a armadura.

— Obrigado, escudeiro. Se tiveres a bondade.

O Pate de Aço deu uma ajuda ao rapaz. Lorigão e gorjal, grevas e manoplas, coifa e bragadura, os dois transformaram-no em aço, verificando três vezes cada fivela e cada fecho. Sor Lyonel afiava a espada numa pedra de amolar enquanto os Humfrey conversavam em voz baixa, Sor Robyn rezava, e Raymun Fossoway andava de um lado para o outro, perguntando a si próprio onde se metera o primo.

Dunk estava completamente armado quando Sor Steffon finalmente apareceu.

— Raymun — chamou — a minha cota de malha, por favor. — Vestira um gibão almofadado, para usar debaixo do aço.

— Sor Steffon — disse Dunk — e os vossos amigos? Precisamos de mais um cavaleiro para fazermos sete.

— Precisaís de dois, temo bem — disse Sor Steffon. Raymun acabou de atar a parte de trás do lorigão.

— S'nhor? — Dunk não compreendeu. — Dois?

Sor Steffon pegou numa manopla de aço articulado e enfiou nela a mão esquerda, fletindo os dedos.

— Estou a ver aqui cinco — disse, enquanto Raymun lhe apertava o cinturão da espada. — Beesbury, Rhysling, Hardyng, Baratheon e vós.

— E vós — disse Dunk. — Vós sois o sexto.

— Eu sou o sétimo — disse Sor Steffon, sorrindo — mas do outro lado. Luto com o Príncipe Aerion e os acusadores.

Raymun aprestava-se para entregar o elmo ao primo. Parou como se tivesse sido atingido.

— Não.

— Sim. — Sor Steffon encolheu os ombros. — Sor Duncan compreende, tenho a certeza. Tenho um dever para com o meu príncipe.

— Disseste-lhe para confiar em ti. — Raymun empalidecera.

— Ah disse? — Tirou o elmo das mãos do primo. — Sem dúvida que estava a ser sincero nessa altura. Traz-me o cavalo.

— Vai buscá-lo tu — disse Raymun, zangado. — Se julgas que quero ter alguma participação nisto, és tão burro como vil.

— Vil? — Sor Steffon deu um estalo com a língua. — Cuidado com a língua, Raymun. Somos ambos maçãs da mesma árvore. E tu és o meu escudeiro. Ou será que te esqueceste do teu juramento?

— Não. Tu esqueceste-te do teu? Juraste ser um cavaleiro.

— Serei mais do que um cavaleiro antes de este dia chegar ao fim. *Lorde Fossoway*. Gosto do som que isso tem. — Sorrindo, calçou a outra manopla, virou-se e atravessou o cercado até ao cavalo. Embora os outros defensores o fitassem com olhares de desprezo, ninguém fez um movimento para o impedir.

Dunk viu Sor Steffon levar o cavalo até ao outro lado do campo. As mãos cerraram-se-lhe em punhos, mas sentia a garganta demasiado inflamada para falar. *De qualquer maneira, nenhuma palavra demoveria um homem como aquele.*

— Armai-me cavaleiro. — Raymun pôs uma mão no ombro de Dunk e fê-lo virar-se. — Eu tomo o lugar do meu primo. Sor Duncan, armai-me cavaleiro. — Caiu sobre um joelho.

Franzindo o sobrolho, Dunk moveu uma mão para o cabo da espada, mas depois hesitou.

— Raymun, eu... eu não devo fazê-lo.

— Tendes de o fazer. Sem mim, sois só cinco.

— O rapaz tem razão — disse Sor Lyonel Baratheon. — Fazei-o, Sor Duncan. Qualquer cavaleiro pode armar um cavaleiro.

— Duvidais da minha coragem? — perguntou Raymun.

— Não — disse Dunk. — Não é isso, mas... — Ainda hesitava.

Uma fanfarra de trombetas cortou o ar brumoso da manhã. Egg veio a correr ter com eles.

— Sor, o Lorde Ashford chama-vos.

A Tempestade Ridente sacudiu impacientemente a cabeça.

— Ide com ele, Sor Duncan. Eu armo Sor Rymun cavaleiro. — Desembainhou a espada e afastou Dunk com um empurrão. — Raymun da Casa Fossoway — começou solenemente, tocando com a lâmina no ombro direito do escudeiro — em nome do Guerreiro vos exorto à coragem. — A espada deslocou-se do ombro direito para o esquerdo. — Em nome do Pai vos exorto à justiça. — De volta ao direito. — Em nome da Mãe vos encarrego de defender os jovens e inocentes. — O esquerdo. — Em nome da Donzela vos encarrego de proteger todas as mulheres...

Dunk deixou-os ali, sentindo-se tão aliviado como culpado. *Continuamos a ter um a menos*, pensou enquanto Egg lhe segurava no Trovão. *Onde vou eu encontrar outro homem?* Virou o cavalo e avançou lentamente para a bancada, onde o Lorde Ashford estava à espera. Vindo da extremidade norte da liça, o Príncipe Aerion avançou ao seu encontro.

— Sor Duncan — disse ele com voz alegre — parece que só tendes cinco campeões.

— Seis — disse Dunk. — Sor Lyonel está a armar Raymun Fossoway cavaleiro. Combateremos seis contra sete. — Sabia que havia homens que tinham vencido com probabilidades bem piores.

Mas o Lorde Ashford abanou a cabeça.

— Isso não é permitido, sor. Se não conseguirdes encontrar outro cavaleiro para tomar o vosso partido, tendes de ser declarado culpado dos crimes de que estais acusado.

Culpado, pensou Dunk. *Culpado de deixar um dente a abanar, e por isso tenho de morrer.*

— S'nhor, suplico-vos um momento.

— Concedo-o.

Dunk avançou lentamente ao longo da vedação. A bancada estava repleta de cavaleiros.

— S'nhores — gritou-lhes — *nenhum de vós se lembra de Sor Arlan de Pataqueira? Eu era seu escudeiro. Servimos muitos de vós. Comemos às vossas mesas e dormimos nos vossos salões.* — Viu Manfred Dondarrion sentado no nível mais elevado. — *Sor Arlan foi ferido ao serviço do senhor vosso pai.* — O cavaleiro disse qualquer coisa à senhora sentada a seu lado, sem prestar atenção. Dunk foi forçado a seguir adiante. — *Lorde Lannister; Sor Arlan derrubou-vos uma vez num torneio.* — O Leão Grisalho examinou as mãos enluvadas, recusando-se estudadamente a erguer os olhos. — *Ele era um bom homem, e ensinou-me a ser um cavaleiro. Não apenas a espada*

e a lança, mas também a honra. Um cavaleiro defende os inocentes, dizia ele. Foi só o que eu fiz. Preciso de mais um cavaleiro para lutar a meu lado. Um, é tudo. Lorde Caron? Lorde Swann? — O Lorde Swann riu-se baixinho enquanto o Lorde Caron lhe murmurava ao ouvido.

Dunk puxou as rédeas ao cavalo à frente de Sor Otho Bracken, baixando a voz.

— Sor Otho, todos vos conhecem como um grande campeão. Juntai-vos a nós, suplico-vos. Em nome dos deuses antigos e dos novos. A minha causa é justa.

— Pode ser que o seja — disse o Bruto de Bracken, que teve pelo menos a elegância de responder — mas é a vossa causa, não a minha. Eu não vos conheço, rapaz.

Desolado, Dunk fez Trovão dar meia volta e correu dum lado para o outro em frente das fileiras de homens pálidos e frios. O desespero levou-o a gritar.

— *NÃO HAVERÁ VERDADEIROS CAVALEIROS ENTRE VÓS?*

Só o silêncio respondeu.

Do outro lado do campo, o Príncipe Aerion soltou uma gargalhada.

— Não se troça do dragão — gritou.

Então surgiu uma voz.

— Eu tomarei o partido de Sor Duncan.

Um garanhão negro emergiu das brumas do rio, com um cavaleiro negro nele montado. Dunk viu o escudo do dragão, e a cimeira esmaltada de vermelho no topo do elmo com as suas três cabeças rugidoras. *O Jovem Príncipe. Pela bondade dos deuses, será mesmo ele?*

O Lorde Ashford cometeu o mesmo erro.

— Príncipe Valarr?

— Não. — O cavaleiro negro ergueu a viseira do elmo. — Não pensava entrar na liça em Vaufreixo, senhor, portanto não trouxe armadura. O meu filho teve a bondade de me emprestar a dele. — O Príncipe Baelor fez um sorriso que era quase triste.

Dunk via que os acusadores tinham sido deixados em confusão. O Príncipe Maekar esporeou o cavalo para avançar.

— Irmão, perdeste o juízo? — Apontou um dedo revestido de cota de malha para Dunk. — Este homem atacou o meu filho.

— Este homem protegeu os fracos, como qualquer verdadeiro cavaleiro deve fazer — respondeu o Príncipe Baelor. — Que os deuses determinem se estava certo ou errado. — Puxou pelas rédeas, obrigou o enorme cavalo negro de Valarr a dar uma volta e seguiu a trote para a extremidade sul do campo.

Dunk fez parar Trovão a seu lado, e os outros defensores reuniram-se

à volta de ambos; Robyn Rhysling e Sor Lyonel, os Humfreys. *Todos bons homens, mas serão suficientemente bons?*

— Onde está Raymun?

— Sor Raymun, se fizerdes favor. — Aproximou-se a meio galope, com um sorriso sombrio a iluminar-lhe a cara sob o elmo emplumado. — As minhas desculpas, sor. Precisei de fazer uma pequena alteração ao meu símbolo, para não ser confundido com o meu desonroso primo. — Mostrou a todos o escudo. O polido campo dourado permanecia igual, e a maçã dos Fossoway também lá estava, mas aquela era verde, não vermelha. — Temo ainda não estar maduro... mas antes verde do que com bicho, há?

Sor Lyonel riu-se, e Dunk fez um sorriso involuntário. Até o Príncipe Baelor pareceu aprovar.

O septão do Lorde Ashford viera até à frente da bancada e ergueu o cristal para convocar a multidão para uma prece.

— Prestai-me todos atenção — disse Baelor em voz baixa. — Os acusadores estarão armados com lanças pesadas de guerra para a primeira carga. Lanças de freixo, com dois metros e meio de comprimento, com bandas para evitar que se estilhacem e uma ponta de aço suficientemente afiada para penetrar em placa de aço se tiverem o peso dum cavalo de guerra por trás.

— Nós usaremos o mesmo — disse Sor Humfrey Beesbury. Atrás dele, o septão estava a convocar os Sete para olharem para baixo, julgarem aquela disputa e atribuírem a vitória aos homens cuja causa era justa.

— Não — disse Baelor. — Nós armar-nos-emos com lanças de torneio.

— As lanças de torneio são feitas para se partirem — objetou Raymun.

— E também são feitas com três metros e meio de comprimento. Se as nossas pontas acertarem em cheio, as deles não conseguirão tocar-nos. Apontai para o elmo ou o peito. Num torneio é galante quebrar a lança contra o escudo do adversário, mas aqui isso pode perfeitamente significar a morte. Se conseguirmos derrubá-los e manter-nos montados, a vantagem é nossa. — Olhou Dunk de relance. — Se Sor Duncan for morto, considere-se que os deuses o julgaram culpado, e a disputa termina. Se ambos os seus acusadores forem mortos ou retirarem as acusações, passa-se o mesmo. De outro modo, todos os sete de um lado ou do outro têm de perecer ou de se render para que o julgamento termine.

— O Príncipe Daeron não lutará — disse Dunk.

— Não lutará bem, pelo menos — riu-se Sor Lyonel. — Contra isso, temos três das Espadas Brancas para enfrentar.

Baelor encarou aquilo com calma.

— O meu irmão errou quando exigiu que a Guarda Real lutasse pelo filho. O seu juramento proíbe-os de fazer mal a um príncipe do sangue. Felizmente, é o que eu sou. — Dirigiu-lhes um ténue sorriso. — Mantem-

de os outros longe de mim durante tempo suficiente, que eu lidarei com a Guarda Real.

— Meu príncipe, será isso cavaleiresco? — perguntou Sor Lyonel Baratheon enquanto o septão terminava a sua invocação.

— Os deuses far-nos-ão saber — disse Baelor Quebra-Lanças.

Um profundo silêncio de expectativa caíra sobre o prado de Vaufreixo.

A setenta metros de distância, o garanhão cinzento de Aerion soltou um relincho de impaciência e escarvou o chão lamacento. Por comparação, Trovão estava muito quieto. Era um cavalo mais velho, veterano de meia centena de combates, e sabia o que se esperava dele. Egg entregou o escudo a Dunk.

— Que os deuses estejam convosco, sor — disse o rapaz.

A visão do seu ulmeiro e estrela cadente deu-lhe ânimo. Dunk enfiou o braço esquerdo na correia e apertou os dedos em volta da pega. *Carvalho e ferro, defendam-me bem senão estou morto e no inferno também.* O Pate de Aço trouxe-lhe a lança, mas Egg insistiu que tinha de ser ele a pô-la na mão de Dunk.

De ambos os lados, os companheiros pegaram nas lanças e espalhar-se numa longa fileira. O Príncipe Baelor estava à sua direita e Sor Lyonel à esquerda, mas a estreita ranhura do elmo limitava a visão de Dunk àquilo que estava diretamente à sua frente. A bancada desaparecera, e o mesmo acontecera aos plebeus que se aglomeravam junto à vedação; havia apenas o campo lamacento, a pálida bruma soprada pelo vento, o rio, a vila e o castelo para norte, e o principelho no seu cavalo cinzento com chamas no elmo e um dragão no escudo. Dunk observou o escudeiro de Aerion a entregar-lhe uma lança de guerra, com dois metros e meio de comprimento e negra como a noite. *Ele vai enfiar-me aquilo no coração, se conseguir.*

Soou uma corneta.

Por um segundo, Dunk ficou imóvel como uma mosca em âmbar, embora todos os cavalos estivessem em movimento. Uma punhalada de pânico trespassou-o. *Esqueci,* pensou, descontrolado, *esqueci tudo, vou envergonhar-me, vou perder tudo.*

Trovão salvou-o. O grande garanhão castanho sabia o que fazer, mesmo que o seu cavaleiro não soubesse. Arrancou a trote lento. O treino de Dunk assumiu então o controlo. Deu ao cavalo de guerra um pequeno toque com as esporas e encaixou a lança. Ao mesmo tempo, virou o escudo por forma a cobrir-lhe a maior parte do lado esquerdo do corpo. Segurou-o em ângulo, a fim de defletir os golpes para longe dele. *Carvalho e ferro, defendam-me bem senão estou morto e no inferno também.*

O ruído da multidão não passava do bater de ondas distantes. Trovão pôs-se a galope. Os dentes de Dunk castanholaram com a violência do rit-

mo. Empurrou os calcanhares para baixo, apertando as pernas com toda a força e deixando que o corpo se lhe tornasse parte do movimento do cavalo por baixo de si. *Eu sou o Trovão e o Trovão é eu, somos um animal, estamos unidos, somos um só.* O ar dentro do seu elmo já estava tão quente que quase não conseguia respirar.

Numa justa de torneio, o adversário estaria à sua esquerda, do outro lado da barreira, e ele teria de virar a lança por cima do pescoço de Trovão. O ângulo fazia com que fosse mais provável que a lança se quebrasse com o impacto. Mas o jogo que jogavam naquele dia era um jogo mais mortífero. Sem barreiras a separá-los, os cavalos carregavam a direito uns contra os outros. O enorme cavalo preto do Príncipe Baelor era muito mais rápido do que Trovão, e Dunk vislumbrou-o a cavalgar à frente, através do canto da fenda da viseira. Sentiu os outros mais do que os viu. *Eles não importam, só Aerion importa, só ele.*

Viu o dragão a aproximar-se. Salpicos de lama saltavam dos cascos do cavalo cinzento do Príncipe Aerion, e Dunk viu as narinas do cavalo a dilatarem-se. A lança negra ainda se inclinava para cima. O velho dissera-lhe que um cavaleiro que mantém a lança elevada e a desce no último momento corre sempre o risco de a baixar longe demais. Dunk apontou a sua ponta ao centro do peito do principelho. *A minha lança faz parte do meu braço, disse a si próprio, é o meu dedo, um dedo de madeira. Só tenho de lhe tocar com o meu longo dedo de madeira.*

Tentou não ver a ponta de ferro afiada na extremidade da lança negra de Aerion, que crescia a cada passo. *O dragão, olha para o dragão,* pensou. A grande fera de três cabeças cobria o escudo do príncipe, com asas vermelhas e fogo dourado. *Não, olha para onde queres bater,* lembrou-se de súbito, mas a sua lança já começara a deslizar para o lado. Dunk tentou corrigir, mas era tarde de mais. Viu a ponta a bater no escudo de Aerion, atingindo o dragão entre duas das suas cabeças, rasgando uma mancha de chama pintada. Quando soou um estalo abafado, sentiu Trovão a retrair-se sob o seu corpo, tremendo com a força do impacto e, meio segundo mais tarde, algo se esmagou contra o seu flanco com uma força terrível. Os cavalos colidiram com violência, fazendo retinir armaduras quando Trovão tropeçou e a lança de Dunk lhe caiu da mão. Então viu-se para lá do adversário, agarrando-se à sela num esforço desesperado para se manter a cavalo. Trovão inclinou-se para o lado na lama escorregadia, e Dunk sentiu as patas traseiras a escorregar de debaixo do cavalo. Viu-se a deslizar, a rodopiar, e depois os quartos traseiros do garanhão bateram com força no chão.

— *Para cima!* — rugiu Dunk, golpeando com as esporas. — *Para cima, Trovão!* — E de algum modo o velho cavalo de batalha voltou a equilibrar-se.

Dunk sentia uma dor forte sob as costelas, e o braço esquerdo estava a

ser puxado para baixo. Aerion trespassara com a lança carvalho, lã e aço; um metro de freixo estilhaçado e ferro aguçado projetava-se do seu flanco. Dunk estendeu a mão direita, agarrou a lança logo atrás da cabeça, cerrou os dentes e puxou-a para fora de si com um violento puxão. Sangue seguiu-a, jorrando através dos elos da cota de malha para lhe ir pintar de vermelho o sobretudo. O mundo oscilou, e ele quase caiu. De forma longínqua, através da dor, conseguia ouvir vozes a gritar o seu nome. O seu belo escudo era agora inútil. Deitou-o fora, ulmeiro, estrela cadente, lança quebrada e tudo, e puxou pela espada, mas tinha tantas dores que não lhe parecia ser capaz de a brandir.

Virando Trovão num círculo apertado, tentou obter uma ideia do que estava a acontecer noutros pontos do campo. Sor Humfrey Hardynng agarrava-se ao pescoço da sua montada, obviamente ferido. O outro Sor Humfrey jazia imóvel num lago de lama manchada de sangue, com uma lança quebrada espetada nas virilhas. Viu o Príncipe Baelor a passar a galope, de lança ainda intacta, e a derrubar da sela um dos homens da Guarda Real. Outro dos cavaleiros brancos já estava caído, e Maekar fora também derubado. O terceiro dos homens da Guarda Real estava a esquivar-se a Sor Robyn Rhysling.

Aerion, onde está Aerion? O som de cascos a trovejar atrás dele fez Dunk virar rapidamente a cabeça. Trovão bramiu e empinou-se, brandindo futilmente os cascos enquanto o garanhão cinzento de Aerion ia contra ele a todo o galope.

Daquela vez não havia esperança de recuperar. A espada saltou-lhe a rodopiar das mãos, e o chão ergueu-se ao seu encontro. Aterrou com um doloroso impacto que o sacudiu até aos ossos. A dor apunhalou-o, tão penetrante que soluçou. Por um momento não pôde fazer mais do que ficar ali no chão. O sabor do sangue encheu-lhe a boca. *Dunk, o tolo escudeiro, julgou que podia ser um cavaleiro.* Sabia que tinha de voltar a pôr-se em pé, senão morreria. Gemendo, forçou-se a erguer-se nas mãos e joelhos. Não conseguia respirar, e tampouco conseguia ver. A viseira do elmo estava coberta de lama. Pondo-se cegamente em pé, Dunk raspou a lama com um dedo coberto de cota de malha. *Ali, aquilo é...*

Através dos dedos, vislumbrou um dragão a voar, e um mangual ericado de espigões a rodopiar na ponta duma corrente. Então, a sua cabeça pareceu explodir em bocados.

Quando os olhos se lhe abriram estava de novo no chão, estatelado de costas. Toda a lama lhe tinha sido arrancada do elmo, mas agora um olho estava fechado por sangue. Por cima nada havia além de céu cinzento-escuro. Sentia a cara a latejar, e metal frio e húmido a fazer pressão contra a bochecha e a têmpora. *Ele partiu-me a cabeça, e estou a morrer.* O pior

eram os outros que morreriam com ele, Raymun e o Príncipe Baelor e os demais. *Falhei-lhes. Não sou campeão nenhum. Nem sequer sou um cavaleiro andante. Não sou nada.* Lembrou-se do Príncipe Daeron a gabar-se de que ninguém era capaz de jazer sem sentidos na lama tão bem como ele. *Mas ele nunca tinha visto Dunk, o marmelo, pois não?* A vergonha era pior do que a dor.

O dragão apareceu por cima dele.

Tinha três cabeças, e asas brilhantes como chamas, vermelho, amarelo e laranja. Estava a rir-se.

— Já estás morto, cavaleiro andante? — perguntou. — Grita por quartel e admite a tua culpa, que eu talvez só exija uma mão e um pé. Oh, e esses dentes, mas o que são uns quantos dentes? Um homem como tu pode viver anos de papa de ervilhas. — O dragão voltou a rir-se. — Não? Então come isto. — A bola de espigões rodopiou e rodopiou no céu, e caiu sobre a sua cabeça, tão rápida como uma estrela cadente.

Dunk rolou.

Onde encontrou as forças, não sabia, mas encontrou-as. Rolou contra as pernas de Aerion, envolveu-lhe a coxa num braço vestido de aço, arrastou-o a praguejar para a lama, e rolou para cima dele. *Ele que branda agora a porcaria do mangual.* O príncipe tentou empurrar a borda do escudo contra a cabeça de Dunk, mas o elmo amolgado absorveu o pior do impacto. Aerion era forte, mas Dunk era mais forte, e também maior e mais pesado. Agarrou o escudo com ambas as mãos e torceu-o até que as correias se partiram. Depois bateu com ele no topo do elmo do principelho, uma e outra e outra vez, esmagando as chamas esmaltadas da sua cimeira. O escudo era mais grosso do que o de Dunk fora, sólido carvalho reforçado com ferro. Uma chama quebrou-se. Depois outra. Esgotaram-se as chamas ao príncipe muito antes de se esgotarem os golpes a Dunk.

Aerion largou finalmente o cabo do seu inútil mangual e tentou agarrar o punhal que trazia à anca. Conseguiu desembainhá-lo, mas quando Dunk lhe deu uma forte pancada na mão com o escudo, a faca saltou para a lama.

Ele podia vencer Sor Duncan, o Alto, mas não o Dunk do Fundo das Pulgas. O velho ensinara-lhe justa e esgrima, mas aquele tipo de luta fora aprendido antes, nas ruelas sombrias e vielas tortas por trás das tabernas da cidade. Dunk deitou fora o escudo amolgado e puxou para cima a viseira do elmo de Aerion.

Lembrou-se do Pate de Aço ter dito que uma viseira é um ponto de fraqueza. O príncipe praticamente parara de lutar. Os seus olhos eram purpúreos e estavam cheios de terror. Dunk teve uma súbita vontade de agarrar um e esmagá-lo como uma uva entre dois dedos de aço, mas isso não seria cavaleiresco.

— *RENDEI-VOS!* — gritou.

— Rendo-me — murmurou o dragão, quase sem mover os lábios pálidos. Dunk olhou-o a pestanejar. Por um momento não conseguiu acreditar no que os seus ouvidos tinham ouvido. *Quer dizer que acabou?* Virou a cabeça lentamente de um lado para o outro, tentando ver. A fenda da viseira estava parcialmente fechada pelo golpe que lhe tinha metido para dentro o lado direito da cara. Vislumbrou o Príncipe Maekar, de mangual na mão, a tentar abrir caminho para junto do filho. Baelor Quebra-Lanças estava a retê-lo.

Dunk pôs-se em pé e pôs também o Príncipe Aerion em pé. Tateando os atilhos do elmo, tirou-o e atirou-o fora. De imediato foi submerso em cenizas e sons; grunhidos e pragas, os gritos da multidão, um garranhão a berrar enquanto outro corria sem cavaleiro pelo campo fora. Por todo o lado, aço ressoava em aço. Raymun e o primo estavam a golpear-se um ao outro em frente da bancada, ambos a pé. Os escudos eram ruínas feitas em lascas, e quer a maçã verde, quer a vermelha, estavam transformadas em acendalhas. Um dos cavaleiros da Guarda Real retirava do campo um irmão ferido. Pareciam iguais nas suas armaduras e mantos brancos. O terceiro dos cavaleiros brancos estava caído, e a Tempestade Ridente juntara-se ao Príncipe Baelor contra o Príncipe Maekar. Mangual, machado de batalha e espada colidiam e retiniam, ressoando em elmos e escudos. Maekar estava a receber três golpes por cada um dos que dava, e Dunk viu que aquilo em breve chegaria ao fim. *Tenho de pôr fim a isto antes que sejam mortos mais de nós.*

O Príncipe Aerion deu um súbito mergulho para o mangual. Dunk pontapeou-o nas costas e atirou-o ao chão de cara para baixo, após o que lhe pegou numa das pernas e o arrastou pelo campo fora. Quando chegou à bancada onde se encontrava o Lorde Ashford, o Príncipe Brillante estava tão castanho como uma latrina. Dunk pô-lo em pé e sacudiu-o, fazendo saltar alguma da lama para cima do Lorde Ashford e da bela donzela.

— Diz-lhe!

Aerion Chamaviva cuspiu uma porção de erva e terra.

— Retiro a minha acusação.

* * *

Mais tarde, Dunk não foi capaz de dizer se saiu do campo pelas próprias forças ou se precisou de ajuda. Tinha dores por todo o lado, e nalguns sítios mais do que noutros. *Agora sou um verdadeiro cavaleiro?*, lembrava-se de ter perguntado a si próprio. *Sou um campeão?*

Egg ajudou-o a tirar as grevas e o gorjal, e Raymun também, e até o Pate de Aço. Estava demasiado aturdido para os distinguir uns dos outros. Eram dedos, polegares e vozes. Dunk percebeu que Pate foi quem se queixou.

— Vede o que ele fez à minha armadura — disse. — Toda amolgada, cheia de mossas e de riscos. Pois, pergunto-vos, porque perco tempo? Tenho a impressão de que vou ter de lhe cortar aquela cota de malha de cima.

— Raymun — disse Dunk com urgência, agarrando as mãos do amigo. — Os outros. Como se saíram? — Tinha de saber. — Alguém morreu?

— O Beesbury — disse Raymun. — Morto por Donnel de Valdocaso na primeira carga. Sor Humfrey também está gravemente ferido. O resto de nós estamos magoados e ensanguentados, nada mais. Exceto vós.

— E eles? Os acusadores?

— Sor Willem Wylde, da Guarda Real, foi levado do campo sem sentidos, e acho que parti algumas das costelas ao meu primo. Pelo menos espero que sim.

— E o Príncipe Daeron? — perguntou Dunk. — Sobreviveu?

— Depois de Sor Robyn o derrubar, ficou onde caiu. Pode ter um pé partido. O seu próprio cavalo pisou-o enquanto corria à solta pelo campo.

Aturdido e confuso como estava, Dunk sentiu uma enorme sensação de alívio.

— Então o sonho dele estava errado. O dragão morto. A menos que Aerion tenha morrido. Não morreu, pois não?

— Não — disse Egg. — Vós poupaste-lo. Não vos lembrais?

— Suponho que sim. — As recordações da luta já se estavam a tornar confusas e vagas. — Num momento sinto-me bêbado. No seguinte dói-me tanto que sei que estou a morrer.

Fizeram com que se deitasse de costas e conversaram sobre ele enquanto ele fitava o turbulento céu cinzento. Parecia-lhe que ainda era manhã. Perguntou a si próprio quanto tempo teria durado a luta.

— Pela bondade dos deuses, a ponta da lança enterrou-lhe profundamente os elos na carne — ouviu Raymun dizer. — Vai gangrenar, se não...

— Embededai-o e despejai na ferida óleo a ferver — sugeriu alguém. — É assim que os mestres o fazem.

— Vinho. — A voz tinha uma ressonância metálica. — Óleo *não*, isso iria matá-lo, vinho a ferver. Vou mandar o Mestre Yormwell dar uma vista de olhos nele depois de tratar do meu irmão.

Um cavaleiro alto estava por cima dele, com uma armadura preta amolgada e riscada por muitos golpes. *Príncipe Baelor*. O dragão escarlate no seu elmo perdera uma cabeça, ambas as asas e a maior parte da cauda.

— Vossa Graça — disse Dunk — eu sou vosso. Por favor. Sou vosso.

— Meu. — O cavaleiro negro pôs uma mão no ombro de Raymun para se equilibrar. — Preciso de bons homens, Sor Duncan. O reino... — A sua voz soou estranhamente indistinta. Talvez tivesse mordido a língua.

Dunk estava muito cansado. Era difícil manter-se acordado.

— Vosso — murmurou mais uma vez.

O príncipe moveu lentamente a cabeça de um lado para o outro.

— Sor Raymun... o meu elmo, se tiverdes a bondade. Viseira... a viseira está rachada, e os meus dedos... dedos parecem madeira...

— Imediatamente, Vossa Graça. — Raymun pegou com ambas as mãos no elmo do príncipe e soltou um grunhido. — Mestre Pate, uma ajuda.

O Pate de Aço arrastou para perto do príncipe um banco de montar.

— Está esmagado na parte de trás, Vossa Graça, do lado esquerdo. Enfiou-se no gorjal. Bom aço, este, para parar um tal golpe.

— O mangual do meu irmão, provavelmente — disse Baelor com uma voz entaramelada. — Ele é forte. — Estremeceu. — Isso... dá uma sensação esquisita, eu...

— Aí vem — Pate ergueu o elmo amolgado. — Pela bondade dos deuses. *Oh deuses, oh deuses, oh deuses protejam...*

Dunk viu uma coisa vermelha e húmida cair do elmo. Alguém estava a gritar, alto e terrivelmente. Com o céu sombrio como fundo, um príncipe alto de armadura preta cambaleou com meio crânio apenas. Dunk viu sangue vermelho e osso branco por baixo e mais uma coisa, uma coisa cinzenta-azulada e polposa. Uma expressão estranha e perturbada passou pela cara de Baelor Quebra-Lanças, como uma nuvem a passar por um sol. Ergueu a mão e tocou na parte de trás da cabeça com dois dedos, oh tão ligeiramente. E então caiu.

Dunk apanhou-o.

— Para cima — dizem que terá dito, tal como fizera com Trovão durante o combate — para cima, para cima. — Mas não se lembrava disso mais tarde, e o príncipe não se ergueu.

* * *

Baelor, da Casa Targaryen, Príncipe de Pedra do Dragão, Mão do Rei, Protetor do Território e herdeiro do Trono de Ferro dos Sete Reinos de Westeros, foi entregue ao fogo no pátio do Castelo de Vaufreixo na margem norte do rio Ameijoeiro. Outras grandes casas podiam preferir enterrar os seus mortos na terra escura ou afundá-los no frio mar verde, mas os Targaryen eram do sangue do dragão, e os seus finais eram escritos em chamas.

Ele fora o melhor cavaleiro da sua época, e alguns afirmavam que devia ter partido para enfrentar as trevas vestido de cota de malha e placa

de aço, com uma espada na mão. No fim, contudo, os desejos do rei seu pai prevaleceram, e Daeron II tinha uma natureza pacífica. Quando Dunk passou pelo féretro de Baelor a arrastar os pés, o príncipe usava uma túnica de veludo negro com o dragão de três cabeças realçado em fio escarlate no peito. Em volta da garganta tinha uma pesada corrente de ouro. A sua espada estava embainhada a seu lado, mas ele usava um elmo, um fino elmo de ouro com uma viseira aberta para que os homens pudessem ver-lhe o rosto.

Valarr, o Jovem Príncipe, estava de vigília aos pés do ataúde enquanto o pai se encontrava em câmara-ardente. Era uma versão mais baixa, mais magra, mais bem-parecida do seu progenitor, sem o nariz duas vezes partido que fizera com que Baelor parecesse mais humano do que régio. O cabelo de Valarr era castanho, mas uma brilhante madeixa de louro prateado atravessava-o. Vê-la fez Dunk lembrar-se de Aerion, mas sabia que isso não era justo. O cabelo de Egg estava a crescer tão claro como o do irmão, e Egg era um rapaz bastante decente, para um príncipe.

Quando parou para dar umas condolências desajeitadas, bem carregadas de agradecimentos, o Príncipe Valarr pestanejou na sua direção uns frios olhos azuis e disse:

— O meu pai só tinha trinta e nove anos. Tinha qualidades para ser um grande rei, o maior rei desde Aegon, o Dragão. Porque quiseram os deuses levá-lo e deixar-vos a vós? — Abanou a cabeça. — Fora daqui, Sor Duncan. Fora.

Sem palavras, Dunk saiu a coxear do castelo e dirigiu-se ao acampamento junto da lagoa verde. Não tinha resposta para dar a Valarr. Nem para as perguntas que ele próprio fazia. Os mestres e o vinho a ferver tinham feito o seu trabalho, e o seu ferimento estava a sarar de forma limpa, embora fosse ficar com uma profunda cicatriz pregueada entre o braço esquerdo e o mamilo. Não conseguia olhar para o ferimento sem pensar em Baelor. *Ele salvou-me uma vez com a espada e uma vez com uma palavra, apesar de já ser um homem morto enquanto ali estava em pé.* O mundo não fazia qualquer sentido quando um grande príncipe morria para que um cavaleiro andante pudesse sobreviver. Dunk sentou-se sob o seu ulmeiro e fitou sombriamente os pés.

* * *

Quando quatro guardas com a libré real apareceram no seu acampamento ao fim duma tarde, teve a certeza de que afinal o tinham mesmo vindo matar. Fraco e fatigado de mais para estender a mão para uma espada, sentou-se com as costas apoiadas ao ulmeiro, à espera.

— O nosso príncipe suplica o favor duma conversa privada.

— Que príncipe? — perguntou Dunk, cauteloso.

— Este príncipe — disse uma voz brusca antes de o capitão ter tempo de responder. Maekar Targaryen avançou, vindo de trás do ulmeiro.

Dunk pôs-se lentamente em pé. *Que quer ele de mim agora?*

Maekar fez um gesto, e os guardas desapareceram tão subitamente como tinham aparecido. O príncipe estudou-o durante um longo momento, após o que se virou e se afastou dele para ir parar ao lado da lagoa, fitando o próprio reflexo na água.

— Mandei Aerion para Lys — anunciou de repente. — Alguns anos nas Cidades Livres talvez o mudem para melhor.

Dunk nunca estivera nas Cidades Livres, portanto não soube que resposta dar àquilo. Estava satisfeito por Aerion ter saído dos Sete Reinos, e esperava que nunca mais voltasse, mas isso não era algo que se dissesse a um pai sobre o filho. Ficou em silêncio.

O Príncipe Maekar virou-se para o encarar.

— Há homens que dirão que eu queria matar o meu irmão. Os deuses sabem que é mentira, mas ouvirei os murmúrios até ao dia da minha morte. E foi o meu mangual que deu o golpe fatal, não duvido. Os únicos outros adversários que ele enfrentou na luta foram três Guardas Reais, cujos juramentos os proibem de fazer mais do que defenderem-se. Portanto, fui eu. É estranho, mas não me lembro do golpe que lhe partiu o crânio. Será isso uma mercê ou uma maldição? Um pouco das duas coisas, parece-me.

Pelo modo como olhou para Dunk, pareceu-lhe que o príncipe desejava uma resposta.

— Não sei dizer, Vossa Graça. — Talvez devesse odiar Maekar, mas sentia uma estranha simpatia pelo homem. — Vós brandistes o mangual, s'nhor, mas foi por mim que o Príncipe Baelor morreu. Portanto, também eu o matei, tanto como vós.

— Sim — admitiu o príncipe. — Vós também ireis ouvir esses murmúrios. O rei está velho. Quando morrer, Valarr subirá ao Trono de Ferro em vez do pai. De todas as vezes que uma batalha seja perdida ou se perca uma colheita, os tolos dirão: “Baelor não teria permitido que isto acontecesse, mas o cavaleiro andante matou-o.”

Dunk via a verdade que havia naquilo.

— Se eu não tivesse lutado, vós teríeis cortado a minha mão. E o meu pé. Às vezes sento-me ali debaixo daquela árvore e olho para os pés e pergunto se não podia ter cedido um deles. Como pode o meu pé valer a vida dum príncipe? E os outros dois também, os Humfrey, eles também eram bons homens. — Sor Humfrey Hardyng sucumbira aos ferimentos na noite anterior.

— E que resposta vos dá a sua árvore?

— Nenhuma que eu consiga ouvir. Mas o velho, Sor Arlan, dizia todos os dias ao cair da noite: “Pergunto a mim próprio o que trará a manhã.” Nunca soube, tal como nós. Bem, poderá acontecer que alguma manhã chegue em que eu tenha falta desse pé? Em que o reino precise desse pé, ainda mais do que da vida dum príncipe?

Maekar removeu aquilo durante algum tempo, com a boca bem cerrada sob a barba de prata que fazia com que a sua cara parecesse tão quadrada.

— É improvável como o raio — disse com dureza. — O *reino* tem tantos cavaleiros andantes como andanças, e todos eles têm pés.

— Se Vossa Graça tem uma resposta melhor, gostaria de a ouvir.

Maekar franziu o sobrolho.

— Pode ser que os deuses tenham gosto por partidas cruéis. Ou talvez não existam deuses. Talvez nada disto tenha nenhum significado. Eu perguntaria ao Alto Septão, mas da última vez que fui ter com ele, disse-me que nenhum homem pode realmente compreender as obras dos deuses. Ele talvez devesse experimentar dormir debaixo duma árvore. — Fez uma careta. — O meu filho mais novo parece ter-se tornado vosso amigo, sor. Está na altura de ele ser escudeiro, mas diz-me que não servirá nenhum cavaleiro além de vós. É um rapaz indisciplinado, como tereis reparado. Aceitais?

— *Eu?* — A boca de Dunk abriu-se, fechou-se e voltou a abrir-se. — Egg... quer dizer, Aegon... ele é um bom rapaz mas, Vossa Graça, sei que me concedeis uma honra, mas... eu sou só um cavaleiro andante.

— Isso pode ser mudado — disse Maekar. — Aegon deve regressar para o meu castelo em Solarestival. Há lá um lugar para vós, se o desejardes. Um cavaleiro da minha casa. Jurar-me-eis a vossa espada, e Aegon pode servir-vos como escudeiro. Enquanto o treinardes, o meu mestre de armas completará o vosso treino. — O príncipe deitou-lhe um olhar astuto. — O vosso Sor Arlan fez tudo o que pôde por vós, não duvido, mas ainda tendes muito a aprender.

— Eu sei, s'nhor. — Dunk olhou em volta. Fitou a erva verde e as canas, o grande ulmeiro, as ondulações que corriam pela superfície da lagoa iluminada pelo sol. Outra libélula deslocava-se pela água, ou talvez fosse a mesma. *O que será, Dunk?*, perguntou a si próprio. *Moscas-dragão ou dragões?* Alguns anos antes, teria respondido imediatamente. Aquilo era tudo o que sonhara, mas agora que a possibilidade estava ao alcance da mão, assustava-o. — Imediatamente antes de o Príncipe Baelor morrer, jurei estar ao seu serviço.

— Presunção vossa — disse Maekar. — O que foi que ele disse?

— Que o reino precisava de bons homens.

— Isso é bem verdade. E que tem?

— Aceito o vosso filho como escudeiro, Vossa Graça, mas não em Solarestival. Pelo menos durante um ano ou dois. Ele já viu o bastante de castelos, julgo eu. Só o aceitarei se o puder levar comigo para a estrada. — Apontou para o velho Castanha. — Montará o meu corcel, usará o meu velho manto e manterá a minha espada afiada e a cota de malha limpa. Dormiremos em estalagens e em estábulos, e de vez em quando nos salões de algum cavaleiro com terras ou fidalgote de baixa categoria, e talvez de baixo de árvores quando tiver de ser.

O Príncipe Maekar dirigiu-lhe um olhar incrédulo.

— O julgamento perturbou-vos o juízo, homem? Aegon é um príncipe real. Sangue do dragão. Os príncipes não foram feitos para dormir em valas e comer carne dura e salgada. — Viu Dunk hesitar. — Que tendes medo de me dizer? Dizei o que quiserdes, sor.

— Daeron nunca dormiu numa vala, aposto — disse Dunk, muito baixinho — e toda a carne que Aerion comeu na vida era grossa, tenra e em sangue, provavelmente.

Maekar Targaryen, Príncipe de Solarestival, olhou Dunk do Fundo das Pulgas durante muito tempo, com o maxilar a mover-se em silêncio sob a barba prateada. Por fim, virou-se e afastou-se, sem proferir palavra. Dunk ouviu-o a partir a cavalo com os seus homens. Depois de se irem embora, não se ouviu um som além do ténue zumbido das asas da libélula enquanto esta voava rente sobre a água.

O rapaz veio na manhã seguinte, mesmo na altura em que o Sol nascia. Trazia botas velhas, bragas castanhas, uma túnica de lã castanha, e um velho manto de viajante.

— O senhor meu pai diz que eu tenho de vos servir.

— De vos servir, sor — fez-lhe Dunk lembrar. — Podes começar por selar os cavalos. O Castanha é teu, trata-o bem. Não te quero ver no Trovão, a menos que seja eu a pôr-te nele.

Egg foi buscar as selas.

— Para onde vamos, sor?

Dunk pensou por um momento.

— Nunca estive do lado de lá das Montanhas Vermelhas. Gostavas de dar uma olhadela a Dorne?

Egg fez um sorriso.

— Ouvi dizer que eles têm uns ótimos espetáculos de marionetas — disse.

INTRODUÇÃO

UMA CANÇÃO PARA LYA

A questão é a seguinte: eu nasci e cresci em Bayonne, Nova Jérсия, e nunca fui a *lado nenhum*... pelo menos até à faculdade.

Bayonne é uma península, parte da área metropolitana de Nova Iorque, mas quando eu era rapaz era um mundo em si mesmo. Uma cidade industrial dominada pelas suas refinarias de petróleo e a sua base da marinha, era pequena, com cinco quilómetros de comprimento e só um de largura. Bayonne liga-se a Jersey City a norte; pelos outros lados está inteiramente rodeada por água, com a Baía de Newark a oeste, a Baía de Nova Iorque a leste e o estreito canal de águas profundas que as liga, o Kill van Kull, a sul. Grandes cargueiros oceânicos atravessam o Kill de dia e de noite, entrando e saindo de Elizabeth e Port Newark.

Quando eu tinha quatro anos, a minha família mudou-se para o novo bairro social na First Street, com vista para as águas escuras e poluídas do Kill. Do outro lado do canal, as luzes de Staten Island cintilavam de noite, distantes e mágicas. À parte uma viagem até ao Zoo de Staten Island de três em três ou de quatro em quatro anos, nunca atravessávamos o Kill.

Podia chegar-se a Staten Island com bastante facilidade atravessando a Ponte de Bayonne, mas a minha família não tinha carro e nenhum dos meus pais conduzia. Também se podia atravessar por ferry. O terminal ficava só a alguns quarteirões do bairro social, ao lado do parque de diversões do Uncle Milty. Havia uma “angra” secreta onde um miúdo conseguia chegar caminhando pelas pedras escorregadias e cobertas de óleo durante a maré baixa e contornando a vedação, uma plataformazinha relvada escondida tanto do ferry como da rua. Às vezes gostava de ir até lá, para me sentar na relva acima da água com uma barra de chocolate e alguns livros

de BD, para ler e observar as idas e vindas dos ferries entre Bayonne e Staten Island.

Os barcos faziam travessias frequentes. Não era raro que um se aproximasse enquanto o outro se afastava, e cruzavam-se a meio do canal. A empresa operava três barcos, chamados *Deneb*, *Altair* e *Vega*. Para mim, nenhum cargueiro fretado ou clipper poderia ser mais romântico do que aqueles pequenos ferries. O facto de terem todos nomes de estrelas era parte dessa magia, julgo eu. Embora os três barcos fossem idênticos, tanto quanto eu conseguisse ver, o *Altair* sempre foi o meu preferido. É possível que isso tivesse algo a ver com o filme *Forbidden Planet*¹¹.

Às vezes, depois do jantar, o nosso apartamento podia parecer cheio de gente e barulhento, mesmo sendo só eu, os meus pais e as minhas duas irmãs. Se os meus pais recebiam amigos, a cozinha ficava enevoada com fumo de cigarros e ruidosa de vozes. Às vezes, eu retirava para o meu quarto e fechava a porta. Às vezes, ficava na sala a ver TV com as minhas irmãs. E às vezes saía.

Mesmo do outro lado da rua ficava a Doca de Brady e um longo e estreito parque que corria ao longo do Kill van Kull. Sentava-me aí num banco e ficava a ver os grandes navios passar, ou então deitava-me na relva e olhava as estrelas, cujas luzes ainda eram mais distantes do que as de Staten Island. Mesmo nas noites mais quentes e sufocantes de verão, as estrelas sempre me fizeram estremecer. Orion foi a primeira constelação que aprendi a reconhecer. Erguia o olhar para as suas duas estrelas brilhantes, a Rigel azul e a vermelha Betelgeuse, e perguntava a mim próprio se haveria alguém lá em cima a olhar-me de volta.

Os fãs falam de um “sentido do maravilhamento,” e discutem sobre o modo de o definir. Para mim, o sentido do maravilhamento é a sensação que eu tinha quando me deitava na relva ao lado do Kill von Kull refletindo sobre a luz de estrelas distantes. Elas sempre fizeram com que me sentisse muito grande e muito pequeno. Era uma sensação triste, mas também estranha e doce.

A ficção científica pode causar-me essa mesma sensação.

A minha mais antiga exposição à FC veio da televisão. A minha foi a primeira geração desmamada pela TV. Podíamos não ter a *Rua Sésamo*, mas tínhamos a *Ding Dong School* durante a semana, *Howdy Doody* nas manhãs de sábado e desenhos animados todos os dias da semana. Em *Andy's Gang*, Froggy, o Gremlin, fazia soar a sua corda mágica. Embora eu visse as coisas de Gene Autry, Roy Rogers e Hopalong Cassidy, os cowboys eram mais paixão do meu pai do que minha. Eu preferia cavaleiros: *Robin*

¹¹ Recebeu o título *Planeta Proibido* aquando da exibição em Portugal. (N. do T.)

dos Bosques e Ivanhoe e Sir Lancelot. Mas nada se comparava aos programas espaciais.

Devo ter visto o *Captain Video* no canal Dumont, visto que tenho uma vaga recordação da sua némesis, Tobor (“Robot”, escrito ao contrário, claro). Mas não me lembro do *Space Cadet*; as minhas recordações de Tom Corbett vêm dos livros de Carey Rockwell que li mais tarde. Apanhei o *Flash Gordon* de certeza... o programa de TV, não a série de filmes. Num episódio, Flash visita um planeta cujo povo é bom de dia e mau de noite, um conceito que achei tão fixe que o usei em algumas das minhas primeiras tentativas de criar histórias.

Mas todos estes programas empalideciam perante *Rocky Jones, Space Ranger*, o *crème de la crème* dos programas de FC do início dos anos 50. Rocky tinha a nave com melhor aspeto da TV, a esguia e prateada *Orbit Jet*. Fiquei devastado quando o *Orbit Jet* foi destruído num episódio, mas felizmente depressa foi substituído pela *Silver Moon*, que tinha exatamente o mesmo aspeto. A sua tripulação incluía o copiloto cómico, a namorada afetada, o cientista pomposo e o miudinho irritante do costume, mas também tinha Pinto Vortando. (Alguém que pense que Gene Roddenberry trouxe algo de novo à televisão deve dar uma olhadela a *Rocky Jones*. Está lá tudo, menos o Spock, que deve mais a D. C. Fontana do que a Roddenberry. Harvey Mudd não passa de um Pinto Vortando com menos sotaque).

Quando não estava a ver astronautas e alienígenas na televisão, estava a brincar com eles em casa. Além dos cowboys, cavaleiros e soldados verdes do costume, tinha todos os brinquedos espaciais, as pistolas de raios, os foguetões e os astronautas de plástico duro com capacetes amovíveis de plástico transparente que andavam sempre a perder-se. Os melhores de todos eram os alienígenas de plástico colorido que eu encontrava em caixas na Woolworth’s e na Kresge’s e comprava por cinco cêntimos cada um. Alguns tinham grandes cérebros inchados e outros tinham quatro braços, e alguns eram aranhas com caras ou serpentes com braços e cabeças. O meu preferido tinha uma cabecinha e um peito minúsculos no topo de uma gigantesca e peluda parte inferior. Dei nomes a todos, e decidi que eram um bando de piratas espaciais, liderados pelo maligno marciano de grande cérebro a que chamei Jarn e que era *quase* tão porreiro como o Pinto Vortando. E claro que sonhei histórias sem fim sobre as suas aventuras, e até fiz algumas hesitantes tentativas de escrever uma ou duas dessas histórias.

A ficção científica também podia ser encontrada nos filmes. Vi *Them*¹²

¹² Com o título de *O Mundo em Perigo* em Portugal. (N. do T.)

e *War of the Worlds*¹³ e *The Day the Earth Stood Still*¹⁴ e *This Island Earth e Destination Moon*¹⁵. E *Forbidden Planet*, que envergonhava todos os outros. Mal suspeitava eu de que estava a ter o meu primeiro contacto com Shakespeare ali no DeWitt Theater, graças ao Dr. Morbius e a Robby, o Robot.

A maior parte dos meus queridos livros de BD também eram uma espécie de ficção científica. O super-homem era de outro planeta, não era? Chegou à terra numa *nave espacial*, querem alguma coisa mais científica? O Caçador de Marte veio de Marte, o Lanterna Verde recebeu o anel de um alienígena despenhado, e o Flash e o Eléktron obtiveram os seus poderes num laboratório. A BD também oferecia pura *space opera*. Havia o Space Ranger (o meu preferido), Adam Strange (o preferido de todas as outras pessoas), Tommy Tomorrow (o preferido de ninguém), e um tipo que conduzia um táxi espacial pelas autoestradas espaciais... Havia os Atomic Knights, heróis pós-apocalípticos que patrulhavam um deserto radioativo em armaduras forradas de chumbo, montados em gigantescos dálnatas mutantes... e num patamar algo mais elevado, havia as maravilhosas adaptações da *Guerra dos Mundos* e da *Máquina do Tempo*, editadas pela *Classics Illustrated*, que me apresentaram pela primeira vez o trabalho de H. G. Wells.

Mas tudo isso não passou de prelúdio. Quando eu tinha dez anos, uma amiga de infância da minha mãe chamada Lucy Antonsson deu-me um livro pelo Natal. Não um livro de BD, mas um livro-*livro*, uma edição de capa dura de *Have Space Suit, Will Travel*, por Robert A. Heinlein.

A princípio tive algumas dúvidas, mas gostava do Paladino da TV, e o título sugeria que aquilo podia ser sobre alguma espécie de Paladino espacial, portanto levei-o para casa e pus-me a ler acerca de um miúdo chamado Kip, que vivia numa cidade pequena e nunca ia a sítio nenhum, precisamente como eu. Alguns críticos sugeriram que *Citizen of the Galaxy*¹⁶ é o melhor dos romances juvenis de Heinlein. *Citizen of the Galaxy* é um bom livro. Também *Tunnel in the Sky*¹⁷, *Starman Jones*, *Time for the Stars*¹⁸ e muitos dos outros o são... mas *Have Space Suit, Will Travel* ergue-se acima de todos eles. Kip e PeeWee, o “Ás” e a loja de malte, o velho fato espacial em segunda mão (eu conseguia *cheirá-lo*), a Mãe Coisa, os caras-de-verme, a viagem pela Lua, o julgamento na Pequena Nuvem de Magalhães com o

¹³ Idem como *A Guerra dos Mundos*. (N. do T.)

¹⁴ Idem como *O Dia em que a Terra Parou*. (N. do T.)

¹⁵ Idem como *A Conquista da Lua*. (N. do T.)

¹⁶ Publicado em Portugal como *Cidadão da Galáxia* (Livros do Brasil). (N. do T.)

¹⁷ Publicado em Portugal como *Um Túnel no Céu* (Europa-América). (N. do T.)

¹⁸ Publicado em Portugal como *O Tempo das Estrelas* (Livros do Brasil). (N. do T.)

destino da humanidade em jogo. “Morrer a tentar é a mais orgulhosa das coisas humanas.” O que se pode comparar a isso?

Nada.

Para um rapaz de dez anos em 1958, *Have Space Suit, Will Travel* era crack com uma capa de Ed Emshwiller. Eu tinha de arranjar mais.

Não havia maneira de poder comprar livros de capa dura, claro. *Have Space Suit, Will Travel* tinha custado \$2.95, de acordo com o preço que vinha do lado de dentro da sobrecapa... mas os livros de bolso no mostruário giratório que havia na loja de rebuçados em Kelly Parkway só custavam 35 cêntimos, o preço de três livros e meio de BD. Se não comprasse tanta banda desenhada e deixasse por comer um Milky Way de vez em quando, podia juntar o suficiente para um desses livros. Portanto, poupei os meus cinco e dez cêntimos, parei de ler algumas das séries de BD de que não gostava lá muito para começar, joguei um pouco menos jogos de SkeeBall, evitei as carrinhas da Good Humor e do Mr. Softee quando elas apareciam, e comecei a comprar livros de bolso.

Mundos e universos escancararam-se perante mim. Comprei todos os Heinlein que encontrei; os seus livros “adultos” como *The Man Who Sold the Moon*¹⁹ e *Revolt in 2100*²⁰, visto que os outros juvenis não se encontravam em lado nenhum. RAH era o “decano da ficção científica,” dizia isso mesmo na contracapa dos livros. Se era o decano, devia ser o melhor. Ele continuou a ser o meu escritor preferido durante anos e *Have Space Suit, Will Travel* permaneceu o meu livro preferido... até ao dia em que li *The Puppet Masters*²¹.

Mas também experimentei outros autores, e descobri que gostava quase tanto de alguns deles como de RAH. Adorava Andrew North, que vim a descobrir ser Andre Norton. Um nome é o quê? Tanto a *Plague Ship* de Andrew como a *Star Guard* de Andre me entusiasmaram. O material de A. E. Van Vogt tinha uma tremenda energia, em especial *Slan*²², embora nunca tivesse realmente conseguido descobrir ao certo quem estava a fazer o quê a quem, e porquê. Enamorei-me de *One Against Herculum*, de Jerry Sohl, que me levou a um mundo onde se registavam os crimes na polícia antes de os cometer. Eric Frank Russell saltou para o topo da minha lista quando deparei com *Space Willies*, a coisa mais engraçada que já tinha lido.

Embora comprasse livros da Signet, Gold Medal e todas as outras editoras, os Ace Doubles eram a minha base. *Dois* “romances completos”, im-

¹⁹ Publicado em Portugal como *O Homem que Vendeu a Lua* (Livros do Brasil). (N. do T.)

²⁰ Publicado em Portugal como *Revolta em 2100* (Livros do Brasil). (N. do T.)

²¹ Publicado em Portugal como *Os Manipuladores* (Livros do Brasil). (N. do T.)

²² Publicado em Portugal, com esse mesmo título, pela Livros do Brasil. (N. do T.)

pressos costas contra costas e de pernas para o ar, com *duas* capas, tudo pelo preço de um. Wilson Tucker, Alan Nourse, John Brunner, Robert Silverberg, Poul Anderson (*The War of the Wing-Men*²³ era tão bom que ameaçou a supremacia de *Have Space Suit, Will Travel*), Damon Knight, Philip Dick, Edmond Hamilton, e o magnífico Jack Vance. Conheci-os a todos nas páginas daqueles atarracados livros de bolso de lombadas azuis e vermelhas. Tommy Tomorrow e Rocky Jones não podiam competir com isto. Isto era o material verdadeiro, e eu bebia-o de um trago, com outro logo a seguir.

(As minhas leituras haviam de me levar também até Robert E. Howard, H. P. Lovecraft e J. R. R. Tolkien, mas deixo essas descobertas para outros comentários.)

Além de experimentar diferentes autores, experimentei também diferentes *tipos* de ficção científica: histórias de “alienígenas entre nós”, histórias de “se isto continua”, enredos de viagem no tempo, histórias alternativas com “viagens laterais no tempo”, histórias pós-apocalípticas, utopias e distopias. Mais tarde, como escritor, viria a revisitar muitos desses subgêneros... mas havia um tipo de ficção científica de que eu gostava mais do que de todos os outros, tanto como leitor como mais tarde como escritor. Nasci e cresci em Bayonne e nunca fui a *lado nenhum*, e os meus livros e histórias preferidos eram aqueles que me levavam para lá das colinas, para longe, para terras nunca sonhadas onde podia caminhar sob a luz de estrelas distantes.

Muita da minha FC partilha um universo comum, uma “história futura” fracamente interligada. Não toda, porém. “Run to Starlight” e “A Peripheral Affair” fazem parte de uma continuidade diferente, as duas histórias sobre o anel estelar fazem parte de uma outra, as histórias sobre os cadáveres de uma terceira. “Fast-Friend” é uma história isolada, e o mesmo acontece com mais algumas das minhas outras histórias. E não tenho qualquer intenção de tentar enfiar retroativamente esses órfãos na minha história futura. Isso é sempre um erro.

Aquilo em que eu pensei como a minha história futura principal começou com “The Hero” e atingiu o seu desenvolvimento mais completo no meu primeiro romance, *Dying of the Light*. Nunca tive um nome para ela, pelo menos um nome que tivesse pegado. Em “A Cidade de Pedra” cunhei o termo “território humano” e durante algum tempo tentei usá-lo como designação genérica para a história, análogo ao “Known Space” de Larry Niven. Mais tarde ocorreu-me chamar-lhe “Os Mil Mundos”, o que soa melhor e me teria dado espaço com fartura para adicionar novos planetas à medida que fosse necessitando deles... já para não falar de me pôr no-

²³ Publicado em Portugal como *O Planeta dos Homens Alados* (Livros do Brasil). (N. do T.)

vecentos e noventa e dois mundos acima de John Varley e dos seus “Oito Mundos”. Mas por essa altura a minha escrita estava a levar-me noutras direções, e o nome tornou-se pouco relevante.

“Uma Canção para Lya” foi escrita em 1973, durante os dias passados no programa VISTA da AmeriCorps, nos quais vivi em Margate Terrace, na Alta de Chicago, partilhando um apartamento de terceiro andar, sem elevador, com alguns dos meus compinchas do xadrez universitário e trabalhando na Cook County Legal Assistance Foundation. Também estava no meio do primeiro romance sério da minha vida; não era a primeira vez que estava apaixonado, mas era certamente a primeira vez que os meus sentimentos eram correspondidos. Essa relação deu a “Lya” o seu núcleo emocional; sem ela, eu teria sido o proverbial cego a descrever um pôr do sol. “Uma Canção para Lya” também foi a minha história mais longa até então, a minha primeira novela. Quando a terminei, soube que tinha finalmente ultrapassado “With Morning Comes Mistfall”²⁴ e “The Second Kind of Loneliness”, escritas dois anos antes. *Aquela* era a melhor coisa que eu já fizera.

A *Analog* tornara-se o meu mercado principal, portanto enviei a história a Ben Bova e ele imediatamente a comprou. Tanto Terry Carr como Donald A. Wollheim selecionaram “Lya” para as respetivas e concorrentes antologias de melhores do ano, e foi nomeada para o Nébula e para o Hugo. Robert A. Silverberg também publicou nesse ano uma novela poderosa intitulada “Born With the Dead”, e acabámos por dividir os prémios. Silverberg derrotou-me para o Nébula, mas na Worldcon de 1975 em Melbourne, Austrália, Ben Bova aceitou o Hugo em nome de “Uma Canção para Lya”. Eu estava em Chicago, profundamente adormecido. Voar até à Austrália estava *muito* para além do orçamento que tinha nessa época da minha vida. Além disso, Silverberg já ganhara o Nébula e a Locus Poll, e eu tinha absoluta certeza de que ele ia ficar com três em três.

Decorreram meses até pôr as mãos no foguetão propriamente dito. Bova passou por Minneapolis a caminho de casa, e entregou-o a Gordon R. Dickson, o qual o deu a Joe Haldeman da vez seguinte que o viu, o qual o levou até Iowa City por uns tempos e finalmente mo entregou numa convenção em Chicago. Quando Gardner Dozois me voltou a ver expulsou-me do Clube de Perdedores de Hugos. Robert Silverberg anunciou que ia deixar de escrever ficção científica. Senti-me culpado por isso, uma vez que era um enorme fã do trabalho que ele estava a fazer na época... mas não suficientemente culpado que tivesse pensado em mandar-lhe o meu Hugo, depois de conseguir finalmente arrancar a maldita coisa a Joe Haldeman.

²⁴ Conto publicado na Revista Bang! 8 sob o título “Com a Manhã Chega a Neblina”. (N. do T.)